

UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**A REBELDIA MANIFESTA NO PODER DAS PALAVRAS: ESTUDOS DA POESIA
DA TERRA, À LUZ DA VIDA E OBRA DE LUIZ BELTRAME DE CASTRO**

JULIANA DA SILVA RUSSO

2024

UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL

**A REBELDIA MANIFESTA NO PODER DAS PALAVRAS: ESTUDOS DA POESIA
DA TERRA, À LUZ DA VIDA E OBRA DE LUIZ BELTRAME DE CASTRO**

JULIANA DA SILVA RUSSO

Sob a Orientação da Professora
Adriana Amaral Ferreira

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Serviço Social da
Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro, como parte das exigências para
obtenção do título de bacharel em Serviço
Social.

Seropédica, RJ
2024

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R949r Russo, Juliana da Silva, 1997-
A Rebelião manifesta no poder das palavras:
Estudos da poesia da terra, à luz da vida e obra de
Luiz Beltrame de Castro / Juliana da Silva Russo. -
Seropédica, 2024.
106 f.: il.

Orientadora: Adriana Amaral Ferreira. Trabalho
de conclusão de curso(Graduação). -- Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro, Serviço Social, 2024.

1. Cultura popular. 2. Resistência. 3. Poesia da
terra. 4. Luta pela terra. I. Amaral Ferreira,
Adriana, 1980-, orient. II Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro. Serviço Social III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE HOTELARIA E SERVIÇO SOCIAL



ATA Nº 323/2024 - DeptHOT (12.28.01.00.00.00.10)

Nº do Protocolo: 23083.009067/2024-18

Seropédica-RJ, 23 de fevereiro de 2024.

ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

No dia 23 (vinte e três) de fevereiro do ano de 2024, às 17 (dezessete) horas, através da plataforma Google Meet, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, foi instalada a Sessão Pública de Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso da estudante, Juliana da Silva Russo, matrícula 2017405130, que apresentou o trabalho intitulado “A rebeldia manifesta no poder das palavras: estudos da poesia da terra, à luz da vida e da obra de Luiz Beltrame de Castro”.

A Banca Examinadora foi composta por: Adriana Amaral Ferreira (presidente), Carmen Oliveira Frade (examinadora 1), Luciene Sales Sena (examinadora 2).

Abrindo a sessão, a presidente da comissão, após dar a conhecer aos presentes os procedimentos para a condução dos trabalhos, passou a palavra à estudante, que fez a apresentação do seu Trabalho de Conclusão de Curso. Seguiu-se a arguição pelas examinadoras, com a respectiva defesa do TCC pela candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Sendo a candidata considerada Aprovada.

O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pela Presidente da Banca. Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente Ata, que será assinada por todas as participantes da Comissão Examinadora.

Adriana Amaral Ferreira (Orientadora)

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ

Carmen Oliveira Frade

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ

Luciene Sales Sena

Universidade Federal da Bahia - UFBA

(Assinado digitalmente em 23/02/2024 21:53)

ADRIANA AMARAL FERREIRA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DepiHOT (12.28.01.00.00.00.10)
Matricula: ###832#6

(Assinado digitalmente em 23/02/2024 22:23)

CARMEN OLIVEIRA FRADE
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DepiHOT (12.28.01.00.00.00.10)
Matricula: ###067#1

(Assinado digitalmente em 24/02/2024 08:17)

JULIANA DA SILVA RUSSO
DISCENTE
Matricula: 2017#####0

(Assinado digitalmente em 26/02/2024 04:28)

LUCIENE SALES SENA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ###.###.327-##

Visualize o documento original em <https://sipac.ufbrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **323**, ano: **2024**, tipo: **ATA**, data de emissão: **23/02/2024** e o código de verificação: **ce1fe5e010**

DEDICATÓRIA

Para minha querida avó, Malvina. (In Memoriam)

AGRADECIMENTOS

Confesso que o agradecimento foi a parte mais demorada da pesquisa, pois depois de tanto tempo, aproximadamente três anos de elaboração, pude respirar e conceber o tão sonhado Trabalho de conclusão de curso. Então é isso? Realmente acabou? Não, é apenas o começo de um novo ciclo. Neste momento tenho a oportunidade de olhar para trás e enxergar o quanto foi possível caminhar, apesar das dificuldades. Assim, nada mais justo do que agradecer primeiramente à espiritualidade maior, agradecer o privilégio da aproximação com a ancestralidade e o reencontro com minha força interior, que foi (e sempre será) um grande combustível para a caminhada do meu desenvolvimento como ser humano e profissional.

Em seguida, agradeço a toda minha família, em especial aos meus pais, Marcos Antonio e Janaina, que desde os meus primeiros passos lutaram pela minha educação. A vocês, meu alicerce, agradeço todos os dias!

Agradeço ao Gabriel, meu grande amor e companheiro. Obrigada por todos os abraços nos piores dias, obrigada pelos sorrisos no fim de tudo.

Agradeço à minha querida professora e orientadora Adriana Amaral Ferreira, por me apresentar à educação popular a partir da poesia do campo, modificando minha vida drasticamente. Obrigada por sua doçura, empatia e comprometimento com a arte de ensinar. Assim, também agradeço ao grupo de estudos sobre cultura e educação popular, espaço onde pude expandir ainda mais minhas reflexões críticas sobre o mundo, abraçar e vivenciar experiências únicas.

Considerando o processo formativo, agradeço imensamente ao curso de Serviço Social da UFRRJ, com sua construção única forma profissionais incrivelmente competentes para o mundo. A todos os docentes, técnicos e discentes que compõem esta potência.

Por fim, agradeço primeiramente ao seu Luiz poeta, por ser a grande fonte de inspiração para esta pesquisa, com seu incrível relato de experiência de vida através da poesia. Obrigada seu Luiz, por ser uma fonte de inspiração de luta, um respiro de esperança em meio ao caos da sobrevivência à barbárie. Do fundo do meu coração, agradeço a todos os lutadores do Brasil.

RESUMO

A presente pesquisa tem como principal foco conhecer as formas de resistência de luta pela terra através da cultura popular e a partir da memória dos movimentos sociais auto-organizados produtores de práxis emancipatória de luta pela terra. Assim, o estudo será direcionado pela poética de Luiz Beltrame de Castro, um poeta do MST, como uma representação da práxis emancipatória presente nas experiências populares. Partindo de uma reflexão sobre a cultura popular, adentramos na história da luta pela terra no Brasil, que tem suas raízes nas lutas ancestrais por liberdade, atendo-se a formação social brasileira e suas bases na exploração escravista no capitalismo periférico. Dessa forma, identificamos a formação dos movimentos de luta pela terra à luz das Ligas Camponesas e posteriormente com a formação do Movimento dos Trabalhadores Sem terra – MST. A literatura de características populares e a poesia da terra são uma representação dessa resistência, que se representa a partir da vida e obra de Seu Luiz, um poeta centenário que teve sua autoformação nas experiências de luta pela terra.

Palavras-Chave: Cultura popular; Resistência; Poesia da terra; Luta pela terra

ABSTRACT

The main focus of this research is to understand the forms of resistance in the struggle for land through popular culture and from the memory of self-organized social movements that produce emancipatory praxis of struggle for land. Thus, the study will be guided by the poetics of Luiz Beltrame de Castro, an MST poet, as a representation of the emancipatory praxis present in popular experiences. Starting from a reflection on popular culture, we delve into the history of the struggle for land in Brazil, which has its roots in ancestral struggles for freedom, taking into account Brazilian social formation and its bases in slave exploitation in peripheral capitalism. In this way, we identify the formation of movements fighting for land in the light of the Peasant Leagues and later with the formation of the Landless Workers Movement – MST. Literature with popular characteristics and the poetry of the land are a representation of this resistance, which is represented from the life and work of Seu Luiz, a century-old poet who had his self-formation in the experiences of fighting for the land.

Keywords: Popular culture; Resistance; Earth poetry; Fight for land

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Luiz Beltrame de Castro	64
Figura 2 - Seu Luiz em seu aniversário de 106 anos	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 A CULTURA POPULAR E AS RAÍZES DA RESISTÊNCIA	17
1.1 Cultura como modo de vida	17
1.2 Reflexões sobre a formação social brasileira e as bases da exploração escravista no capitalismo periférico	25
1.3 Tradições ancestrais de resistência da luta pela terra no Brasil	30
1.3.1 Experiências de organizações da luta pela terra no Brasil: a formação das Ligas Camponesas	34
1.4 Experiências de resistência formadoras a partir da educação popular “freireana”	41
2 A LUTA PELA TERRA NO BRASIL E SUA REPRESENTAÇÃO NA LITERATURA POPULAR	50
2.1 Crise estrutural e a resistência popular no Brasil	50
2.2 A origem do movimento dos Trabalhadores Sem terra - MST	56
2.3 A literatura como forma de resistência e expressão popular	62
3 LUIZ BELTRAME DE CASTRO, SEU LUIZ POETA	65
3.1 O estilo literário do poeta do campo	72
3.2 A identidade do homem do campo: recriar o destino traçado através da mística das palavras	78
3.3 Consciência forjada na luta: a pedagogia das Marchas Nacionais Pela Reforma Agrária	86
3.3.1 A Marcha Nacional por Emprego, Justiça e Reforma agrária - 1997	89
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101

INTRODUÇÃO

No contexto da sociedade atual estamos vivendo uma crise estrutural acirrada (Mészáros, 2011), compreendendo que é preciso estar atento de forma crítica a essa realidade, como uma das primeiras formas de enfrentamento ao sistema capitalista. Na contemporaneidade a tendência é haver um declínio das tradições ancestrais e populares, que reforçam a resistência contra a dominação do capital. Sendo esta impessoal e objetiva, ceifando a subjetividade humana, em sua potência histórica de realização de ações livres e conscientes. Busca-se na atualidade resgatar experiências de luta que rompem com o paradigma histórico das contradições do capital, tendo em vista a cultura popular como um dos caminhos do enfrentamento necessário.

Nesse sentido, refletir sobre a história da luta pela terra no Brasil a partir da cultura popular, justifica-se por nos permitir revisitar as bases das organizações de resistência das massas. A partir de um estudo sobre a poética de Luiz Beltrame de Castro, como uma representação da práxis emancipatória presente nas experiências populares.

Assim, é possível notar que o estudo com foco nos movimentos sociais de luta pela terra e na cultura popular pode impactar direta ou indiretamente os próprios integrantes dos movimentos sociais auto-organizados, que lutam diariamente para ter voz e para resgatar sua memória, assim como acadêmicos que se propõem a estudar de forma profunda sobre a temática, levando em consideração as narrativas das experiências de luta, e por fim, seu Luiz poeta (em memória), que é um dos grandes protagonistas desta pesquisa a partir de sua vivência compartilhada em suas duas obras publicadas, *Sonho com a terra* (2002) e *Sonho com a Vida* (2009). É possível refletir sobre o contexto de resistência através do movimento do resgate de sua memória, conhecendo as experiências populares a partir de suas narrativas, sem a sobreposição de saberes.

Por consequência, busca-se contribuir para a produção do conhecimento sobre o tema, reforçando a importância da educação popular freireana na metodologia do estudo. Além disso, observando que a formação universitária não é feita somente das experiências programadas em sala de aula, mais do que nunca, é

preciso incentivar a importância da pesquisa e extensão com propósito de aprendizado junto às comunidades.

Para tanto, é necessário conceituar a história da luta pela terra no Brasil e os movimentos sociais auto-organizados da América Latina, contextualizar a formação social brasileira em suas bases sociopolítico e cultural, resgatar a história de Luiz Beltrame de Castro a partir de sua obra e analisar a sua poética de resistência, enquanto um processo de representação estética da práxis emancipatória.

A pesquisa foi construída inicialmente a partir das aproximações com o Grupo de estudos cultura e educação popular (Gecep) desde o ano de 2018. Estreitando os laços em março de 2020, com o início da jornada como bolsista de iniciação científica PIBIC, no projeto de pesquisa “Cultura popular e estética nos movimentos sociais da América Latina”, a partir do programa de estudos “Poesias da Terra” e como extensionista no projeto de extensão “Educação popular, Movimentos Sociais e Serviço Social” (2019-2023), coordenados pela professora Adriana Amaral Ferreira. Neste mesmo período, vivenciamos os impactos ocasionados pela pandemia de Covid19, lidando com a necessidade de repensar a formação acadêmica de forma coletiva, buscando meios de continuar as atividades de pesquisa e extensão de forma remota.

Enfrentamos um período angustiante de muitas incertezas, para além da barbárie que já vivenciamos, agora era preciso lidar com um vírus e seus impactos potencializados pelas desigualdades ponto fim a vida daqueles que estavam à margem da sociedade. Antes de imaginar que chegaríamos a aproximadamente 600 mil brasileiros mortos pelo covid19 e pelo descaso do Estado, no Gecep, buscamos nas reflexões coletivas avançar na elaboração das experiências vivenciadas nos anos anteriores. As experiências coletivas foram um combustível para dar continuidade às atividades obrigatórias da Universidade, e, ao mesmo tempo, pessoalmente uma direção em meio ao caos.

Neste conjunto de experiências, soma-se também a minha caminhada até a UFRuralRJ, que se deu a partir do encontro com o IFHEP (Instituto de Formação Humana e Educação Popular) no ano de 2014, um pré-vestibular social de Campo Grande, Zona Oeste do Rio de Janeiro. Neste espaço entendi que era possível estar na universidade, reconheci minha história e dos meus, vivenciando as primeiras

experiências com a educação popular. No IFHEP ampliei minha visão de mundo e aprendi a dizer a minha palavra, enfrentando a contradição dos sonhos e dos impeditivos recém descobertos.

Em 2015 fui bolsista PROUNI, cursando 1 ano de Enfermagem em uma Universidade privada. E somente no ano de 2016 ingressei na UFRuralRJ no curso de Agronomia, como cotista, realizando o sonho de finalmente estar na universidade pública. A experiência em um curso de Engenharia para uma aluna do ensino público foi desafiadora, buscando apoio justamente nas experiências com o movimento estudantil recém descoberto. Com a ocupação estudantil e a greve das universidades em 2016, me aproximei dos movimentos sociais e principalmente do curso de Serviço Social. Foram 51 dias de convivência diária e experiências incríveis, um “intensivão” revolucionário que me inspirou a ingressar no curso de Serviço Social em 2017.

As experiências vivenciadas via atividades de extensão no Gecep junto aos movimentos sociais auto-organizados sem-terra, lideranças e educadores populares, são o início das reflexões sobre a necessidade de contribuir com o resgate da memória dos movimentos sociais e de seus atores. Neste percurso formativo, somam-se os estudos na disciplina optativa “Tópicos Especiais em fundamentos teórico práticos do Serviço Social” em 2021, onde a aproximação com a realidade das experiências populares de resistência do Brasil pré 64 trouxeram a possibilidade de repensar a formação social de forma mais crítica.

Os estudos iniciados no projeto de pesquisa “Cultural popular e estética nos movimentos sociais da América Latina” nos anos de 2021 e 2022, nos possibilitou aprofundar as reflexões sobre a cultura popular e a práxis existente na poética de resistência. Em especial, a descoberta e aproximação com a obra de Luiz Beltrame de Castro, carinhosamente conhecido como Luiz Poeta ou seu Luiz, trouxe possibilidades de um estudo na sensibilidade de um homem que representava a experiência da resistência nas margens da periferia do capitalismo.

A relação entre teoria e prática era representada com facilidade na vivência de um homem camponês, nada mais justo do que contribuir com a valorização da sua memória. O que ficou foi um sentimento de gratidão pelo que seu Luiz transmitiu em vida e até mesmo após sua morte, sua poesia trouxe esperança durante os

meses de isolamento social, como um incentivo para pensar com esperança no amanhã. Assim, dar continuidade às reflexões iniciadas nesses processos é crucial para valorizar a experiência de formação aliada à pesquisa e extensão universitária, e sobretudo, de fato contribuir com o resgate da memória de luta apagada diariamente.

O estudo em questão foi elaborado de acordo com seus objetivos apresentados, visando contribuir com a reflexão coletiva sobre a luta popular no Brasil. A metodologia utilizada faz referência ao método dialético, apresentando os resultados de forma qualitativa, a partir da coleta de informações de fontes secundárias. Atendo-se à necessidade de considerar uma análise crítica da realidade, reforçando a importância da Educação Popular neste processo, o estudo é orientado a partir da pesquisa bibliográfica e audiovisual sobre os temas abordados, sobretudo a partir das obras de Luiz Beltrame de Castro como referência principal de análise da realidade.

A experiência narrada por Luiz Beltrame é uma contribuição para a consolidação da experiência que está em vias de extinção, experiências dignas de serem narradas, a partir da reflexão embasada em “O narrador” de Walter Benjamin (1917). A narrativa do cotidiano funciona como um exercício da memória que precisa ser preservada, podendo ser uma referência prática para os que compartilham dessa narrativa. No caso do autor estudado, isso ocorre através da literatura, pois sua poesia contribui ativamente para a consolidação da experiência de vida e luta pela terra.

Ao mesmo tempo, a experiência narrada por seu Luiz representa o percurso de autoformação através da luta. Do ato de criar e recriar-se a partir das experiências de relação com a terra, a vida e seus iguais. Como em suas poesias costuma dizer, a escola da vida o ensinou. Assim, descrevendo o processo de conscientização exatamente na vivência cotidiana em seu território, na experiência de sobrevivência. A literatura se apresenta enquanto parte desse cotidiano, como parte da vida comunitária e da cultura popular, que direcionada pela educação popular, valoriza todas as suas formas de expressão.

O percurso de estudos parte de referências teóricas em relação à recomposição das lutas populares e os movimentos sociais, formação social

brasileira a partir da crítica do racismo estrutural, crítica da economia política, cultura popular e literatura. Utilizando como referência autores como Thompson, Williams, Marx, Montenegro, Cândido, Benjamin, Caldart, Mészáros, Fanon, Moura, Freire, Schwarz, Ridenti, entre outros. Além da referência dos documentos formativos do MST, e a análise da produção audiovisual de Eduardo Coutinho em “Cabra marcado para morrer”, iniciada em 1964 e finalizada apenas em 1984.

Sempre serão consideradas no percurso da pesquisa as experiências formativas no seio dos movimentos sociais e das atividades do Gecep, a destacar experiências como o grupo de estudos para debater Grundrisses, escritos originais de Marx, enquanto um ponto de partida para as reflexões acerca das bases da sociedade atual. Estes estudos tiveram início a partir do curso de extensão Cultura e movimentos sociais, realizado nos anos de 2020 e 2021, quando se inauguram as reflexões contidas nesta pesquisa.

A pesquisa é um resultado de um processo de formação e autoformação acadêmica, com forte contribuição das experiências descritas anteriormente, que direcionarão os caminhos a seguir. Vale destacar que enquanto futura bacharel em Serviço Social, estas experiências contribuíram definitivamente para direcionar as reflexões acerca da formação da sociedade e repensar as formas de atuação profissional, que apesar de tudo, deve seguir o princípio de potencialização e participação da luta pela liberdade, democracia, cidadania, justiça e igualdade social.

Nesse ano de 2024, em que o MST completa 40 anos de luta, as reflexões a seguir apresentam-se como uma contribuição da valorização da história da luta pela terra, que tem suas raízes nas lutas ancestrais por liberdade dos negros e indígenas deste Brasil. Por fim, o fio condutor da ancestralidade desta luta com a realidade de sobrevivência e resistência em contexto de barbárie está em nossa história. Assim, para estar na Universidade pública elaborando reflexões sobre a luta pela terra e a cultura popular, foi preciso que outros viessem à frente, abrindo caminhos para ser possível entrar e sair pela porta da frente.

1 A CULTURA POPULAR E AS RAÍZES DA RESISTÊNCIA

1.1 Cultura como modo de vida

Ao longo do período de elaboração da pesquisa foi possível perceber que a cultura popular é a vida em movimento, mas não foi um caminho simples. Conforme o senso comum, a “cultura” pode ser descrita por aquilo que não temos acesso, algo distante da realidade dos meros mortais. A invisibilidade das experiências populares contribui para essa não identificação, ou seja, o que se vive no cotidiano será dificilmente apreendido enquanto cultura. Por consequência, o apagamento das expressões culturais populares será uma das manifestações da sociedade produtora de mercadorias, visto que está diretamente relacionada com a experiência produzida na vida comunitária.

Neste sentido, para a discussão proposta, é importante contextualizar formalmente alguns conceitos. Assim, é possível propor uma reflexão que é bem mais profunda do que apenas temática, pois a discussão sobre a cultura popular compreende um modo de viver consciente e presente, inspirado na experiência de Luiz Beltrame de Castro em toda sua subjetividade.

O estudo sobre os principais conceitos é importante para entender e aprofundar os argumentos e correlacionar a realidade vivenciada por teóricos das grandes áreas de estudo. Durante o processo de pesquisa foi possível observar os principais estudos das ciências sociais acerca dos objetivos conceituais, considerando que existe uma variedade de contribuições acerca dos conceitos, com diversos direcionamentos. No entanto, a pesquisa em questão direciona-se aos estudos teóricos-metodológicos de bases marxianas, relacionadas a educação popular para a reflexão proposta.

Além disso, no caso da cultura popular também é importante considerar as experiências individuais e coletivas, ou seja, quando falamos sobre a cultura popular podemos utilizar os relatos de experiências e observações como uma forma de reforçar os conceitos, e abranger novas possibilidades de estudo. O estudo dos conceitos sem levar as experiências em consideração pode se tornar esvaziado, resultando em uma reflexão distante da realidade. Portanto, neste tópico serão abordados os conceitos de cultura de uma forma geral, considerando a cultura

enquanto um modo de vida e ampliando os sentidos das experiências comunitárias mencionadas.

O conceito de cultura é intrínseco à luta de classes, necessariamente pela tentativa de sobreposição das experiências da classe dominante enquanto superiores às experiências populares. Ou seja, o conceito diz respeito a um modo de vida como um todo, diferente do que pensamos, não é direcionado apenas a uma atividade ou objeto específico. Como, por exemplo, o consumo de formas de entretenimento como o teatro, a música, a literatura, entre outros. Com base nos estudos de Thompson em 1832, a cultura pode ser descrita pela própria experiência e pelo resultado do que é construído a partir disso. As formas de organização dos operários ingleses no século XVIII reforçam as experiências comunitárias, direcionadas aos embates entre a classe dominante e a classe trabalhadora (Thompson, 1998).

Podemos caracterizar como formas de organização comunitárias conscientes, que neste caso tinham o objetivo de lutar por melhores condições de trabalho. O autor diferencia o costume da tradição por si só, pois a luta dos trabalhadores é através do resgate desses costumes, e neste caso, é a defesa do que o povo tinha enquanto referência de sociabilidade. Assim, a consciência de classe é o resultado da experiência comunitária vivenciada pelos trabalhadores.

Os chamados motins contra a fome que ocorreram durante o século XVIII são um exemplo dessa mobilização social, enquanto uma reação à redução da subjetividade à mera força de trabalho. A principal motivação não era apenas a fome como uma necessidade fisiológica, mas sim a recusa de um modo de vida assujeitado, a partir da exploração e redução dos seres humanos em força de trabalho. O principal ponto de discussão é a capacidade de elaborar as necessidades, o que representa essa experiência e a recusa da nova realidade a partir daquilo que se tem enquanto referência de prática social. A recusa sem propósito não surte efeitos, mas quando aliada à consciência da exploração, que neste caso parte da experiência compartilhada pelos trabalhadores ingleses, resulta na transformação dessa classe e na mobilização coletiva.

Na crítica da economia política muitos estudos relacionados ao desenvolvimento do modo de produção capitalista e a formação social a partir disso,

são embasados nos modos de produção que o antecedem. Ou seja, nas formas de organização social e comunitária que sofreram modificações contundentes a partir das mudanças ocasionadas pelas relações de trabalho. À luz do pensamento marxiano¹, podemos encontrar uma profunda reflexão em relação aos pressupostos históricos do trabalho, visto que o capital necessita do trabalho como condição de existência. O pressuposto da atividade humana produtiva é a própria objetividade, as experiências comunitárias relacionadas principalmente à vida no próprio território como referência prática (Marx, 1971).

A observar a inserção e o desenvolvimento do modo de produção capitalista no mundo, mudanças que já vinham sendo travadas na economia, na política e na sociedade foram consolidadas com o passar do tempo. Tendo a capacidade de se reinventar e se adaptar a qualquer realidade, o capital está inserido em todos os âmbitos. Assim, o trabalho passa a ser central na vida do homem, isso modifica sua existência, afetando diretamente sua cultura e os laços orgânicos criados nas práticas tradicionais comunitárias.

A experiência retratada por Thompson em 1832, localizamos a gênese da classe trabalhadora no contexto inglês. Tendo em vista que o processo localiza o ponto chave de modificação do modo de vida consciente, com a negação dos valores da vida comunitária defendidos anteriormente. Neste contexto, o modo de vida passa a ser em função do valor, ditando a sociabilidade, subjetividade e objetividade dos indivíduos.

Isso se explica a partir da teoria crítica, onde encontramos a reflexão sobre a dominação abstrata no processo de desenvolvimento do capitalismo no mundo. O capital assume um papel de sujeito, um sujeito automático que possui uma dominação abstrata sobre o indivíduo, sendo o agente das ações humanas. Assim, o capital é produto dessas ações, o indivíduo materializa a dominação abstrata, internalizando-a em seu modo de vida. No entanto, nos termos da dominação, o sujeito da ação não é o indivíduo, é o capital, como o sujeito automático. Pois as

¹ A partir das experiências de estudo coletivo no Grupo de estudos cultura e educação popular, buscamos a leitura dos *Grundrisse* para retomar as referências da crítica à economia política. Considerando de extrema importância o estudo “direto da fonte” para relacionar aos eventos abordados na presente pesquisa. Esse caminho teórico metodológico está em consonância com o entendimento da necessidade de superação do modo de produção capitalista enquanto uma possibilidade de elaborar experiências e ações voltadas para defesa da liberdade e da justiça social.

escolhas não são livres e conscientes, estão sempre à mercê da dominação do capital e do valor. Portanto, essas modificações foram basilares na estrutura social, sendo reproduzidas e imbuídas da personalidade dos indivíduos, que agora reproduzem as escolhas inconscientemente de forma individualizada.

Na teoria crítica marxiana isso se localiza nas reflexões acerca da alienação no contexto do modo de produção capitalista, localizando a experiência da modificação desse modo de vida a partir do mundo do trabalho, com a superexploração e a redução dos indivíduos a meros objetos de uma engrenagem. Nos quais podem ser substituídos a qualquer momento

Podemos entender a relação entre costume e a vida prática dos trabalhadores ingleses, identificando a referência das organizações comunitárias pré-capitalistas. O costume se apresenta como uma forma de resistência à economia moral², modificando as relações econômicas e sociais, a partir da expansão do modo de produção capitalista (Thompson, 1998).

A modificação do modo de vida relacionado à cultura também é identificada em Williams (2011), com a reflexão sobre o século XX e sua experiência de estudos sobre a partir da teoria crítica marxista. Para o autor, é possível identificar as modificações culturais em detrimento do modo de produção. Ao mesmo tempo, também reforça a complexidade da cultura enquanto um conceito, a necessidade de considerar a totalidade nas análises e estudos direcionados. Vale ressaltar que a cultura é tema de diversos debates dentro da crítica da economia política, sendo considerada por alguns autores como parte importante das análises, ao mesmo tempo que a economia e a política nas sociedades.

Assim, ao relacionar as reflexões de Thompson e Williams em tempos históricos diferentes, é possível observar os impactos do desenvolvimento do modo de produção no cotidiano dos indivíduos. Em detrimento disto, a modificação do modo de vida e as formas de resistência na história, identificando principalmente a formação das classes e os embates a partir disso. Azevedo (2017) relaciona o pensamento dos dois autores a partir da reflexão sobre a cultura.

² A partir de Thompson, o conceito de economia moral da multidão pode ser entendido como uma das formas de resistências às mudanças impostas a partir do modo de produção capitalista. As formas de organização, que são descritas a partir dos costumes comunitários, não condizem com o valor enquanto centralidade.

Para Williams, como para Thompson, os procedimentos econômicos e políticos organizam a vida social. Já a cultura é o campo por meio do qual essa organização se expressa no concreto, na forma de um modo de vida real. Em particular, a cultura é o modo como a sociedade é concebida e vivida pelas pessoas. Não se trata de algo “derivado” ou “secundário”, e por esse motivo não devemos pensar a cultura em situação de divórcio com a sociedade (Azevedo, 2017, p. 221).

Até aqui, é possível perceber que os conceitos apresentados relacionam a cultura sempre a vida em movimento, sendo assim, a cultura pode ter significados diferentes para cada indivíduo, por conta das experiências vivenciadas, visão de mundo e seus ideais.

Com o desenvolvimento do modo de produção capitalista e sua capacidade de adaptação às necessidades do mundo, é possível observar a modificação desse novo modo de vida. Em especial na periferia do sistema, onde se localizam os países que carregam o título do subdesenvolvimento. Já na sociedade moderna é possível identificar a distinção entre a cultura popular e a cultura dominante relacionada às formas de consumo da cultura, mas dessa vez enquanto um produto do modo de produção capitalista, como objetos materiais ou de formas mais subjetivas, como vivenciar experiências que só podem ser compradas.

Somando-se a essa distinção, permanece o movimento de desvalorização das experiências populares, considerando a cultura apenas o que é aceito pela hegemonia social. Portanto, as movimentações de visibilização e transmissão da própria vivência da cultura popular, é uma forma de enfrentamento da realidade de barbárie, enquanto um processo de insustentabilidade das formas civilizatórias na sociedade atual (Menegat, 2002).

Acerca das reflexões anteriores, até que ponto as análises sobre a formação da classe operária inglesa nos dão elementos suficientes para refletir sobre o contexto brasileiro? Considerando as especificidades da formação social brasileira, tomaremos como ponto de partida a inspiração das lutas populares travadas pelos movimentos sociais embrionários brasileiros, pelas mulheres e homens que vivem às margens da sociedade, resistindo e nos sustentado até aqui.

Em processos históricos, como o período da ditadura militar brasileira, podemos observar essa relação da cultura como uma forma de resistência, considerada hegemônica (Schwarz, 2005). Este movimento ocorreu por conta do

envolvimento da grande massa durante o período de repressão, nesse caso, a desvalorização da cultura popular foi estratégica, pois essa aproximação poderia resultar em experiências de conscientização. Nesse período identificamos o contexto do sistema capitalista já desenvolvido globalmente, atendo-se ao período da década de 1970, a época da crise que se tornou permanente. Segundo o pensamento de Mészáros (2011), a crise, já caracterizada como atual, tem características catastróficas em escala global.

Paulo Arantes (2004), em sua reflexão sobre a realidade brasileira apresenta o conceito de “brasilianização” do mundo, relacionando a precarização do trabalho e o desemprego estrutural como um fator representante deste fenômeno, que se globaliza a partir da década de 1970, é constitutivo da estrutura formativa da sociedade brasileira na periferia do capitalismo. Com a modernização do país busca-se ressignificar a cultura atrelada ao ‘culto’ do valor, com influência do ideal imperialista. Ao mesmo tempo, a partir do pensamento do autor sobre a atualidade, é possível localizar as modificações socioculturais relacionando-as à dominação externa, tendo em vista o ideal da burguesia frustrada pela promessa do país subdesenvolvido com grande potencial.

Como um contraponto a este contexto de dominação, a crítica radical do trabalho enquanto uma atividade alienante é o ponto principal da superação apontada como a única forma de enfrentamento da estrutura social capitalista. É necessário reconceituar o que se entende como trabalho, resgatando as atividades de caráter humanizado, respeitando o ser humano enquanto sujeito de importância no processo. Para Moishe Postone, pensar essa transformação vai muito além de uma substituição de um sistema por outro.

A crítica Marxiana do capitalismo parte de uma análise das determinações do trabalho social, indicando a possibilidade historicamente emergente de uma nova forma de produção, e não meramente de uma crítica da propriedade e de outras formas de distribuição (Postone, 1978, p. 3).

Para este estudo, é de suma importância considerar as principais contribuições relacionadas às temáticas abordadas. No entanto, alguns conceitos são abordados somente de forma teórica, orientados a partir dos estudos bibliográficos. Quando se trata sobre cultura e educação popular considera-se que é

preciso observar e viver de forma prática para entender o seu significado. Por este motivo, aqui, aliam-se duas fontes na produção do conhecimento, a bibliográfica e a experiência relatada que inspira o desenvolvimento das reflexões.

No caso do autor estudado, encontramos em sua produção literária um relato de experiência de toda uma vida. Onde não há necessariamente uma reflexão embasada em teorias, comuns ao cotidiano da educação formal ou bancária. A obra de Luiz Beltrame de Castro é um exemplo de como elaborar a experiência de resistência para enfrentar a realidade da barbárie. Carinhosamente chamado de Luiz Poeta ou seu Luiz, ele foi um poeta sem-terra que viveu incríveis 107 anos. Seu Luiz escreveu expressando suas ideias através da poesia e compartilhando suas experiências, e, ao mesmo tempo, agindo coletivamente em busca da construção de um mundo melhor³. Como uma demonstração do que seria a práxis, que conforme o pensamento “freireano”, “a práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo (Freire, 2021, p. 52).

O conceito da práxis está relacionado diretamente ao processo de conscientização da própria realidade, e a partir disso, o agir visando transformar a realidade de opressão. Tal conceito está relacionado às bases da pedagogia do oprimido, enquanto um método de conscientização a partir da experiência coletiva. A revolução contida na poesia de Luiz Poeta conversa diretamente com a transformação que o autor quer para o mundo, que tem origem justamente a partir de uma formação política no íntimo da luta pela terra.

Tomemos como exemplo as reflexões de seu Luiz sobre a realidade política do Brasil na década de 1990, no poema “A justiça está perdendo” de 1997. O autor expressa toda revolta e indignação contra a violência do latifundiário e sua impunidade. Neste período de pós- redemocratização do país e de maior expansão dos direitos sociais, também ocorre o acirramento do então neoliberalismo de forma mais expressiva, como uma resposta ao enfrentamento da dominação imposta anteriormente com na ditadura militar. A seguir, notam-se as reflexões do autor neste fragmento do poema:

Eu já vi neste mundo

³ A história de seu Luiz será melhor desenvolvida no capítulo 3, tendo em vista dar maior destaque a sua experiência.

O que é certo e errado
 Com tudo o que Deus deixou
 Eu já estou confortado
 Uns trabalham com a caneta
 Outros com a foice e o machado
 Para governar o país
 Não precisa ser estudado
 Nada de mais só de menos
 É o que está acontecendo
 Em nosso Brasil amado

(...) De tudo o que já passou
 E eu estou observando
 Nessa idade que estou
 Com oitenta e oito anos
 Cada presidente que entra
 E as coisas vão piorando
 Para os trabalhadores
 A crise vai aumentando
 Nunca vimos uma coisa desta
 O governo só faz promessas
 E continua enganando

Com tanta promessa feita
 E nenhuma ele pagou
 Se ele já pagou alguma
 No campo ainda não chegou
 Só chegaram os massacres
 Para o “trabalhador”
 Eu já vi em Getulina
 Quando a política chegou
 Foram mil e setecentas famílias
 Separando as mães das filhas
 Naquele dia despejou.

Eu não sei se vou alcançar
 Com esta idade que estou
 De ver latifúndio pagar
 Os crimes que praticou
 Dos 19 sem terra
 Que a polícia matou
 Cumprindo ordens diretas
 Do governo que mandou
 Foi traiçoeiro e malvado
 Por tudo ter ordenado
 O próprio governador (...)

(Castro, 2002, p. 51)

Portanto, é preciso destacar sobre qual tipo de experiência será observada durante a pesquisa. A elaboração da experiência a partir de *Benjamin* (1994), faz uma crítica contundente às experiências vivenciadas em contexto de horror. Seriam as experiências esvaziadas de sentido, que não são dignas de ser compartilhadas.

Ao refletir sobre a narrativa de seu Luiz no poema anterior, é possível observar que o olhar crítico sobre a realidade de opressão, violência e abandono governamental, o conscientiza sobre a experiência em que vive.

A experiência de horror na qual precisa ser lembrada de forma crítica para que não se repita. Neste caso, ao compartilhar sua experiência através da poesia, seu Luiz contribui para que tantos outros tenham acesso ao conhecimento sobre a real história dos sem-terra. Por outro lado, no modo de vida consciente as experiências são diretamente afetadas pelas mudanças sociais. O pensamento “Benjaminiano” se conecta com o que se busca como referência inspiradora, como uma forma de enfrentar a barbárie citada pelo autor.

O objetivo do estudo é refletir sobre as formas de enfrentamento da realidade atual a partir da cultura popular, representada pela poética militante e camponesa. Entende-se como cultura popular com diversas formas de representação ou culturas populares. Até aqui foi possível refletir sobre a construção da cultura de características populares, relacionando-a diretamente com as experiências de enfrentamento da dominação opressiva. Assim, para dar continuidade, nos atemos a seguir com a reflexão acerca da formação social brasileira e seus rebatimentos que afetam diretamente na nossa forma de ver o mundo.

1.2 Reflexões sobre a formação social brasileira e as bases da exploração escravista no capitalismo periférico

Partindo do marco teórico adotado na pesquisa, no que se refere à delimitação temporal que as análises são direcionadas, faz-se necessária uma reflexão acerca da formação social brasileira paralelamente com o desenvolvimento do capitalismo no Brasil. Que tem suas bases na superexploração, a partir do escravismo negro e indígena (Moura, 2021). Dessa forma, leva-se em conta que não há caminhos para a refletir sobre a cultura popular sem antes refletir, de forma crítica, sobre o contexto histórico em que a sociedade brasileira se formou.

Cabe ressaltar que o resgate feito neste tópico não tem o objetivo de esgotar a discussão sobre a formação social brasileira, na qual se mostra tão complexa. O

objetivo é contextualizar de forma crítica a composição das experiências populares, a fim de elucidar o direcionamento teórico utilizado.

A formação social brasileira vem sendo amplamente discutida nos últimos anos, por estudiosos, teóricos e acadêmicos, demonstrando a grande necessidade de conhecimento sobre a história real vivenciada pelos brasileiros. É possível observar este movimento também fora do contexto acadêmico, já que o tema é abordado por movimentos sociais, coletivos, ativistas e atores autônomos. O que demonstra uma erupção de produção autônomas direcionadas pela reflexão crítica sobre a ancestralidade.

A história que sempre foi deturpada e apagada pela classe dominante, a discussão da formação social a partir de uma visão mais crítica e decolonial pode causar incômodos. Um dos grandes exemplos é pensar essa formação social a partir da exploração escravista e do aprofundamento da estrutura capitalista na periferia, tendo em foco o desenvolvimento social e econômico dos países que a compõem.

Na análise de *Fanon*, acerca do colonialismo e seus impactos, é possível relacionar à dominação da vida como um todo, tendo em vista a objetividade e subjetividade do colonizado. A partir do conceito “fanoniano”, o colonialismo tem suas bases no processo de desumanização do colonizado. O que no desenvolvimento do sistema capitalista, sobretudo na periferia, se configura na transformação do ser humano em objeto. Ressaltando o racismo enquanto um componente da dominação, sendo igualmente importante destacar a negação da cultura enquanto parte deste processo de negação da humanidade do outro, que no caso brasileiro são pessoas negras e indígenas.

Para exemplificar essa realidade, é possível relacionar a realidade brasileira e as formas diferenciadas de negação da humanidade dos negros e indígenas, que foram igualmente violentas, mas diferentes na forma de exploração. Apesar da violência contra os povos indígenas, ainda havia o senso de reconhecimento no próprio território. Mesmo com as invasões e destruição dos territórios, ainda era possível a articulação e resistência com os remanescentes que buscaram forças na ancestralidade. Já no caso dos negros, estes foram levados de seus territórios, tendo suas culturas inteiramente negadas, com as possibilidades ínfimas de resistir às imposições. Assim, foi necessário criar estratégias de sobrevivência e acesso a

sua própria cultura e ancestralidade, como exemplo o sincretismo com a religião do colonizador. Nos dois casos o racismo age de formas diferentes, sendo perpetuado e modificado segundo as necessidades (Moura, 2021, p. 214-215).

No I Congresso dos Escritores e Artistas Negros, que ocorreu na cidade de Paris em 1956, Fanon produziu um texto de intervenção que foi intitulado “Racismo e Cultura”, nesta intervenção em questão é possível identificar que o autor entende o racismo como parte da cultura de dominação, portanto “o racismo não é um todo, mas o elemento mais visível, mais cotidiano, para dizermos tudo, em certos momentos, mais grosseiro de uma estrutura dada” (Fanon, 1969, p. 35).

Além disso, o racismo e a “racialização” fazem parte da cultura de dominação. Enquanto é diminuído violentamente, haverá possibilidades de explorar sua mão de obra, e sobretudo, sua subjetividade. Em síntese, a partir destes moldes coloniais, a relação entre o racismo e o desenvolvimento do modo de produção é basicamente sua base e manutenção.

Contudo, progressivamente, a evolução das técnicas de produção, a industrialização, aliás limitada, dos países escravizados, a existência cada vez mais necessária de colaboradores, impõem ao ocupante uma nova atitude. A complexidade dos meios de produção, a evolução das relações econômicas, que, quer se queira, quer não, arrasta consigo a das ideologias, desequilibram o sistema. O racismo vulgar na sua forma biológica corresponde ao período de exploração brutal dos braços e das pernas do homem. A perfeição dos meios de produção provoca fatalmente a camuflagem das técnicas de exploração do homem, logo das formas do racismo (Fanon, 1969, p. 39).

Na contemporaneidade, ainda existe o apagamento do escravismo como um dos eventos expressivos na história da sociedade brasileira. Sendo tratado como uma fatalidade que precisa ser superado, sem reflexão crítica acerca dos acontecimentos que ainda se perpetuam na sociedade. De fato, a história do povo brasileiro não se resume ao escravismo, entretanto, ignorar essa experiência resulta na manutenção do privilégio da classe que ainda é beneficiada por isso atualmente. Após mais de 300 anos da abolição da escravidão, os povos negro e indígena ainda sofrem com a extensão dessa experiência nas diversas formas de opressão produzidas pelas relações racistas. E, por outro lado, os descendentes dos escravistas ainda gozam dos seus investimentos advindos da exploração, na qual atualmente se perpetua com outra roupagem.

A partir de Moura (2021), entende-se o período da escravidão - de negros e indígenas - em dois períodos, denominados de escravismo pleno e tardio. Relacionando-se com os aspectos demográficos, sociais, políticos, econômicos e culturais do Brasil. Paralelamente ao desenvolvimento do sistema capitalista, tendo em vista a modernização chegando ao Brasil, quando o país ainda vivenciava um sistema escravista.

Na mesma medida que existem esforços para apagar a real história do Brasil, existem muitos que lutam para elucidar os fatos e incentivar a conscientização, a partir do resgate consciente da história dos nossos ancestrais, buscando referências em experiências de resistência. São intelectuais com contribuições críticas relacionadas à formação da sociedade, bem como com foco na emancipação racial, e na literatura crítica de modo geral, que sofrem com o racismo em todas as instâncias de suas vidas. Isso pode ser entendido como um impedimento para o avanço de seus estudos e até mesmo para a sua notoriedade. Neste campo, cabe ressaltar que havia maior incidência de autores negros em evidência, haja vista a vasta atuação do movimento pela libertação dos negros escravizados e posteriormente do movimento negro no Brasil.

Já em relação aos autores e movimentos indígenas, suponha-se que ocorreu por muito tempo uma repetição estigmatizada da marginalização e tutela da pessoa indígena. Não por falta de atores que estivessem inseridos nos campos de lutas por direitos dos povos indígenas, mas sim pela sociedade que insiste em corroborar com o apagamento de suas identidades. Em contrapartida, autores negros, com sua incidência, já alcançavam consideráveis avanços a partir de suas produções intelectuais (Oliveira, 2016).

Este comparativo tem o objetivo de revisitar a reflexão sobre o espaço que os povos indígenas possuem para somar nas lutas coletivas, que apesar de específicas, possuem o denominador comum de enfrentar a dominação colonialista ceifadora de subjetividades e de reivindicar pelos direitos de todos.

Logo, as experiências de resistência, sejam a partir dos negros e indígenas que tentavam romper com os horrores vivenciados, ou mais tarde na figura dos trabalhadores organizando greves exigindo direitos trabalhistas, com o povo

marchando pela reforma agrária, lutando pela justiça social e sobrevivendo à margem da sociedade, construindo a sociedade brasileira.

Ainda assim, existe uma contradição neste caminho, está entre ser sucumbido à exploração e, ao mesmo tempo, ter possibilidades de tomar consciência. E assim, romper com este ciclo se torna uma necessidade, na qual só será possível a partir da organização popular. Mas até aqui quais são essas possibilidades? Em muitos momentos a luta pela sobrevivência em um país 'subdesenvolvido' acaba por sobrepondo a necessidade de uma revolução, quando se está vivo ter acesso aos direitos mínimos de sobrevivência já considerado é um ato de subversão.

Em "Pele Negras, Máscaras Brancas", primeira vez publicado em 1952, é possível identificar este percurso a partir dos estudos de Fanon voltados à psicanálise. O jovem martinicano, estudante de psiquiatria na França, um dos berços do colonialismo, revisita a reflexão dos impactos da dominação na psique dos colonizados. Aqui é importante destacar que Fanon escreve de um lugar de quem viveu a experiência da tomada de consciência em meios a vivência revolucionária, tendo em vista que seu território era uma colônia francesa e a sua participação direta na guerra pela libertação da Argélia.

A partir dessa experiência, Fanon torna-se uma referência mundial, identificando que a sobrevivência do povo colonizado, com todas as características que o diferenciam, relacionam-se na luta pela libertação. Em "Os condenados da Terra", o autor aponta sua reflexão acerca do processo de descolonização, tendo em vista os ideais libertários contidos em suas produções, vai ao encontro do processo complexo de romper com a situação de dominação e assumir as consequências por essa escolha.

A descolonização nunca passa despercebida, pois atinge o ser, modifica fundamentalmente o ser, transforma espectadores esmagados pela insensibilidade em atores privilegiados, recolhidos de modo quase grandioso pelos raios luminosos da História. Ela introduz no ser um ritmo próprio, trazido pelos novos homens, uma nova linguagem, uma nova humanidade. A descolonização é indiscutivelmente uma criação de homens novos. Mas essa criação não recebe sua legitimidade de nenhum poder sobrenatural: a "coisa" colonizada torna-se homem no próprio processo através do qual ele se liberta. (Fanon, 2022, p. 33).

Atualmente este processo pode ser identificado como o rompimento das relações de exploração. Para entender este processo, conhecer as formas de resistência a partir da cultura e da mobilização popular, buscando inspiração na educação popular, como um dos direcionamentos políticos, é um exemplo da subversão necessária para resistência e sobrevivência. A educação popular deve ser vista como um grande legado latino-americano, que inspirou processos de conscientização pelo mundo inteiro.

Em relação ao Brasil, a caracterização da sociedade como um todo não foge muito de sua gênese, com o adendo das conquistas do povo em relação aos direitos sociais. É importante salientar que toda e qualquer mudança ou conquistas ocorreram por meio das lutas populares. No entanto, as marcas do processo de desenvolvimento do capitalismo no Brasil, são observadas na desigualdade latente como o retrato da sociedade brasileira, em foco a negação sistemática do racismo e a discussão das questões raciais.

Assim, nos tópicos a seguir será discutido especificamente o contexto da resistência popular a partir da luta pela terra, tendo em vista a ancestralidade do movimento.

1.3 Tradições ancestrais de resistência da luta pela terra no Brasil

A cultura popular tem inspiração nas experiências de resistência brasileiras, dessa forma, neste tópico o objetivo é resgatar brevemente a história da luta pela terra no Brasil como contexto das experiências vivenciadas por seu Luiz. Considerando a inspiração nos movimentos precursores na luta pela terra e as experiências ancestrais de resistência como influentes na formação da cultura popular nacional.

De antemão, a luta pela terra no Brasil tem raízes na dominação estrangeira do território brasileiro há mais de 500 anos, como um movimento ancestral de luta pela sobrevivência. Segundo a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), neste período os povos indígenas residentes no território somavam cerca de 3 milhões de habitantes. Sendo boa parte dizimada no processo cruel de trabalho

forçado com a escravidão dos povos indígenas e a exploração desenfreada dos recursos naturais.

Este fato reforça que a história dos povos originários no Brasil não começou com a invasão portuguesa, houve uma história que antecede o sofrimento. A redução da história de um povo a somente este período corrobora com o apagamento de sua memória. Assim, observa-se que o acontecido resultou na modificação de seu modo de vida como um todo, com as mudanças ocasionadas pelo trabalho forçado, as doenças trazidas de outro continente, a violência desenfreada, a imposição cultural europeia e a negação da humanidade da pessoa indígena. Mesmo assim, os povos indígenas ainda existentes no território lutam até os dias atuais para preservar suas culturas.

Após anos de resistência, a rotina tem sido a luta pela sobrevivência e pela conquista dos direitos territoriais. Em uma entrevista para o documentário *Guerras do Brasil*⁴, Ailton Krenak⁵ relata sobre essa experiência no território, antes mesmo de ser entendido enquanto o Brasil.

Nós estamos em Guerra. Eu não sei por que você está me olhando com essa cara tão simpática. Nós estamos em Guerra. O seu mundo e o meu mundo estão em guerra. Os nossos mundos estão todos em guerra. A falsificação ideológica que sugere que nós temos paz, é para a gente continuar mantendo a coisa funcionando. Não tem paz em lugar nenhum, é guerra em todos os lugares o tempo todo (Ailton Krenak, 2021).

⁴ O documentário *Guerras do Brasil* (2020) é uma produção que faz uma crítica aos principais conflitos armados ocorridos no país, desde a sua formação. A reflexão acontece com a contribuição de intelectuais que relatam sobre a história a partir de seus domínios de conhecimento, tendo a história como plano de fundo. Na produção, *Ailton Krenak* relata sobre a história de resistência dos povos originários desde o princípio do território, relacionando os desdobramentos do massacre contra os povos negros e indígenas na atualidade. O documentário está disponível gratuitamente nas principais plataformas de vídeo. Disponível em: <https://tvbrasil.etc.com.br/guerras-do-brasildoc>. Acesso em 12/11/2023.

⁵ *Ailton Krenak* é uma liderança indígena conhecida mundialmente, pelo seu trabalho enquanto militante, ambientalista, escritor, filósofo, entre outras atuações. Sobretudo, *Krenak* desempenha um papel importantíssimo de compartilhar o conhecimento ancestral com todos os que se fazem ouvidos. A luta indígena por direitos, que vai além da luta pela terra, está em consonância com a luta de todos os cidadãos brasileiros. Neste trabalho, busca-se aliar a contribuição daqueles que têm muito a dizer, reforçando a importância da oralidade e da ancestralidade neste processo de consolidar a memória da luta pela terra no território brasileiro.

Para muitos o discurso de Krenak pode soar alarmista, mas a urgência da atualidade nos mostra que a realidade de acirramento da violência nos cobra uma reação. E, além disso, nos cobra um pensar e agir em consonância com as reais necessidades do povo. Conforme a filosofia de Krenak, a relação com o território é crucial para que o sujeito se entenda enquanto humano. Pois, a valorização da natureza enquanto a mãe criadora, o entendimento de tudo o que compõe o território como parte crucial do funcionamento do mundo, faz com que o sujeito tenha uma relação respeitosa com a terra. E assim, entenda que o processo de exploração excessiva, seja dos recursos ou do ser humano, não é uma relação de troca mútua.

Essa filosofia⁶ orienta o modo de vida dos povos indígenas, é o significado da ancestralidade. Do mesmo modo, também é possível encontrar similaridade no modo de vida dos povos africanos, onde a relação respeitosa com a natureza e todos os seres vivos fazem parte do cotidiano. Por influência, encontra-se essa inspiração nas organizações de luta pela terra, e mais tarde, no Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra.

Paulo Freire, grande contribuinte para a transformação social a partir da educação popular, já apontava as raízes das lutas brasileiras, que, sobretudo, são protagonizadas pelos homens e mulheres que estão resistindo nas margens da sociedade.

O Movimento dos Sem-Terra, tão ético e pedagógico quanto cheio de boniteza, não começou agora, nem há dez ou quinze, ou vinte anos. Suas raízes mais remotas se acham na rebeldia dos quilombos e, mais recentemente, na bravura de seus companheiros das Ligas Camponesas que há quarenta anos foram esmagados pelas mesmas forças retrógradas do imobilismo reacionário, colonial e perverso” (Freire, 2000, p. 29).

O pressuposto da luta do povo brasileiro sempre foi a sobrevivência, por esse motivo é importante buscar inspiração nas formas de resistência ancestrais. A referência das lutas por liberdade dos povos africanos e descendentes que foram

⁶ Durante toda a reflexão busca-se citar os povos indígenas no plural, justamente por entender que não há possibilidade de falar por todos de modo geral, e que existem diferenças conforme as características que os diferenciam. Mas um ponto que une de certa forma não só os povos indígenas, mas também os povos trazidos do continente africano, é a relação de respeito mútuo com o território que ocupam. Neste sentido, a luta pela terra originária por estes atores toma um rumo diferente, pois não é apenas um pedaço de chão para plantar e produzir. É um pedaço de chão para compartilhar a experiência de viver coletivamente.

trazidos à força para o território brasileiro, também fazem parte da construção da sociedade brasileira. Assim como atualmente os quilombos são reconhecidos como um espaço de resistência e resgate da memória dos negros escravizados fugidos, no entanto, isso só foi possível através da luta.

Neste espaço de resistência, entende-se que a luta pela terra tem relação direta com a luta pela liberdade do povo que era o foco da exploração, africanos e indígenas escravizados e seus descendentes. Tendo em vista o quilombo de Palmares, como uma importante referência de luta na história do povo brasileiro, enquanto um espaço de múltiplas lutas, sendo povoado por negros, indígenas e trabalhadores livres. (Fernandes, 2000).

A República de Palmares era localizada na Serra da Barriga, local onde hoje existem os estados de Alagoas e Pernambuco. Iniciando com poucos negros escravizados fugidos dos horrores do escravismo, abrigando-se no seio da floresta. Com seu crescimento tem-se o início da República de Palmares em 1595, desenvolvendo uma organização própria, em prol da sobrevivência daqueles que faziam parte da comunidade.

A violência e a exploração não se faziam parte da organização de palmares, mas a coletividade sim. Resgatando o modo de vida e os conhecimentos ancestrais, o povo que ali vivia utilizava a terra para produzir de forma diversificada, e, além disso, reforçando os ideais defendidos pela comunidade e fortalecendo-se para a guerra pela sobrevivência até 1695. Palmares resistiu por um século, tendo como um dos maiores símbolos da luta o Zumbi, de origem banto. Zumbi é um dos atores desta luta, que ao lado de todo o povo de Palmares carregava consigo a rebeldia daqueles que ousavam sobreviver (Nascimento, 1980).

O quilombo foi uma iniciativa de resgate do modo de vida dos povos africanos, que neste processo de dominação estrangeira tiveram sua identidade ceifada. É possível identificar a relação direta com a luta pela terra na qual conhecemos diretamente, a partir dos movimentos de luta pela terra atuais. Neste ponto está a ancestralidade citada anteriormente. O povo de Palmares lutava pela vida e a terra fazia parte de todo o contexto, mas nunca foi uma luta apenas por um território, a luta pela terra nunca foi esvaziada de sentidos. Essa experiência de resistência foi utilizada como inspiração para aqueles que permaneceram na luta.

Assim como Palmares, vale ressaltar a experiência de Canudos (1896-1897) como uma grande representação da luta pela terra travada por outros atores, os sertanejos, envolvendo a disputa pelo território entre os coronéis, o Estado e a Igreja, grandes detentores do poder.

A construção do sujeito camponês perpassa por estes momentos da história, sendo estes os negros escravizados, os indígenas, os trabalhadores liberais, e os imigrantes europeus. Considerando como ponto importante o contexto de libertação dos povos africanos escravizados, tendo em vista a exploração da força de trabalho e as más condições de sobrevivência no país, sendo os mesmos mantidos reféns à exploração (Fernandes, 2001).

Assim como há ancestralidade na luta, também é possível identificar a dominação e a exploração nos primórdios da história, com os colonizadores sendo substituídos pelos senhores de escravos e posteriormente pelos fazendeiros, seus herdeiros diretos e continuadores (Moura, 2021). Por fim, essa é a construção dos monopólios dos usurpadores da terra, hoje conhecidos como latifundiários.

1.3.1 Experiências de organizações da luta pela terra no Brasil: a formação das Ligas Camponesas

Ressaltando a importância das lutas ancestrais como ponto de partida da reflexão, neste tópico o objetivo é refletir brevemente sobre a trajetória da luta pela terra a partir das experiências das Ligas Camponesas até o golpe civil-militar de 1964, contexto em que há um acirramento ainda maior nas lutas populares.

A luta camponesa auto-organizada tem sua origem em movimentos auto-organizados por trabalhadores rurais que lutavam por condições dignas de vida, enfrentando o latifundiário, o Estado e os detentores do poder.

A história do camponês brasileiro é a história da luta pela liberdade e contra a escravidão; pela posse da terra e contra o latifúndio, pelos direitos trabalhistas e contra o trabalho degradante; por autonomia política e contra o voto de cabresto; pelos direitos da cidadania e contra a discriminação social pela igualdade e contra o preconceito racial; pelo direito à organização social e contra a exploração; contra a discriminação de gênero e pela afirmação dos direitos da mulher; contra a invisibilidade e pelo reconhecimento de sua identidade; contra o esquecimento e pela memória;

contra a história distorcida e pela verdade; contra a impunidade e pela Justiça (Brasil, Secretaria de Direitos Humanos, 2014).

As primeiras iniciativas registradas do movimento ocorreram no fim da década de 1940, com registros de lutas auto-organizadas com a criação das Ligas Camponesas e dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais até 1964.

A luta era parte do cotidiano, mas nesta década é possível identificar um acirramento maior em relação às formas de enfrentamento da dominação do latifundiário, que tomava novos rumos com força política do período, após o fim da ditadura varguista. Neste período, a mobilização popular e luta pela reforma agrária estava latente, ressaltando o tensionamento e a disputa por espaço político em relação ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), a Igreja, entre outros atores. Assim, é possível identificar que a luta pela terra ganhava características diferentes, a partir do desenvolvimento das ações estratégicas e articuladas a objetivos comuns (Fernandes, 2001).

A organização buscava melhores condições de trabalho, a ampliação dos direitos sociais e principalmente a Reforma Agrária. As relações de trabalho no campo eram descritas por um processo desigual de remuneração e dominação. Inicialmente os trabalhadores prestavam serviços para um engenho e por conta disso tinham o direito a um sítio, onde também era possível produzir para a sua subsistência e até mesmo vender os alimentos excedentes. Posteriormente este direito foi extinto pelas organizações latifundiárias, assim os trabalhadores eram impedidos de realizar outras funções além da servidão na lavoura (Montenegro, 2019).

A dominação é observada a partir da relação paternalista construída entre o patrão e o trabalhador, criando uma falsa impressão de familiaridade. O desconhecido pode se apresentar como o medo da liberdade, sendo uma das formas de vínculo com o que o indivíduo oprimido reconhece como segurança (Freire, 2021).

A confiança depositada no patrão, visto como uma figura bem-sucedida e honesta, abria espaço para a exploração para além da mão de obra. A organização dos trabalhadores rurais era vista como uma ameaça para os latifundiários, pois apesar de ser um risco de invasão de “suas terras”, também poderia incentivar

outros trabalhadores a participarem do movimento. Neste período, a relação entre o latifundiário e os trabalhadores pode ser caracterizada por um regime de semiescravidão. A relação de dependência dos trabalhadores rurais é um exemplo claro da dominação para além da mão de obra, sendo a subjetividade do indivíduo reduzida às necessidades do patrão e do lucro.

Por outro lado, a partir do surgimento das organizações dos trabalhadores, inicia-se um movimento de rompimento com este pacto de servidão, a partir da conscientização dos trabalhadores da realidade que vivenciavam. Assim, é possível identificar o que o percurso da luta pela terra está relacionado à luta ancestral pela resistência, tendo em vista os avanços da dominação latifundiária.

Destaca-se como exemplo a Liga Camponesa da Galileia⁷, criada por volta de 1954 em Vitória de Santo Antão - PE, marcando a transição da ação política dos movimentos de luta pela terra. Com os problemas enfrentados pelos camponeses da região, arrendados nas terras há alguns anos, criou-se a Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco (SAPPP), que logo depois passou a ser conhecida como a Liga. A associação tinha o objetivo inicial de buscar pelos direitos do povo que ali vivia, como educação e assistência do governo, principalmente para produzir na terra.

Após a criação da SAPPP, o dono do engenho impôs a expulsão dos camponeses judicialmente, sentindo-se ameaçados pela organização dos trabalhadores rurais. Neste período ocorreu a aproximação da Liga com Francisco Julião, advogado com aproximações à defesa dos trabalhadores rurais, deputado estadual e membro do PSB. Julião passou a defender os interesses da organização na justiça, em luta pela desapropriação do engenho e pelos direitos dos trabalhadores. O processo findou-se apenas em 1959, com a proposta da desapropriação direcionada pelo governador Cid Sampaio (UDN), após não resistir à pressão dos trabalhadores.

Neste período os camponeses resistiram bravamente a diversas represálias violentas, tendo em vista o enfrentamento do dono do engenho contrariado pelos ex-empregados. Ao mesmo tempo, com a aproximação de Julião, a luta da Liga

⁷ Em relação à denominação da organização, tinha-se o nome de Sociedade Agrícola de Plantadores e Pecuáristas de Pernambuco, ficando conhecida como "Engenho da Galileia" ou "Liga Camponesa Galileia".

passa a representar uma ameaça ainda maior para a sociedade, que enxergava os trabalhadores como uma ameaça comunista (Montenegro, 2004).

Assim, a Liga transformou-se em um símbolo de resistência contra o latifundiário e o estado, sendo a inspiração para a criação de outras organizações no nordeste brasileiro e em outras regiões do país, com registro da criação de aproximadamente mil associados no início da década de 1960. A notoriedade das ligas chamou a atenção no Brasil e no mundo, tendo em vista a cobertura da imprensa sobre as organizações de luta pela terra.

Para Montenegro (2004, p. 399) a imprensa construiu um conjunto de significados sobre a luta dos trabalhadores rurais pela cidadania”, destacando a atuação do jornalista Antônio Callado a partir do jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro. Já na imprensa internacional, o jornalista *Tad Szulc* do *New York Times*, ressalta a possibilidade do interesse dos Estados Unidos na construção de um perfil sobre a região ameaçadora⁸.

Neste contexto, entende-se que a luta pela terra, principalmente direcionada pelos trabalhadores rurais, ganhou destaque nacional. Tendo em vista as mobilizações sociais e políticas pela ampliação dos direitos para o povo, bem como a Reforma Agrária. Em relação às ações do Estado, destaca-se o Estatuto do Trabalhador Rural (1963), com a ampliação dos direitos para os trabalhadores rurais, ao mesmo passo que foi criada a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag). No entanto, essas lutas são atribuídas diretamente aos trabalhadores e os aliados da luta, considerando que nos anos seguintes as ações da “aliança” pelo golpe foram direcionadas a desestabilizar as organizações populares.

Neste mesmo contexto, também se destaca a história de outra Liga que ganhou notoriedade a partir do contexto de resistência a violência dos fazendeiros e do Estado, como Liga de Sapé (Paraíba), fundada por João Pedro Teixeira, João

⁸ Montenegro (2004) destaca o percurso da imprensa retratando os conflitos travados pelos trabalhadores contra os latifundiários e o Estado, tendo em vista o “barulho” que as ligas estavam fazendo pelo Brasil. Antônio Callado esteve na região em 1959 realizando entrevistas com os camponeses envolvidos na luta, bem como Tad Szulc em 1960. Além disso, o autor destaca que a atuação da imprensa nacional neste contexto tinha relação com interesses políticos. Bem como a presença internacional com o *New York Times*, destaca a intenção dos Estados Unidos nos acontecimentos do território, tendo em vista a ameaça “comunista” e os interesses da dominação imperialista.

Alfredo Dias e Pedro Inácio de Araújo em 1958, como a “Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Sapé”. Os camponeses foram influenciados pela experiência vivenciada em Galileia, além disso, pela aproximação com o PCB. Foram anos de muita luta coletiva com os camponeses da região, em busca dos direitos do povo do território. Já nos primeiros anos da década de 1960 há o acirramento da repressão dos latifundiários da região contra as principais figuras da liga, que eram constantemente ameaçadas.

O assassinato do vice-presidente da Liga de Sapé, João Pedro Teixeira, em 1962 foi um recado para os camponeses da região. João, como uma liderança da luta pela terra, foi uma das vítimas da violência do latifundiário, morto com 44 anos, deixando uma esposa e dez filhos. Tudo indica como mandantes do assassinato os fazendeiros Agnaldo Veloso Borges e Pedro Ramos Coutinho, que tinham o objetivo de coagir os trabalhadores da região. No entanto, o ocorrido fortaleceu a Liga de Sapé com a chegada de mais associados, revoltados com a violência ocorrida com João. Assim, a Liga seguiu direcionada por João Alfredo, Pedro Inácio e Elisabeth Teixeira, viúva de João (Memorial da Democracia, 2024).

A experiência de Sapé também é retratada por Eduardo Coutinho, no longa “Cabra marcado para morrer” de 1984, inspirado em João Pedro Teixeira. A produção foi realizada a partir do Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes (CPC da UNE), de 1962 a 1964, com participação dos integrantes do movimento na produção. Elisabeth Teixeira representava sua própria história, ao lado de outros companheiros de luta⁹.

As gravações foram interrompidas em 1964, com o acontecimento do golpe militar. Os militares que estavam na região foram em busca dos trabalhadores e da equipe de Coutinho, para prender e confiscar os materiais da produção. No entanto, a equipe conseguiu resgatar alguns negativos do material gravado até o momento, que ficou guardado até o processo de revisão da produção anos depois.

⁹ As informações relatadas seguem a referência o longa *Cabra Marcado Para Morrer* (1984), tendo a vista a experiência relatada pelos participantes da produção e integrantes da Liga de Sapé na década de 1960.

Após o acontecido os trabalhadores que não foram presos e mortos se dispersaram da região, temendo por suas vidas e de suas famílias¹⁰.

Nas lutas travadas pelos sem-terra, tomando o Galileia e Sapé como exemplo, a perseguição e repressão no início da ditadura militar era à procura dos comunistas que estariam ajudando a iniciar uma guerra armada. Este fato nos permite refletir sobre duas situações: a primeira diz a respeito ao “fantasma do comunismo” ser a motivação da perseguição. A segunda, sobre a impossibilidade do povo do campo se auto-organizar, sem a influência de terceiros. Neste contexto, o combate ao comunismo se mostra como uma forma de proteger a nação, quando o objetivo real é ceifar as organizações populares em luta por seus direitos.

Essa possibilidade é negada quando os integrantes das Ligas são vistos como indivíduos que existem apenas para servidão. No primeiro momento servem aos senhores do latifúndio, donos das fazendas onde foram explorados nos anos anteriores. A partir do rompimento deste ciclo, o povo se organiza e toma consciência da situação de exploração, negando-se a aceitar que este é um processo autônomo. Assim, os fazendeiros, o Estado e toda a classe detentora do poder acreditam que essa organização só seria possível pela influência dos comunistas.

Os anos da repressão do golpe tiveram um impacto na vida como um todo dos trabalhadores rurais, tendo em vista que a violência e a exploração no território faziam parte da dominação da classe dominante. Incontáveis chacinas por todo o Brasil, em especial no Nordeste, refletem a realidade do camponês.

De meados da década de 60 até o final da década de 70, as lutas camponesas eclodiram por todo o território nacional, os conflitos fundiários triplicaram e o governo, ainda na perspectiva de controlar a questão agrária, determinou a militarização do problema da terra. A militarização proporcionou diferentes e combinadas formas de violência contra os trabalhadores. A violência do peão que é o jagunço da força privada, muitas vezes com o amparo da força pública. A violência da polícia, escorada na justiça desmoralizada, que decretou ações contra os trabalhadores, utilizando recursos dos grileiros e grandes empresários, defendendo claramente e tão somente os interesses dos latifundiários. No ano

¹⁰ Vale ressaltar que João Alfredo e Pedro Inácio foram presos em abril de 1964 e estão desaparecidos desde então. Acredita-se que foram mortos e seus corpos descartados da região de Sapé, no entanto, estes corpos não foram identificados. A Comissão Nacional da Verdade realizou buscas pelos corpos dos camponeses, mas não obteve retornos. Indica-se que a produção de Coutinho ajudou a contar para o mundo a realidade vivenciada pelos camponeses na região, identificando a violência mesmo após a anistia.

derradeiro do governo militar, 1985, os jagunços dos latifundiários e a polícia assassinavam um trabalhador rural a cada dois dias (Fernandes, 2001).

Elisabeth Teixeira passou a se esconder, vítima da perseguição, mudou-se para a pequena cidade de São Rafael (RN) com apenas um de seus dez filhos. Assumindo a identidade de Marta Maria da Costa, reconstruiu sua vida e ficou incomunicável por anos, somente seu filho mais velho sabia de seu paradeiro. Durante todo esse tempo, Elisabeth nunca falou sobre o ocorrido, com medo de ser reconhecida e ser assassinada como seus companheiros de luta. Assim, é importante destacar que o acirramento da violência no campo se adaptou às novas realidades, tendo em vista que mesmo após a Lei da Anistia e o fim do AI-5 ainda se vivia um período ditatorial (Viana, 2013), em contexto de violência e dominação do latifundiário do território rural.

Somente em 1981 Coutinho retoma a produção, agora em moldes diferentes, almejando o reencontro com os trabalhadores rurais de Sapé, em especial Elisabeth, que relata suas memórias de resistência ao lado de seus companheiros de luta.

Tendo em vista a realidade apresentada por Coutinho, a produção se apresenta como um resgate da memória dos trabalhadores rurais de Sapé, em consonância com a história daqueles que lutaram pela sobrevivência durante a ditadura militar. Em foco a representação do tempo em dois momentos diferentes, a busca pela autonomia através da luta coletiva em 1964 e o enfrentamento do medo e a luta pela sobrevivência 17 anos depois.

O comentário de Schwartz (1987) sobre a produção de Coutinho relaciona o impacto dos anos passados, que atinge os participantes de diferentes formas. “Cabra marcado dá impressão de vitalidade e esperança ao cineasta e aos participantes do longa, antes atores.”. Para o autor, é possível identificar o comprometimento do cineasta com a representação da coletividade, e, ao mesmo tempo, respeito ao indivíduo e sua subjetividade. *Cabra Marcado Para Morrer* é um reencontro de Coutinho com a esperança do estudante envolvido com os ideais revolucionários, a quem encontra nos seus semelhantes, estes com características tão distintas, o sentido da luta popular. A relação de Coutinho com os trabalhadores de Sapé deságua no aprendizado que só se adquire através da vivência, o aprender a ser de quem aprende ensinando e ensina aprendendo.

Galileia e Sapé representam a realidade vivenciada pelos trabalhadores rurais no contexto apresentado, tendo em vista a vivência de centenas de Ligas em todo o território nacional. A experiência de resistência à barbárie faz parte da memória dos sem-terra, seguindo o sentido benjaminiano de resgate da memória da ancestralidade, buscando referências para resistir ao aqui e agora. Além disso, tomar consciência do que não pode acontecer novamente, em recusa da dominação.

Estes fatos são importantes para demonstrar a situação do território rural durante o período da industrialização e posteriormente com o golpe militar. Entende-se que o Brasil não “aconteceu” somente no espaço urbano, portanto, é necessário reconhecer a importância da movimentação dos povos do campo, que contribuíram fortemente para a construção do país, seja no sentido de migração para a cidade ou como fonte de inspiração pela resistência e na luta pela terra, na qual é travada incansavelmente até os dias atuais. Essas experiências de luta são a inspiração para muitos movimentos sociais que se construíram no decorrer da história recente, como o Movimento dos Trabalhadores sem-terra (MST).

1.4 Experiências de resistência formadoras a partir da educação popular “freireana”

As experiências de organização coletiva são descritas como um ponto de esperança no futuro repressor que se desenhava. Como citado anteriormente, o período pré 1964 foi um exemplo da efervescência muito relatada na produção de conhecimento sobre a época, tendo em vista a participação direta de muitos destes autores. Assim, as experiências populares de resistência, relatadas a partir das primeiras palavras desta pesquisa, ocorrem de forma orgânica e simultânea às expressões culturais, sendo uma parte integrante da outra em toda sua importância. A cultura produzida foi um reflexo do desejo de liberdade, como uma intuição do futuro que se desenhava.

O ano de 1958 simboliza o início do florescimento cultural que adentraria pela década de 1960: a dramaturgia ganhava impulso com a encenação

pelo Teatro de Arena, em São Paulo, da peça de Guarnieri *Eles não usam black tie*; também começava a Bossa Nova, que mudou a música popular; era mais um “ano dourado” do governo Juscelino Kubitschek, quando o PCB mudou seus rumos, a partir da “Declaração de Março” de 1958, ao passo que as esquerdas e movimentos populares entravam num período de ascensão (Ridenti, 2014, p. 504).

Neste período, destacam-se muitos acontecimentos políticos e culturais por todo o país, tendo em vista exemplos como o teatro e o percurso de absorção das características populares brasileiras e o cinema nacional, a partir da retratação das versões do Brasil real. Principalmente da música e as formas de enfrentamento do processo de repressão, tendo como resultado de produções imortalizadas da música popular brasileira, destacando-se o samba. Além disso, a literatura nacional e sua relação direta com o retrato da realidade nacional, tem em foco sua função social e política.

Em “Cultura e Política”, Roberto Schwarz (2005) retrata o Brasil da década de 1960, descrevendo as movimentações socioculturais no período pré-1964, como um dos momentos mais expressivos da cultura nacional. Se, por um lado, nas palavras de Schwarz:

Antes de 64, o socialismo que se difundia no Brasil era forte em anti-imperialismo e fraco na propaganda e organização da luta de classes. A razão esteve em parte ao menos na estratégia do Partido Comunista, que pregava aliança com a burguesia nacional. Formou-se em consequência uma espécie de desdentada e parlamentar de marxismo patriótico, um complexo ideológico ao mesmo tempo combativo e de conciliação de classes, facilmente combinável com o populismo nacionalista estão dominantes, cuja ideologia original, o trabalhismo ia cedendo terreno (Schwarz, 2004, p. 63).

Por outro lado, neste período, pelo fato da esquerda brasileira ser heterogênea, e tendo em vista o percurso adotado na presente pesquisa, neste tópico serão resgatadas as experiências relacionadas à luta pela terra e educação popular no período pré-1964. Com a gênese do método Paulo Freire e o contexto repressivo já vivenciado há décadas no território. Vale ressaltar que o contexto de repressão se expressou mais acirrado neste período, tendo em vista que a repressão e todas as formas de violência são enfrentadas por parcela da sociedade desde que o Brasil se reconhece enquanto tal. Assim, identifica-se que no período

pré 1964, as formas diversas de enfrentamento indicavam uma ameaça para a classe dominante, considerando os acontecimentos seguintes.

O percurso percorrido por Freire até chegar ao ponto das perseguições, torturas e o exílio nos primeiros anos da ditadura militar, vai de encontro à valorização das experiências populares de alfabetização. Conforme a biografia do autor¹¹, é possível identificar o desenvolvimento da sua vida já direcionada à educação. Nascido em Recife (PE), alfabetizado pelos pais, por conta da realidade econômica da família teve dificuldades para manter os estudos. Ainda assim, formou-se na Faculdade de Direito de Recife. Neste período, Freire já dava aulas e mantinha os estudos em português por conta própria. Na construção de sua vida profissional vale destacar a experiência como coordenador no Serviço Social da Indústria (SESI), já direcionando a interlocução com a alfabetização e a realidade social das famílias atendidas pelo serviço (Brandão, 2001).

As experiências de desenvolvimento do método são localizadas entre 1959 e 1964, a partir da aproximação de Freire com o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). A partir da instituição, identifica-se os interesses em afinar a cultura nacional com os ideais desenvolvimentistas. Assim, desenvolvendo a proposta de alfabetização em sinergia com o projeto nacional desenvolvimentista, Freire inicia os trabalhos tendo em vista a integração à realidade popular. Essa experiência inicial expõe a contradição das experiências constitutivas do método, tendo em vista a dominação da classe dominante (Alves, 2014).

Em relação às experiências do nordeste brasileiro, tendo em vista a história das Ligas Camponesas, destacam-se experiências como a Ação Popular (AP) e a formação do Movimento de Cultura Popular (MCP). Criado em Recife e desenvolvido também em Pernambuco com o apoio de Miguel Arraes, então prefeito na época¹². O movimento tomou caminhos inimagináveis, através do desenvolvimento do

¹¹ Como descrição da história de Freire, tomaremos como referência ao texto "PAULO FREIRE O MENINO QUE LIA O MUNDO: uma história de pessoas, de letras e de palavras", de Carlos Rodrigues Brandão, especialmente para o MST. Escrita em 2001, publicada pela editora Expressão Popular em 2014. Nesta pesquisa utiliza-se a primeira versão da obra.

¹² Apesar do apoio, o movimento tinha o objetivo de alfabetizar adultos, sendo a moeda de troca o apoio na candidatura de Miguel Arraes como governador (Schwartz, 2005).

método Paulo Freire de alfabetização durante os primeiros anos da década de 1960, findando em março de 1964 com o golpe militar.

Em "O fantasma da revolução brasileira" (1993), Ridenti faz um panorama do tensionamento sociopolítico do país neste contexto revolucionário, em foco as contradições da esquerda brasileira. Destacando a Ação Popular (AP) como uma das organizações com forte relação com o povo, considerando sua articulação com o movimento estudantil, religioso em defesa de ideais democráticos¹³, sindicatos, trabalhadores, entre outros. Assim, a AP realizou expressivas ações de alfabetização e conscientização política a partir das experiências populares.

A partir de seu surgimento, o método alcançou objetivos distintos da alfabetização para fins da formação escolar convencional. Assim, a partir da experiência, o principal objetivo se transforma em ampliar as possibilidades através da conscientização, transformando quem ensina e quem aprende através da experiência comunitária. Para Roberto Schwartz (2005, p. 69) "o trabalhador rural entrava, de um mesmo passo, no mundo das letras e no dos sindicatos, da constituição, da reforma agrária, em suma dos seus interesses históricos". Essa experiência foi expressiva para o método que fora gestado anteriormente, levando em consideração que nessas experiências é possível observar as movimentações culturais e políticas do povo auto-organizado.

Se o MPC foi iniciado como uma prática reformista, o movimento de auto-organização, através do teatro, por exemplo, é um dos resultados que expressa a contradição desse processo. O teatro de características populares e políticas tem suas bases nessas experiências, não somente urbanas, exemplificando as experiências de mobilização no território rural também faziam parte do movimento revolucionário. Como resultado, a formação dos Centros Populares de Cultura (CPC) com inspiração das experiências em Recife, a partir da mobilização da União Nacional dos Estudantes (UNE), o apoio do Teatro de Arena e a formação do grupo de teatro Oficina, na Universidade de São Paulo (USP) (Ridenti, 2014).

A experiência de alfabetização no Brasil efervescente expõe novamente o contexto do embate político dentro das ações da esquerda brasileira, tendo em vista as aproximações com o povo. Apesar das experiências iniciais contraditórias de

¹³ Neste ponto destacam-se movimentos como a Juventude Universitária Católica (JUC) e a Juventude Operária Católica (JOC) (Ridenti, 1993).

preparação do povo para o voto, o método desenvolvido por Freire teve desde o início a aproximação com o conhecimento da realidade dos alfabetizandos. Assim, identifica-se a práxis contida no método, que era direcionado aos participantes das ações a partir da percepção coletiva.

A partir das experiências formativas populares na década 1960 é possível identificar a gênese do que hoje conhecemos como o método “freireano”. Neste processo, Freire assume um direcionamento contrário a classe dominante, o que será reafirmado com as perseguições sofridas e com seu exílio no Chile. Para Alves (2014), é possível identificar essa nova perspectiva na obra Educação como prática da liberdade (1967), mais como objeto prático do que pedagógico, que só é definido em suas obras posteriormente.¹⁴

Em Pedagogia do Oprimido (1974), obra elaborada por Freire durante seu exílio no Chile, no fim da década de 1960, pode ser identificada enquanto um resultado das análises das experiências relatadas anteriormente. A obra mais famosa de Freire demarca definitivamente a práxis emancipatória da educação popular, como resultado da experiência do próprio autor enquanto um indivíduo em um processo constante de conscientização nas experiências populares.

É possível entender a educação popular como “o esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares; capacitação científica e técnica” (Freire, Nogueira, 1993, p. 19), pode-se dizer que existem várias formas de vivenciar a educação popular enquanto prática. No contexto da barbárie, onde a realidade da dominação imperialista contribui cada vez mais para a minimização da existência dos grupos populares, as práticas culturais vão se adaptando às novas ações de busca pela sobrevivência, em recusa à adaptação à barbárie vigente.

O poder que a educação popular carrega, vem da conscientização do indivíduo, com a possibilidade de buscar pela capacidade de enxergar o mundo a partir dos seus próprios olhos, para que este entenda que não precisa enxergar através dos olhos dos outros. Compartilhar experiências, vivências em grupo é diferente de ser tutelado, através da atuação de outrem, principalmente porque a educação popular só é possível nas experiências comunitárias. ”Por isto é que esta

¹⁴ Em Pedagogia do Oprimido, Freire abre a discussão no capítulo “Justificativa da pedagogia do oprimido” apontando as reflexões iniciadas em “Educação como prática da liberdade” enquanto uma introdução do tema (p. 39, 2021).

educação, em que educadores e educandos se fazem sujeitos do seu processo, superando o intelectualismo alienante, superando o autoritarismo do educador “bancário”, supera também a falsa consciência do mundo” (Freire, 2021, p.105).

A partir dessas experiências Freire se construiu um educador mundialmente conhecido, reafirmando sua potencialidade com as constantes perseguições da elite brasileira. O método foi replicado Brasil afora, inspirando ações na América latina e no mundo.

Neste ponto, vale destacar a importância que as ideias de Freire e suas produções influenciaram outros atores importantes na história. Como exemplo, bell hooks¹⁵ destaca na obra “Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade” publicada pela primeira vez em 1994, a importância do contato com as ideias de Freire para a sua formação intelectual e pessoal, enquanto uma mulher negra do Sul dos Estados Unidos.

As reflexões de hooks acerca dessa identificação partem de um lugar muito íntimo, não somente metodológico ou formativo, ou seja, hooks se identificava com os camponeses de quem Freire falava a partir de sua vivência, quando relata que “encontrar Freire foi fundamental para a minha sobrevivência como estudante” (hooks, 2017, p. 38).

A relação de identificação toca novamente no lugar do enfrentamento da dominação imperialista, que no caso de hooks, relaciona-se a experiência da supremacia racial e a luta por uma educação de qualidade.

Como eu já dei a entender, fui criada numa área rural do Sul agrário, entre negros que trabalhavam a terra, e me senti intimamente ligada à discussão da vida dos agricultores na obra de Freire e sua relação com a alfabetização. Sabe, não existem livros de história que realmente contem como era difícil a política da vida cotidiana para os negros no Sul segregacionista, quando tantas pessoas não sabiam ler e frequentemente dependiam de gente racista para explicar, ler e escrever. E eu fiz parte de uma geração que aprendia essas habilidades, que tinha um acesso à educação que ainda era novo. A ênfase na educação como necessária para a libertação, que os negros afirmavam na época da escravidão e depois durante a reconstrução, informava nossa vida. E por isso a ênfase de Freire

¹⁵ Glória Jean Watkins, conhecida pelo pseudônimo *bell hooks*, foi uma escritora e ativista negra norte-americana, que se tornou referência mundial em relação à teoria e reflexão sobre feminismo negro. Em sua trajetória, *hooks* escreveu mais de 40 livros, propondo reflexões profundas a partir de sua vivência. A autora faleceu em 2021, deixando um grande legado a partir de sua contribuição para a teoria crítica. Seu pseudônimo é uma homenagem a sua avó, e uma de suas marcas é justamente a escrita deste nome com letras minúsculas. Este é um posicionamento político da autora, para enfatizar o conteúdo de suas reflexões e não o seu nome.

na educação como prática da liberdade fez sentido imediatamente para mim. Consciente desde a infância da necessidade da alfabetização, levei comigo para a universidade a lembrança de ler para as pessoas, de escrever para as pessoas. Levei comigo as lembranças de professoras negras no sistema escolar segregado que tinham sido pedagogias críticas e tinham nos proporcionado paradigmas libertadores. Foi essa experiência precoce de uma educação libertadora na *Booker T. Washington* e na *Crispus Artucksas* escolas negras dos meus anos de formação, que me deixou perpetuamente insatisfeita com a educação que recebi em ambientes predominantemente brancos. E foram educadores como Freire que afirmaram que as dificuldades que eu tinha com o sistema de educação bancária, com uma educação que nada tinha a ver com minha realidade social, eram uma crítica importante (hooks, 2017, p.72-23).

Este forte relato é importante para ilustrar o poder da conscientização, mesmo em um território distante, a dominação se faz presente com os mesmos objetivos. E no caso da experiência de hooks, o racismo se apresenta com características impeditivas de acesso aos direitos como um todo, mas o principal deles, o direito à vida.

Assim, cabe destacar dois pontos importantes da Pedagogia do Oprimido, que se relacionam justamente à experiência de sobrevivência no contexto de barbárie. O primeiro destes é justamente o significado dessa pedagogia, não somente enquanto um método a ser aplicado, mas o seu sentido de ser, “aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante pela recuperação de sua humanidade” (Freire, 2021, p. 43).

É necessário entender que o protagonista é a quem se direciona, e, ao mesmo tempo, a constrói. Por este motivo é do oprimido e não para o oprimido. Outro ponto importante, é a relação intrínseca às práticas comunitárias, não há pedagogia do oprimido sozinho, pois sua base é justamente a reflexão na vivência coletiva por uma nova visão de mundo. Através deste processo de conscientização é possível recriar-se a partir dessa nova visão de mundo, que, novamente, não é construída na coletividade. No entanto, cabe ressaltar que a tomada de consciência não é um processo simples e muito menos linear, pois envolve diversos fatores relacionados ao processo de opressão vivenciado por cada indivíduo. Nas palavras de Freire, é possível identificar essa complexidade.

A libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos. A superação da contradição é o parto que traz ao mundo este homem novo não mais

opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se (Freire, 2021, p. 48).

Nos tópicos anteriores foi possível refletir sobre o processo de dominação da vida como um todo, aqui, nas experiências da educação popular, relacionadas principalmente ao contexto de luta pela terra, temos um retrato dessa dominação. Nestes moldes, a conscientização se apresenta como uma ameaça ao dominador, e em primeiro momento também para o oprimido, a quem não conhece outra realidade.

Ao mesmo tempo, a humanização do oprimido é um componente crucial na construção dessa relação com os círculos de cultura, pois é um incentivo a relação do indivíduo com ele mesmo, a partir da descoberta da sua própria história. Aos poucos a conscientização e os ideais libertários não se apresentam como uma ameaça, mas sim uma nova possibilidade. A recriação de si e do seu mundo é a recusa das bases opressoras, que só serão vencidas através da consolidação da teoria e da prática no cotidiano, a práxis libertária.

Ao relacionar as reflexões de Freire com a história de Luiz Beltrame, é possível identificar em suas poesias justamente este ponto de tomada de consciência. Em sua obra é possível observar a expressão de sentimento de indignação sobre a realidade de opressão, e, ao mesmo tempo, da ação de seu Luiz nas experiências comunitárias na luta pela mudança que almejava. E, além disso, a todo tempo, também é possível identificar o senso de coletividade em sua obra. Tendo em vista a defesa dos objetivos dos sem Terra e dos direitos para o povo, não apenas seus desejos individuais.

A recriação do seu destino traçado é o principal ponto de partida do resgate de sua experiência na luta pela terra, em relação à práxis libertadora. Na poesia “Caminhando para a liberdade” de 1999, feita em comemoração aos 15 anos do movimento, é possível identificar os anseios de seu Luiz para o futuro.

Por intermédio dessa letra
É que eu fico comovido
Vamos caminhar de novo
Por este Brasil querido
Para conquistar a liberdade
Que não são passos perdidos
Precisamos fazer juntos
Resolver todos os assuntos
É lutarmos sempre unidos.

Porque a luta pela terra
Esta é muito importante
Com sol ou com a chuva
Com alegria bastante
Do Movimento Sem Terra
Não podemos estar distante
O presidente faz assim
Vem o fulano e dá o fim
Nenhum dos dois não garantem.

Tudo o que eu já passei
E os anos que estou passando
O tempo não pára nunca
É igual nós está sempre andando
Quanto mais passam os dias
Mais coragem vem chegando
Nesta marcha ninguém cansa
Porque ela é a esperança
Que a vitória está mandando.

Eu nunca pensava ver
O que está acontecendo
Até o emprego sumiu
E a violência está crescendo
Os ricos vivendo bem
E a pobreza sofrendo
Tem gente passando fome
O dinheiro da mão some
E ainda fica devendo.

Estamos chegando perto
Então eu vou terminar
Se não escrevi certo
Então vou me desculpar
Pois eu luto pela terra
E quero Reforma Agrária Já!
Mas não adianta querer
É preciso se envolver
E lutar pra triunfar.
(Castro, 2002, p. 85).

No contexto apresentado até aqui, a construção da cultura nacional a partir da modernização fazia parte do projeto de poder dominante, desvalorizando as experiências populares que tivessem por base a democracia emancipatória.

2 A LUTA PELA TERRA NO BRASIL E SUA REPRESENTAÇÃO NA LITERATURA POPULAR

2.1 Crise estrutural e a resistência popular no Brasil

Do ponto de vista histórico, é importante ressaltar que não há um fluxo linear dos acontecimentos, apesar de haver momentos históricos e datas emblemáticas. Sendo assim, é necessário exaltar a real história da formação social brasileira, com o resgate das experiências revolucionárias de luta contra a opressão. Este direcionamento é válido para conscientização da própria história e para a recusa da realidade de barbárie, no contexto vivenciado da crise atual e estrutural¹⁶ em curso.

O período pré-1964, também pode ser descrito como pré-revolucionário. Tendo em vista as movimentações populares, que mesmo não sendo uma situação homogênea e ideal, ainda representavam riscos à hegemonia burguesa brasileira.

“O país estava irreconhecimento inteligente”, famosa citação de Schwarz no ensaio *Cultura e Política* (2003), faz alusão à mobilização da população brasileira nunca vista anteriormente. Assim como na atualidade, para Paulo Arantes (2014), um momento como esse só pode ser vivenciado novamente em junho de 2013¹⁷. A aura da efervescência jamais foi sentida como no período pré 1964, sendo descrito como um momento único. Por este motivo, as mobilizações deste período não podem ser vistas de forma engessada, com propósitos de enfrentamento cotidiano, pois ocorriam de forma orgânica, sobretudo do ponto de vista cultural. Assim, é possível entender como mobilização toda e qualquer movimentação do povo, que porventura provoque a conscientização popular.

Para resgatar as experiências do período citado, é indispensável entender o contexto das décadas anteriores, abrangendo o período do pós-Segunda Guerra Mundial, com a modernização e industrialização nacional e seus impactos,

¹⁶ Atendo-se como referência às reflexões de Mézáros em “Para além do capital” e “Crise estrutural do capital” em relação às crises do sistema capitalista em curso a partir da década de 1970 até o momento atual

¹⁷ No livro de ensaios “Novo tempo do mundo” (2014), Paulo Arantes escreve o ensaio “Depois de junho a paz será total”, trazendo uma discussão sobre a atualidade, uma reflexão profunda sobre o junho de 2013 como um momento único de mobilização no país.

considerando as rápidas mudanças estruturais sofridas em escala mundial. No caso do Brasil, observando que os fatos ocorridos não são isolados, relacionando a dominação externa em seus primórdios como a gênese do processo de desenvolvimento do capitalismo em um país da periferia do sistema.

Dito isto, observa-se que o período pós Segunda Guerra Mundial (1945-1955) foi decisivo para a consolidação das grandes potências internacionais, logo influenciando nos passos seguintes dos países que compõem a periferia do sistema capitalista mundial. E por consequência, sendo importante para a consolidação da hegemonia dos Estados Unidos como uma potência imperialista mundial (Mészáros, 2013).

Em linhas gerais, por integrantes da “periferia” do sistema capitalista, são considerados os países que estão em situação de “subdesenvolvimento”, dependência e influência internacional na economia e no controle sociopolítico. Ou seja, na presente pesquisa em figura da América Latina como parte integrante dessa periferia e suas particularidades¹⁸.

Para Alves (2012, p. 60), “a história do subdesenvolvimento da América Latina e de outros não se destaca do mundo pelo seu “atraso”, ao contrário, é neste ponto que está integrada ao desenvolvimento capitalista mundial”. Assim, entende-se que os países explorados garantiam a riqueza necessária para o sucesso do primeiro mundo. O desenvolvimento do país seguiu seu curso, caminhando da economia colonial até o desenvolvimento do sistema capitalista brasileiro aos moldes formais. E enfim a modernização, sendo de influência externa, como um dos fatores intrínsecos à formação do Brasil enquanto nação, desde os primeiros momentos.

Atendo-se a influência externa, existem questionamentos acerca do real papel da industrialização de um país como o Brasil e seu “desenvolvimento periférico”. Este questionamento pode ir além, levando em conta o processo de consolidação do sistema capitalista no Brasil desde os seus primórdios. Mesmo não acompanhando o ritmo de desenvolvimento dos outros países, ainda assim identifica-se a gênese do sistema capitalista brasileiro, considerando até mesmo o processo de fortalecimento de suas bases a partir do sistema escravista.

¹⁸ Em referência ao desenvolvimento do sistema capitalista na periferia, utilizamos os conceitos abordados por *Frantz Fanon* em “Os condenados da terra”. O tema será desenvolvido durante a pesquisa como um todo, sendo em alguns momentos relacionado ao pensamento de outros autores e contribuições gerais.

Entre 1945 e 1964 o país passava por grandes mudanças estruturais, sendo alvo das ânsias da modernização e da industrialização pesada ¹⁹. Ressaltando as disputas de poder, protagonizadas pela classe dominante, de um lado os latifundiários²⁰, que pleiteavam por um espaço na administração nacional, haja vista os receios que a industrialização causara. E de outro, a dita burguesia nacional para dar um pontapé inicial a modernização, dessa forma pleiteando a inclusão no dito mundo moderno. Posteriormente esta preocupação caiu por terra, visto que uma das características do desenvolvimento do sistema capitalista é a adaptação às realidades²¹, transformando o latifúndio como uma das fontes de investimento.

(...) o desenvolvimento capitalista operava-se sem desvencilhar-se de formas econômico-sociais que a experiência histórica tinha demonstrado que lhe eram adversas; mais exatamente, O desenvolvimento capitalista redimensionava tais formas (por exemplo, o latifúndio), não as liquidava: refuncionalizar-as e as integrava em sua dinâmica (Netto, 2015, p. 33).

Neste cenário, a industrialização acelerada representava a grande mudança, o avanço e o crescimento nacional. Sendo caracterizada como a era das grandes possibilidades, com a criação de novos postos de trabalho, investimentos de grandes multinacionais e a ampliação do poder de compra de parte da população. Ao mesmo tempo, ocorre a urbanização e a migração desordenada para as grandes metrópoles, que se tornaram fonte de novas oportunidades econômicas (Mello; Novais, 1998).

Como um grande exemplo desse processo de crescimento desordenado temos a experiência do Plano de Metas, apresentado pelo presidente Juscelino Kubitschek, cujo lema era popularmente conhecido por “50 anos em 5”, planejando

¹⁹ Entende-se que o processo de industrialização do Brasil teve características individuais, pertinentes ao contexto socioeconômico, cultural e político do país. Entretanto, vale ressaltar a influência externa, E neste sentido se refere aos países imperialistas e grandes potenciais mundiais, em todo este processo. Servindo como base e um modelo a se seguir no quesito da industrialização, não abrindo espaço para o crescimento individual de países da América Latina enquanto nações independentes, apenas como codependentes.

²⁰Do ponto de vista do território rural, os latifundiários são os capitalistas detentores das terras, dominadores do território, que inicialmente estavam ligados à produção de café, leite, gado, etc. A herança escravista é um fato, visto como a continuidade da exploração por “novos” moldes.

²¹ Em relação às características do sistema capitalista durante seu desenvolvimento, é importante observar novamente as particularidades da América Latina, e sobretudo, a realidade da crise estrutural e atual a partir da década de 1970 (Mészáros, 2011).

um super desenvolvimento em poucos anos. O plano tinha o objetivo de desenvolver setores estratégicos, a partir do financiamento público e privado, com a finalização total prevista até o ano de 1965 (Brasil, 1958).

No documento oficial do Plano de Metas é possível observar a explanação da preparação teórico-prática para o desenvolvimento de tal projeto, contando com a participação de especialistas de diversos setores estratégicos para o desenvolvimento nacional. Haja vista as reflexões anteriores acerca do período da industrialização, no documento também é possível observar a importância dada a potencialização das siderúrgicas e a implementação da indústria automobilística no país. Sendo necessário observar a grande influência da ideologia positivista nestes documentos, até mesmo nas ideias defendidas pelo governo da época.

Neste momento, o objetivo era alcançar um patamar de produção para manter as possibilidades da exportação, dessa forma firmando acordos econômicos com as grandes potências mundiais. E, ao mesmo tempo, abrindo espaço para a exploração do território, que neste período ainda era considerado vasto. Pouco tempo depois já era possível observar as consequências desse processo, ou seja, um agravamento do que já se mostrava ser um problema social.

Seguindo este ritmo, o país era sufocado por grandes disputas de poder. As expressivas mobilizações sociais eram vistas como uma ameaça por parte da burguesia dominante.

O embate não dizia respeito à defesa do que já ficará sepultado no passado, a economia exportadora e a sociedade agrária não colocavam em tela de juízo a necessidade ou não da industrialização. O que estava em jogo, isto sim eram dois estilos de desenvolvimento econômico, dois modelos de sociedade urbana de massas: de um lado, um capitalismo selvagem e plutocrático; de outro, um capitalismo domesticado pelos valores modernos da igualdade social e da participação democrática dos cidadãos, cidadãos conscientes de seus direitos, educados, verdadeiramente autônomos, politicamente ativos (Mello; Novais, p. 618, 1998).

Além do “fantasma do comunismo” ser retratado como um grande perigo à nação em construção, a América Latina precisava ser um território controlado. Os governos socialistas eleitos a partir da democracia não contribuíram para o controle da hegemonia imperialista, por outro lado, seria o início da caminhada para uma

possível emancipação, representando o maior pesadelo dos grandes herdeiros da chibata, somando-se os burgueses emergentes.

A disputa de poder entre a burguesia resultou no que conhecemos como o golpe de 1964, a ditadura civil-militar. Este processo, através da intensa repressão contra o povo, impactou o país de forma nunca vista anteriormente. Assim, para Marcelo Ridenti (2014, p. 47) “A versão populista da hegemonia burguesa já não era suficiente para organizar o conjunto da sociedade conforme os interesses do capital, ameaçados pelo questionamento dos de baixo, que tomaram a iniciativa política.”

O resultado foram 25 anos de dominação e repressão, com a reprodução de diversas formas de violência e a morte daqueles que ousavam resistir. Assim, o período também é representado pela resistência do povo contra a realidade de barbárie. As formas de resistência de luta pela terra descritas no tópico anterior são um exemplo das lutas travadas neste período, sendo possível identificar a gênese dos entraves descritos como o percurso do golpe.

É histórica a ação popular e de movimentos sociais contra a ditadura civil-militar, podendo ser percebida pelo controle social exacerbado, com o aumento da opressão contra as massas durante este período, através da tortura, da morte e de outras formas de violência. Não somente no Brasil como também nos outros países da América Latina.

Para que os países capitalistas avançados existam é necessária a manutenção do subdesenvolvimento dos países ditos periféricos. A garantia de sucesso na estrutura do capital vem da exploração e manipulação. A manutenção da hegemonia econômica, social e política em nome da modernização.

Já no século XXI, com o neoliberalismo vigente, ocorre um acirramento ainda maior das questões enfrentadas pelos trabalhadores. O Estado de bem-estar social, no qual nunca existiu no país, dá espaço para o Estado mínimo de direitos. A importância econômica em primeiro lugar já não é mais disfarçada.

O desemprego crônico também é uma característica da crise atual, que não atinge só a economia, mas todos os âmbitos da vida humana. A crise é inerente ao sistema capitalista. Com as mudanças ocorridas, principalmente com a chamada “revolução tecnológica”, a passagem do trabalho não qualificado para o qualificado tornou-se uma realidade. A mudança do perfil dos trabalhadores, com o surgimento

de novas configurações de exploração no mundo do trabalho, e a tendência da culpabilização por não ter qualificação era uma justificativa para o desemprego latente. O desemprego deixa de ser caracterizado como temporário e passa a ser permanente, independente da qualificação. Deste modo, a luta pela sobrevivência humana, na estrutura capitalista, é o ponto de partida do surgimento dos grupos auto organizados e os movimentos sociais. A luta é pela garantia de sobrevivência na crise estrutural.

A busca por formas de sobrevivência diferencia-se da busca por formas de adaptação ao capital. A luta pela sobrevivência se dá a partir da busca por fortalecimento e realização de ações contra as opressões vivenciadas. Por outro lado, a busca pela adaptação consiste em aceitar as condições postas de exploração e buscar por formas de fazer parte deste processo, o que a própria autodestruição.

A luta pela sobrevivência requer consciência do mundo e de si próprio. A partir da perspectiva da educação popular, a luta pela libertação precisa ser radical, no sentido de negação das opressões. Na atualidade, apesar da inércia, conformismo, e acirramento sócio político vivenciado em alguns países, é no território latino-americano que há a esperança de enfrentamento do sistema vigente mediante futuras revoluções sociais.

Isto é compreensível, já que a necessidade de mudança radical é muito mais urgente na América Latina do que na Europa e nos Estados Unidos, e as soluções prometidas da "modernização" e "desenvolvimento" demonstraram não passar de uma luz que se afasta num túnel cada vez mais longo. (Mészáros, 2011, p. 31).

Em suma, o período de desenvolvimento e a consolidação do capitalismo maduro no Brasil tem impactos incalculáveis. Considerando a crise estrutural, o que se pode esperar dos momentos de crise do sistema que se sustenta pela superexploração? Apenas a barbárie. Neste sentido, vale resgatar as reflexões de Arantes (2008), que reflete sobre a grande promessa de que “algo grande está por vir”, imbuída no imaginário brasileiro que ainda sonha com a era de ouro. O povo brasileiro, tão conhecido pela garra e pela esperança, quase que sobrenatural, na verdade, carrega em seu DNA uma sensação de espera que nunca cessou. O que ainda estaria por vir?

2.2 A origem do movimento dos Trabalhadores Sem terra - MST

Com o percurso da história da luta pela terra travada pelos trabalhadores nas Ligas Camponesas, percebe-se que o futuro se desenhava cada vez mais incerto. Indicando que seria preciso se reinventar para ir em busca da liberdade, visto que a dominação atingia a vida dos camponeses como um todo.

Já nas décadas anteriores ao golpe, foi possível observar a movimentação crescente dos trabalhadores, considerando o direcionamento político²² da luta. A violência do Estado e do latifúndio faz parte do cotidiano dos trabalhadores rurais, o que requer uma organização cada vez mais coletiva em prol dos objetivos de todos.

A relação entre as lutas populares com os partidos políticos de esquerda foi consistente, tendo em vista a defesa dos ideais coletivos e a disputa política contra a hegemonia social. Assim, a relação direta entre os partidos e o “fantasma do comunismo” era uma forma de marginalizar as experiências populares atreladas a estes ideais. Vale ressaltar que a situação de outros países da América latina, como Cuba com Fidel Castro, inflou ainda mais o delírio da classe média. Tendo em vista os investimentos dos EUA em relação aos ideais anticomunistas.

Já no golpe civil-militar, no auge da efervescência popular do país,—a repressão e a violência que já faziam parte da realidade brasileira, seja no campo ou nas cidades, foi direcionada para enfraquecer ainda mais as mobilizações da época. Assim, era preciso recalcular a rota, tendo em vista a sobrevivência e os avanços à medida que fosse possível. Neste contexto apresentado, sobreviver era considerado uma subversão.

No Brasil, além dos fatores internacionais, foram principalmente aspectos da política nacional que marcaram as lutas das esquerdas. O processo de democratização política e social, com a crescente mobilização popular pelas chamadas “reformas de base” – agrária, educacional, tributária e outras que permitissem a distribuição mais equitativa da riqueza e o acesso de todos aos direitos de cidadania –, foi interrompido pelo Golpe de 1964. Ele deu fim às crescentes reivindicações [21] de lavradores, operários, estudantes e militares de baixa patente, cuja politização ameaçava a ordem estabelecida (Ridenti, 2014, p. 47).

²² De acordo com Montenegro (2019), a relação entre as Ligas e os partidos de esquerda, em especial o PCB, ficou estremeçada no início da década de 1960. A partir do rompimento oficial com o partido durante o I Congresso de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, em novembro de 1961, na cidade de Belo Horizonte – MG.

A intenção do “governo” atuante era impulsionar o desenvolvimento econômico do país em todos os setores, dessa forma, no território rural o objetivo era a produção agrícola e agropecuária em larga escala e a exploração dos recursos naturais do país. Assim, a questão agrária foi militarizada, empregando a violência para controlar os trabalhadores que reivindicavam pela reforma e por seus direitos.

O território rural tornou-se uma fonte de investimento do Estado golpista, a partir da facilitação econômica e fiscal para os empresários da época. Ampliando a expropriação de terras e expulsando as famílias camponesas, que foram obrigadas a migrar para outros territórios, como as cidades. Este fato caracteriza o fenômeno chamado de “êxodo rural”, em relação à migração dos camponeses para as metrópoles em busca de oportunidade.

Assim, vale ressaltar o papel das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) nas décadas de 1960 e 1970, como ponto de apoio em todo o Brasil. Direcionadas a partir da Teologia da Libertação, as CEBs configuram um espaço seguro para os trabalhadores e militantes da época. Ressaltando a Comissão Pastoral da Terra (CPT), criada em 1975 para atuar nas comunidades do país, tornando-se o apoio para a gênese dos movimentos de luta pela terra que surgiram posteriormente. (Fernandes, 1999)

As CEBs e posteriormente a CPT, estavam aliadas à defesa dos direitos e contra a dominação imposta pela ditadura. Demonstrando um tensionamento interno na instituição, visto que o comunismo e os ideais revolucionários eram demonizados e vistos como um mal para a humanidade. Assim, a CPT foi importante para o processo de desenvolvimento que hoje conhecemos como MST.

A origem do MST está neste contexto, no levante das organizações camponesas frente à ditadura militar. Assim, a década de 1970 foi marcada pelo surgimento do movimento. Ressaltando experiências como a ocupação em gleba Macali em setembro de 1979, em Ronda Alta - RS. Cerca de 110 famílias ocuparam as terras que carregavam a memória da luta dos movimentos de luta pela terra da década de 1960. Com essa experiência inaugura-se o MST, com inserção por todo o país. A luta pela terra tomava novos rumos, tendo como foco a autoformação, a conscientização, e a defesa da democracia.

Assim, durante o contexto de sobrevivência no período ditatorial e a caminhada para a reabertura democrática, o movimento se consolida enquanto MST, em âmbito nacional. Vale destacar o I Encontro Nacional, que ocorreu em 1984 na cidade de Cascavel - PR, como o momento de formação. Definindo os objetivos que direcionaram todas as ações do movimento, como a luta pela terra, reforma agrária e pela justiça social. Além disso, define a ocupação de terras como uma das principais ações da luta dos camponeses pela reforma agrária.

Em 1985 o governo de José Sarney apresenta o Plano Nacional de Reforma Agrária - PNRA, a partir do decreto 91.766/1985, que previa ações como a aplicação do Estatuto da Terra e de mais de 1 milhão de famílias sem-terra. A ocupação se apresenta como uma expressão da resistência dos sem-terra, resultando na influência das desapropriações realizadas a partir do PNRA.

Como esperado, essas ações foram diretamente combatidas pelo Estado e pelos latifundiários, resultando no impedimento da aplicabilidade das metas estimadas. Além de toda violência dos territórios, nos aparatos legais é possível exemplificar a criação da União Democrática Ruralista, criada pelos latifundiários para combater as ações dos sem-terra. “Em 1988, essa organização conseguiu minar a criação de uma lei de reforma agrária no processo Constituinte e inviabilizou a solução para a questão agrária” (Fernandes, 2000).

Ainda assim, neste período o movimento participa junto a toda sociedade da construção da Constituição Federal de 1988, na qual é o resultado possível das lutas sociais e resistências do período anterior. O movimento demarca na constituição Cidadã a inclusão da função social das terras brasileiras, sendo respectivamente os art. 184 e 186, que ampliam as possibilidades da desapropriação por um período curto de tempo.

Vale destacar os congressos nacionais como pontos importantes da história do movimento, como o 2º Congresso Nacional do MST que ocorreu em Brasília em 1989, onde foram reafirmados os objetivos defendidos nas ações de luta pela terra. Foi adotado o lema do movimento que é “ocupar, resistir, produzir”, e também se reafirma o compromisso com a produção agrícola consciente. Ou seja, a luta pela terra não era apenas por um pedaço de chão, mas sim por um pedaço de chão para produzir. Já no 3º Congresso, que ocorreu na mesma cidade em 1995, destaca-se a

definição da palavra de ordem do movimento: “Reforma Agrária, uma luta de todos”. Na qual diz respeito ao entendimento de que a luta pela terra, através da reforma agrária, não era mais uma problemática apenas no território rural, sendo uma solução para os problemas dos territórios urbanos.²³

Esse percurso já demonstra o que estava por vir, com um acirramento ainda maior das lutas populares com a chegada do neoliberalismo. Este cenário já se desenhava desde o fim da ditadura, sendo consolidado na década de 1990. Portanto, ainda mais do que antes os sem-terra precisavam se organizar. Um exemplo deste acirramento são os diversos massacres contra os sem-terra, liderados por agentes do Estado ou pelos próprios latifundiários, que contavam com a impunidade para cometer crimes contra famílias que ocupavam terras.

Em resumo, ao longo da construção e consolidação do MST, foi construída uma base forte organizativa no Brasil todo. No interior do movimento a autoformação é o que direciona as diversas ações de luta pela terra, considerando neste ponto a articulação com outros movimentos sociais. E, além disso, destacando a criação de movimentos de luta pela terra auto organizados, sem relação direta com o MST ou vínculos com partidos políticos.

Portanto, o processo de formação do movimento tem inspiração justamente na experiência de sobrevivência e de luta pela terra. A partir da educação popular, a práxis transformadora que consiste nas experiências coletivas de luta pela terra representa justamente este processo de aprendizado no cotidiano²⁴. A organização também conta com diversas frentes de ações, como os setores formativos, que destacam o direcionamento educativo do movimento. A primeira formação acontece na luta, e, ao mesmo tempo, o movimento incentiva a reflexão e o pensamento crítico acerca da realidade²⁵.

²³ A destacar os Congressos Nacionais, é importante dizer que os eventos coletivos fazem parte das formas de organização do movimento, tendo em vista a organização interna e a promoção da participação dos integrantes nos processos de decisão. E, além disso, contribui para a construção de vínculos entre os sem-terra de todo o Brasil.

²⁴ Nos períodos iniciais do movimento, as ações educativas de formação de base foram direcionadas a partir do Método Paulo Freire, a partir da educação popular. <https://mst.org.br/2021/07/12/paul-o-freire-o-educador-do-povo-e-a-formacao-politica/>

²⁵ O MST conta com diversas frentes organizativas, sendo a frente educacional uma das bases do movimento. Considerando que as ações educativas conversam com o direcionamento crítico proposto pelos objetivos defendidos pelos sem-terra. Nestes primeiros anos de atuação podemos identificar a

As ações mais conhecidas do movimento são as ocupações que ocorrem com os acampamentos e assentamentos, as passeatas populares e as marchas, nas quais marcam fortemente a visão dos sem-terra no país²⁶.

Um dos pontos representativos do movimento são os signos adotados durante seus 40 anos de existência. A cor vermelha, a foice, o machado e a lona preta são símbolos utilizados para comunicar os objetivos dos sem-terra, desde a sua gênese.

Estes símbolos, tão representativos e cheios de sentido para os sem-terra, tiveram seus significados deturpados por aqueles que os reprimiram, tendo estas ideias disseminadas principalmente pela mídia, que marginalizou os sem-terra por muitos anos. Além disso, a mística, enquanto uma forma de expressão com uma comunicação lúdica, é uma das ações marcadas pelo MST e outros movimentos sociais populares. Portanto, a mística, ao lado de todos os símbolos representativos para o movimento, é uma representação da cultura dos sem-terra (Morissawa, 2001).

A luta pela terra teve suas conquistas, apesar das perdas pelo caminho. O MST, a partir de sua organização nacional, construiu um movimento com notoriedade mundial, sendo uma referência de luta em outros países. Neste tópico não é possível dar conta da magnitude de sua magnitude, mas através de seu Luiz é possível adentrar no íntimo da vida e obra de um sem-terra, que como ninguém expressa a experiência de luta pela terra.

Em sua poesia podemos perceber a descrição de momentos vivenciados no seio do movimento de luta pela terra. Tomamos como exemplo inspirador o fragmento da poesia “Reforma agrária no chão” de 2002.

Sem Terra não quer matar,
Morrer também não quer não

Sem Terra quer é ter vida
Casa e alimentação

criação das escolas sindicais, em parceria com a Central Única dos Trabalhadores (CUT). Posteriormente a criação de um espaço próprio, a Escola Nacional na cidade de Caçador, Santa Catarina. A frente educativa preocupava-se com a formação das criações, e, além disso, dos adolescentes, jovens e adultos que precisavam ser alfabetizados. Vale ressaltar que é de extrema importância ter escolas nos territórios ocupados, que em sua maioria tem dificuldades de acesso às escolas públicas (Morissawa, 2001).

²⁶ Em relação às ações do MST, as marchas serão exemplificadas a partir da descrição dessa experiência de seu Luiz em suas poesias, especificamente no capítulo

A terra para plantar
Pra poder ganhar o pão

Não quero ver...Não quero ver
A reforma agrária só na televisão
Queremos a reforma agrária
Plantada aqui no chão (...)
(Castro, 2002, p. 43).

O fragmento retrata o desejo dos sem-terra e intimamente do autor, reafirmando o compromisso coletivo pela justiça social e a transformação da vida como um todo, a partir da conquista da terra. É possível identificar que a luta dos sem-terra é pela garantia dos direitos do povo brasileiro e não há espaço para o individualismo.

Pensando na ancestralidade dos movimentos sociais auto organizados, podemos destacar a necessidade de reinventar a vida e buscar pela sobrevivência. O povo brasileiro, enquanto descendente, é beneficiário de todas as conquistas advindas da luta pela vida e pela terra. Observando que na atualidade todos os direitos conquistados, sejam estes constitucionais ou não, foram obtidos a partir da luta popular. A atualidade da luta pela terra no Brasil está totalmente relacionada à capacidade de sobrevivência na periferia do sistema capitalista, onde o ponto principal de discussão é a crise estrutural e atual (Mészáros, 2011).

A luta pela sobrevivência é ancestral e toma características diferentes a cada realidade. Nesse sentido, podemos refletir sobre quais são as características da luta no Brasil. Desse modo, o protagonismo desses atores nas lutas populares é um dos fatores mais importantes trabalhados nesta pesquisa. A existência desses grupos é um dos pontos cruciais de enfrentamento da realidade vigente, quando “apenas” a sua resistência e sobrevivência podem ser consideradas um grande ato de subversão. Assim, quais seriam as possibilidades de uma ação objetiva e subjetiva através da poesia da terra? Tomamos como referência a trajetória de Luiz Beltrame como um homem em meio há milhões, mas que representa o sentimento do mundo através da sua poética.

Assim, a literatura popular é produzida como forma de representar a luta pela terra. Sendo este o ponto central desse estudo, busca-se em Antonio Candido o referencial teórico metodológico atrelado ao desenvolvimento da literatura nacional e o seu lugar na cultura de bases populares. O percurso dos pensamentos

“candidianos” está relacionado justamente à sua experiência de formação enquanto professor, filósofo, escritor e militante.

A considerar sua contribuição crítica no contexto histórico do Brasil em sua efervescência política e cultural, o percurso metodológico do estudo vai de encontro com as experiências vivenciadas pelo autor, que o condicionaram a direcionar sua atuação e produção literária de forma mais crítica.

2.3 A literatura como forma de resistência e expressão popular

Nos tópicos anteriores, o estudo se propôs a realizar uma reflexão acerca da realidade social brasileira, como um plano de fundo da vida de seu Luiz. Seguindo o percurso das experiências de luta pela terra e das mudanças sociopolíticas e culturais que ocorreram no país, que por consequência são o espelho da formação da sociedade brasileira. Ressaltando que o objetivo não é realizar um estudo profundo sobre as contradições sociais, mas sim apontar seus rebatimentos no cotidiano daqueles que lutam pela transformação social.

Assim, no presente tópico nos preparamos para seguir os passos de seu Luiz para refletir sobre a construção do poeta popular, destacando a literatura enquanto sua ferramenta de luta e como um objeto da cultura, no qual é construído justamente das características sociais.

Fundamentando-se no pensamento de Antônio Candido (1918-2017), as reflexões partem da função social da literatura, a partir de um ponto de vista humanista e transformador. Além disso, considerando a subversão contida na transformação a partir da ação das palavras, em consonância com a práxis transformadora “freireana”, como essência da formação autônoma nas experiências populares. No caso do personagem principal desta história, a experiência de autoformação na luta pela terra por toda sua vida.

Considerando a literatura como forte expressão sociocultural, inúmeros são os estudos acerca de suas características constitutivas e diversas formas de expressão na sociedade. Estes estudos podem ter um direcionamento sociológico, histórico, artístico ou tão somente técnicos, acerca das análises textuais e críticas literárias. Para isso, tomemos como ponto de partida a reflexão de Antonio Candido (1918-2017) acerca de sua representação.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (Candido, 2011, p. 176).

É possível observar que o autor retrata a literatura em um lugar singular no cotidiano social, também ressaltando o seu significado artístico e subjetivo. Estes e outros significados estão presentes nas suas principais obras, para remeter a importância da totalidade na construção do sujeito que produz a literatura, leia-se escritor, bem como da sociedade e o meio em que está inserido.

A interpretação do subjetivo é improvável, principalmente a partir das experiências vivenciadas de forma distante da realidade retratada. Portanto, a literatura popular não é uma coisa ou outra, visto que acompanha as principais características do povo que a produz e reproduz. A literatura popular está ligada intimamente a experiências carregadas de sentidos, revelando ser uma coisa e outra. Se as expressões artísticas podem ser um instrumento de transformação da realidade, podemos entender que a partir da literatura os escritores podem se comprometer a ser os precursores dessa transformação.

Atendo-se a formação social brasileira como plano de fundo da nossa história, tudo que se produz e reproduz em seu interior faz jus às suas contradições, como um produto do meio. É possível refletir sobre a passividade dos instrumentos de ação, considerando as produções literárias com reflexões críticas ou não. Pois a literatura pode ser utilizada como um instrumento para muitos objetivos, inclusive de controle e opressão. É possível existir um indivíduo que utiliza da literatura para difundir um tipo conhecimento e se comunicar com o povo, e, ao mesmo tempo, existir outro indivíduo que se utiliza de instrumentos literários para difundir um discurso de ódio e propagar a desinformação.

Por este motivo, é importante entender que a discussão sobre a cultura, a produção artística e a literatura não deve ser romantizada. Aqui nos atemos às expressões artísticas que conversam com a realidade e fazem a sua crítica. Assim, é de extrema importância o incentivo ao pensamento crítico, para ser possível valorizar as experiências reais, que conversem com a defesa intransigente dos direitos humanos e sociais.

Seguindo o fluxo de pensamento, da mesma forma que a subjetividade não pode ser medida, também é improvável classificar a literatura produzida por poetas populares nas mesmas categorias clássicas e formais. Não no sentido de desvalorização, mas sim entendendo que não são formas avaliativas adequadas as obras. As interpretações e classificações analíticas podem desvalorizar o sentido da poesia, ocasionando em avaliações negativas relacionadas a padronização das produções literárias e da desvalorização das experiências populares. Nesse sentido, classificar a poesia popular e outras representações culturais que não seguem um padrão social imposto é uma forma de invalidar seu alcance.

A relação da reflexão proposta com o pensamento de Cândido vai de encontro com o olhar humanizado e crítico acerca da literatura nacional. Neste estudo o objetivo não é realizar uma crítica literária ou uma análise no sentido da escrita, mas sim utilizar-se da teoria apresentada pelo autor para refletir sobre as características constitutivas da literatura brasileira, considerando o contexto histórico. Ao mesmo tempo, é possível relacionar a reflexão de Roseli Caldart de Souza sobre a experiência do poeta do campo, observando a formação do indivíduo e a influência do movimento de luta pela terra em sua arte.

A poesia de seu Luiz representa uma das formas de recriação e construção da sua identidade, sendo um dos instrumentos de luta. Além disso, relacionado à reflexão anterior, sua obra tem um papel político que reforça ainda mais a poética das narrativas de experiências. Antônio Cândido (1995, p. 188) enfatiza a relação da literatura com os direitos humanos, demonstrando assim o caráter crítico da escrita juntamente com o papel social." (...) a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual".

Assim, neste capítulo é possível identificar a reflexão crítica à luz da bibliografia disposta sobre a literatura e a realidade social. E, ao mesmo tempo, encontra-se à exposição fiel às obras de Luiz Beltrame de Castro, destacando sua vida e obra como a principal referência do estudo.

3 LUIZ BELTRAME DE CASTRO, SEU LUIZ POETA

Para contextualizar este estudo é importante dar destaque a história de vida do autor, Luiz Beltrame de Castro, que publicou seus livros somente após seus 90 anos. A publicação era um de seus maiores sonhos, a poesia o acompanhou durante toda a sua vida, sendo sua forma de expressar sentimentos, sonhos e também como um instrumento de luta. Instrumento este que preserva uma memória de luta dos sem-terra, reafirmando a experiência de sobrevivência em um contexto de disputa interminável. Assim, seguindo o fluxo das experiências narradas pelo autor em suas obras, este tópico é uma introdução de sua história a partir da sua própria referência: suas poesias.

Figura 1 - Luiz Beltrame de Castro



Fonte: MST, 2016

Nascido em 10 de outubro de 1908 na cidade de Paramirim - BA, seu Luiz passou por várias cidades, conhecendo e reconhecendo os diferentes territórios brasileiros. Mesmo após anos afastados de seu território de origem, nunca deixou de refletir sobre suas raízes. Em suas obras publicadas é possível observar reflexões nostálgicas e críticas sobre o bom tempo da infância e sobre as principais mudanças que observou durante toda a vida. Em um fragmento da poesia “Eu deixei a minha terra” de 1940, seu Luiz relembra com saudosismo de sua terra baiana.

Com doze anos de idade
Nunca mais pra lá voltei
Mas tenho muita saudade
Daquela linda morena
Com quem eu tinha amizade
De nada eu me esqueci
Da terra onde eu nasci
Tanagé, a minha cidade

Deixei meu pai e minha mãe
Meu irmão se arrastando
Nunca mais ali voltei
Mas hoje estava pensando
Pois agora já é tempo
Já refiz todos os meus planos
Em meu Deus eu tenho fé
Vou voltar a Tanagé
Naquele meu chão baiano
(Castro, 2022, p. 18)

Em busca de trabalho, deixou a Bahia na juventude, vivenciando a experiência de migração de seu território, almejando novas oportunidades. Se estabelecendo no Estado de São Paulo em 1923, passou a buscar trabalhos com a terra, trabalhando nas lavouras de cana-de-açúcar, café e algodão. Neste tempo, seu Luiz casou-se com 23 anos e teve oito filhos, iniciando a construção de uma grande família. Em toda a sua obra percebe-se que a família foi parte importante de sua trajetória, sendo o autor uma grande inspiração para seus filhos, netos, bisnetos e tataranetos.

Já em relação à poesia na vida do autor, seu Luiz já nasceu poeta, apresentava facilidade com as palavras inventando rimas antes mesmo de ser alfabetizado. A poesia se apresenta como uma forma de expressão dos sentimentos diversos de toda uma vida, de indignação e crítica perante os acontecimentos políticos e sociais, de contato com a espiritualidade, amor pela vida e pela terra.

O povo brasileiro sempre teve capacidade de produzir alegria e esperança nos momentos mais difíceis de sua história. Luiz é expressão autêntica desse povo que sofre, mas que também sonha e que vive buscando caminhos que possam levá-lo à construção de uma vida melhor (Castro, 2002, p. 14).

Considerando toda a sua singularidade, em seus 104 anos de vida, suas obras publicadas são realmente uma breve apresentação, visto toda a experiência

que compartilhou em vida. Através de suas poesias, podemos perceber que sua trajetória de luta começa antes da inserção no MST. Seu Luiz representa um dos atores que vivenciaram a experiência de luta no contexto das Ligas Camponesas no nordeste brasileiro.

A experiência relatada em sua poesia tem como plano de fundo o contexto sociopolítico brasileiro e seus impactos na realidade do povo brasileiro. Em seu relato, é possível identificar a vivência nas ditaduras brasileiras, no período desenvolvimentista e no contexto da ampliação dos direitos sociais. Através de suas reflexões, é possível observar gradualmente o processo de conscientização pela experiência de luta e sobrevivência. Seguimos como exemplo o fragmento da poesia “Brasil diferente” de 1984.

Eu quero um Brasil para todos
Quero um Brasil diferente
Quero o Brasil com justiça
Com os homens conscientes
Quero o Brasil com paz e amor
E que viva independente.

Eu quero o Brasil com tudo
Com saúde e educação
Eu quero a liberdade
Pra toda a população
Um Brasil onde os sem terra
Tenham um pedaço de chão.

É assim que eu quero o Brasil
Vivendo com paz e amor
Porque Deus nos deu a terra
E nada ele nos cobrou
Pois a terra é da nação
De todo trabalhador. (...)
(Castro, 2002, p. 35)

Já na poesia “O que fez FHC” de 2001, observamos a reflexão de seu Luiz desenvolvida após sua aproximação com o movimento, tendo como foco a reforma agrária em suas poesias políticas.

Foi nada mais nada menos que fez o FHC para chegar o real
ele com a URV
Tudo isso ele fez para o bolso encher
O dinheiro valorizar mas a dívida externa ficou
Vamos ver daqui pra frente que vem outro presidente
O que vai acontecer

Muitos ficaram enganados, ficou sem saber
 a manobra que ele fez com o URV
 veio puxando devagarinho para o povo não sentir doer
 A reforma agrária ele não fez,
 para o bem dos companheiros esta ele não quis fazer

A reforma agrária que ele fez ficou na televisão
 Ficou na porteira aberta sem tábua e sem mourão
 Ela ficou cancelada no campo não chegou não
 Ele fez a manobra quebrou a perna da cobra
 E pinto pega o gavião (...)
 (Castro, 2009, p. 77)

A vida é a formação de Luiz Beltrame de Castro, sua inserção no MST acontece como uma extensão da sua busca pela justiça social, em suma, pelos anseios que são muito bem representados em sua poesia²⁷. Essa aproximação com o movimento ocorreu somente em 1991, quando seu Luiz estava com 83 anos de idade. A partir deste momento ele passa a acompanhar um de seus filhos no Assentamento Reunidas, na cidade de Promissão - SP. Em um dos trechos de apresentação de seu livro, é possível descrever brevemente o início desse encontro.

Agora Luiz trabalhava com a família numa terra que era fruto da luta pela reforma agrária. Luta marcada pela dor e esperança. Agora Luiz era seu Luiz do MST. Seu Luiz sem-terra, cidadão, trabalhador, lutador do povo, militante da reforma agrária, aquele que trabalha na terra conquistada, mas que sempre tem tempo para escrever um poema, cantar, animar as festas e as lutas, dançar um forró com as companheiras e, é claro, aquele que sempre tem um tempinho para marchar (Castro, 2002, p. 42).

A descrição do autor vai de encontro com a essência transmitida em sua poesia, um homem de muita fé na vida e muito amor e respeito pela terra. Sendo um homem descrito pela família como alguém alegre, inspirador e sempre inquieto. Seu Luiz teve no fim da vida o descanso merecido por um grande lutador, mas sempre com um caderninho ao lado escrevendo suas poesias.

A publicação de suas poesias era um sonho distante, que se tornou realidade com a ajuda de seus companheiros de luta, o autor publicou respectivamente as obras *Sonho com a terra* (2002) e *Sonho com a vida* (2009). No fragmento do poema “Sonho com a terra” de 2004 encontramos o relato sobre este sonho.

²⁷ As informações sobre a vida e obra de Luiz Beltrame de Castro foram encontradas nos textos de apoio de seu livro “Sonho com a terra” (2002), juntamente com produção bibliográfica e audiovisual sobre sua história de vida, como o documentário *Luiz Poeta* produzido em 2012 quando seu Luiz tinha 106 anos. Além disso, foram utilizadas reportagens encontradas no site oficial do MST.

O sonho com a terra
 É o sonho realizado
 Porque a terra é nossa mãe
 Na terra nós somos criado
 Nossa carne a terra come
 Nosso espírito é pra ser julgado
 Depois é que ficamos
 Se estamos livres do pecado

O sonho com a terra
 É o livro que eu sonhei
 com 95 anos
 Na terra eu me criei
 Eu sinto muito feliz
 Nesta luta que eu entrei
 Com o MST
 Foi o melhor que achei
 (Castro, 2002, p. 21).

Vale destacar um detalhe importantíssimo sobre as duas obras, identificando que a obra “Sonho com a terra” de 2002 teve sua apresentação escrita por Ademar Bogo, militante do MST há mais de 30 anos, com grande contribuição reflexivas e práticas nas áreas da cultura e educação nos movimentos de luta pela terra. Ademar escreve um texto poético, de um sem-terra para o outro, demonstrando a admiração pelo companheiro de luta. A destacar este trecho: “Ele vive. A natureza lhe deu o direito de viver quase meio século, para dizer aos jovens do presente que a rebeldia sempre vence”.

Já em relação à obra “Sonho com a Vida” de 2009, Charles Trocate inaugurou um texto de apresentação de nome “Luiz Beltrame, o Poeta da Utopia”. Em um texto de seis páginas, de um poeta rebelde para outro, Charles faz uma bela homenagem poética para seu Luiz. Em homenagem ao seu aniversário de 100 anos, identificamos novamente um poeta jovem que encontra no mais velho força e esperança para o seu caminhar. Destacando a rima que finda o texto poético:

O tempo de espera não está aqui
 Vamos acordando estrofes

Perfurando a dura rocha da mentira
 Comungando sim com a rebelião

Querendo do chão outras rimas
 Para que a verdade não durma
 No corpo da solidão!

Viva seu Luiz Beltrame!
(Charles Trocate, 2009).

Seu Luiz teve sua trajetória marcada no movimento de luta pela terra por suas participações nas Marchas Nacionais pela Reforma Agrária, que são tema de muitas de suas poesias. Além disso, tornou-se um exemplo inspirador para os militantes, como um dos maiores divulgadores da memória de luta pela terra através da poesia do campo.

Em 2012 foi lançado o documentário “Luiz Poeta²⁸”, uma produção coletiva de Bruno Benedetti, Fábio Eitelberg, Patrick Torres, Pedro Biava e Rafael Stedile sobre a vida de seu Luiz. O curta registra o poeta já com 104 anos, vivendo ao lado da família no interior de São Paulo, lúcido, lendo e escrevendo poesias. Este foi um dos últimos registros de seu Luiz, que faleceu em 26 de julho de 2016 com quase 108 anos de vida.

Esta breve apresentação tem o intuito de contextualizar o leitor sobre a imagem do autor, no entanto, sua real biografia é contada em seus poemas, relatando sua vida ano após ano, experiência após experiência, sem resumo.

Para conhecer verdadeiramente seu Luiz é preciso mergulhar em sua poesia e entender seu recado. A maior lição que seu Luiz nos deixa está na resiliência e na esperança de continuar sempre lutando.

Figura 2 - Seu Luiz em seu aniversário de 106 anos



Fonte: MST, 2014

²⁸ Disponível em: <https://curtadoc.tv/curta/biografia/luiz-poeta/>. Acesso em: 03/10/2023

Por fim, a poesia “A Minha Vida” de 2001 resume brevemente a história contada pelo olhar do autor, entrelaçando seus passos e sentimentos durante toda a vida.

O meu pé de manga doce
Com tanto amor eu plantei
E fui vê-lo de novo
Mas ele não encontrei
Só vi o sinal do tronco
E uma pedra que eu tirei
Com uma faísca de ouro
Naquela lavoura achei.

Com uma pedra de cristal
Eu quase não aguentei
Escapou da minha mão
E meu joelho eu cortei
E este sinal que tenho
Do ouro que eu tirei
Fui garimpeiro valente
Muito ouro cavoquei.
Nesses tempos de dureza
De nada eu entendia
Mas eu prestava atenção
No que o meu pai me dizia
Ai eu fui crescendo,
Escola ali não havia
Queria estudar bastante
Pra poder escrever poesia.

E assim o tempo passou
As letras eu não conhecia
E para conhecer elas
Meu pai é quem me valia
Completei 14 anos
E escrever eu já sabia
Já assinava o meu nome
Lia as coisas que eu queria.

Sempre prestando atenção
E fazendo minhas poesias
Aí deixei meu sertão
No Estado da Bahia
Vim parar aqui em São Paulo
Trabalhar de bóia-fria
Então resolvi casar
E oito filhos teria.

Logo um ano depois
O primeiro filho nasceu
Durou apenas 11 meses
E esta criança morreu
Depois de 2 em 2 anos

Sempre um filho apareceu
E assim completamos oito
Até que tempo venceu.

Com 36 anos de casados
A minha mulher morreu
Fiquei com os oito filhos
Chorando o destino meu
Cinco já eram casados
Cuidando dos passos seus
E três ficaram comigo
Com a sorte que Deus me deu.

Mas com a ajuda de Deus
Logo eles cresceram
Hoje são todos casados
E aí desapareceram
Eu com 93 anos
Muitos netos já nasceram
Estou firme nesta luta
Com estes que já venceram.
(Castro, 2022, p. 137)

3.1 O estilo literário do poeta do campo

A partir dos tópicos anteriores foi possível relacionar a literatura de características populares com a história de seu Luiz como poeta. Assim, considerando o poeta do campo e suas especificidades, entende-se que suas experiências de vida e luta estarão dispostas consciente e inconscientemente em suas obras. Portanto, a leitura ou a análise de um poema com essas representações precisa ser feita a partir de uma conexão com a realidade representada. Caso contrário, quando o leitor ou crítico realiza a leitura de uma obra sem entender o seu objetivo, torna-se uma experiência de procura pela literatura formalizada.

Um exemplo são as classificações dos ditos estilos literários, que conversam diretamente com o público-alvo da obra literária. O estilo do poeta do campo conversa diretamente visando lutar pela vida como um todo, enfatizando a identificação com os homens e mulheres explorados que sobrevivem à margem, sem acesso aos direitos sociais básicos, em situação de desproteção social, sem acesso principalmente à educação de qualidade. Com todas essas ausências, a formação desse poeta popular acontece no seio da luta pela terra, pela educação autônoma que valoriza a experiência popular.

Acerca do estilo literário, seguimos com a reflexão de Charles Trocate em “Búfalo Antigo - ou Gabriel e outras orquídeas no bolso”, uma de suas obras mais recentes, onde somos convidados a viajar com o autor, que compartilha lindamente suas experiências no mundo e reflexões cotidianas.

o interlocutor questiona meu estilo literário
 difícil e lento no
 [tempo
 sua forma anticonjuntural que não se emociona
 com a alegoria que outros chamam de luz-admito

confesso com o defeito que o conceito explica-
 nada tenho a ver com isso
 pressinto o som da chuva naquela casa de tábuas
 vinha do Oeste o rio que me fazia menino

**escrevo com a emoção da minha mãe
 que me chamava para ler aquelas letras que não sabia imaginar
 onde sucumbia seu analfabetismo
 – era a minha primeira revolta**

digo a todos- ela é meu estilo literário
 depois vieram os livros e aquilo que fica depois da vírgula
 a luta e um jeito de namorar que se explicam
 daquela experiência de soprar redemoinhos.

Berlim, Alemanha
 Novembro de 2019

(Charles Trocate, 2021, p. 94).

Nesta poesia em especial, Charles retrata sua experiência familiar, rememorando suas lembranças de infância, quando residia em um acampamento dos sem-terra em no estado do Pará. Em suas obras poéticas e outras produções, Charles relata sua aproximação com a literatura, reafirmando que a vida comunitária, a vivência política nos movimentos sociais de luta pela terra, em especial contra a mineração ilegal no território amazônico, fez parte da sua construção enquanto pessoa e da sua formação como poeta popular.

Charles Trocate é um militante importante na construção do MST no cenário de dominação latifundiária na cidade de Marabá - PA. Sendo também um dos fundadores do MAM (Movimento Pela Soberania Popular na Mineração), como um dos desdobramentos das suas primeiras lutas no território em que viveu. Pode ser apresentado como um poeta, filósofo, educador popular, militante, pai. Charles expressa em sua obra a vivência na luta camponesa em um território que nunca

esteve em evidência no Brasil, onde recorre à literatura para a sobrevivência e resistência.

A aproximação do autor com a literatura iniciou-se ainda na juventude, quando já estava inserido no MST. Apesar de não ter uma formação acadêmica, isso nunca foi um impedimento para o aprofundamento de consciência sobre a realidade em que vivia e a construção do pensamento crítico. Pois a formação acontecia justamente no seio dos movimentos sociais de que fazia parte, e mais ainda, na vida cotidiana. Sua atuação política no território foi de grande importância para os enfrentamentos das violências do latifundiário e dos exploradores da mineração no território amazônico.

Após a publicação de suas obras literárias, por sua trajetória de luta e pela forte figura que se tornou, em 2012, Charles foi nomeado para a Academia de Letras sul e sudeste Paraense. Este acontecimento não é uma simples nomeação, reforça o reconhecimento da formação não academicista e valoriza a história dos atores locais. Além disso, torna espaços anteriormente elitizados e excludentes cada vez mais plurais.

No ano de 2020, em meio ao início da pandemia de Covid19, Charles realizou um projeto literário denominado Búfalo Antigo, que consistiu na realização de *lives*, onde o autor recebia convidados para dialogar sobre suas experiências a partir das obras literárias. Neste projeto, Charles compartilha suas percepções acerca do que entende como seu estilo literário, sendo como o “*estilo de muitos homens e mulheres que não aprenderam a ler e escrever, mas o objetivo é lutar pela vida sempre*”.²⁹ Em consonância com o fragmento de sua poesia apresentada anteriormente, pode-se perceber que o estilo literário do poeta do campo é representado justamente pela experiência de resistência.

Considerando o potencial que a literatura carrega, em foco a poesia da terra, pode-se relacionar à teoria literária de Antônio Candido (2011) para ressaltar esse potencial de transformação, que neste caso, ocorre através da experiência de luta.

Cartão Postal do Homem

²⁹ O projeto foi incentivado pela Lei Aldir Blanc e contou com cinco episódios, transmitidos nas páginas do Facebook e Instagram do autor e permanecem nas plataformas para o acesso de todos. Disponível em: https://www.facebook.com/profile.php?id=100011135884235&sk=videos_by. Acesso em 04/12/2023

Para Ulisses Manaças

Preferi essa vida
E me basta o espírito dela
É verdade que nada mudou desde que me fiz assim, de aço
[lambendo tristezas (...)]
(Charles Trocate, 2007, p. 36).

Além disso, a experiência de estudo das poesias da terra requer do pesquisador a necessidade de estar aberto para o novo, além disso, a disposição de estar em contato com os seus sentidos. Pois para receber a mensagem do poeta é preciso estar atento às entrelinhas das sensações durante o processo de leitura e escuta da poesia.

Para tanto, a transformação ocasionada pela poesia começa primeiro no coração e nos pensamentos de quem as escreve, ou seja, do poeta. É inegável que o escritor, aqui representado como poeta, ocupa um papel social específico na sociedade. Isso está relacionado intimamente ao impacto de suas obras, a considerar a literatura em todas as suas formas de expressão e o contexto social de sua época (Cândido, 2006, p. 84).

Assim, o papel representado pelo poeta do campo é o de ser interlocutor das emoções, realizando uma espécie de tradução dos sentimentos para os outros que necessitam enxergar a realidade através da mística das palavras. Vez ou outra as rimas tocam sutilmente a alma, e este toque causa uma inquietação angustiante. Em outros momentos a revolta será expressa nas palavras e nas ações, ressaltando a complexidade do indivíduo que é feito do todo e de suas ausências. Pela primeira vez, as respostas estarão bem ali, bem ali naquelas palavras. No fim, a poesia conversa com o mais íntimo do leitor, que se identifica com o poeta e encontra um conforto inesperado na angústia cotidiana.

A representação e formação do poeta popular perpassa pela experiência de rebeldia contida no poder da palavra. A revolta que Charles descreve conversa com o percurso da tomada de consciência, elaborada por Freire em “Pedagogia do Oprimido”. A obra retrata observações acerca das experiências coletivas de educação popular no Brasil e retrata o processo de conscientização em desenvolvimento, a partir da ampliação da visão de mundo do indivíduo oprimido. O

ponto mais importante de todo relato do autor, é que não há interferência no processo de conscientização, existe a troca de conhecimento durante a experiência.

Cabe ressaltar que por um lado a rebeldia de que se fala não tem relação com o extremismo no sentido negativo da palavra, mas por outro, em seu íntimo pode estar contido o desejo extremo pela liberdade. A radicalização citada por Freire em *Pedagogia do Oprimido*, está relacionada à ação e ao movimento por um bem comum, que neste caso, é a transformação da realidade de opressão. Portanto, entende-se que é necessário movimentar-se de forma consciente, pois facilmente é possível cair nas armadilhas do extremismo esvaziado. Ocasionalmente em ações sem concretude, que não conversam com o objetivo comum e acabam por desaguar na mesma realidade.

A rebeldia está relacionada a radicalização assim como o extremismo está relacionado a sectarização. Respectivamente, na radicalização há espaço para a observação da realidade de forma crítica, para recalcular as rotas e agir de forma consciente. Já na forma de pensar sectária não há abertura para o diálogo, e em sua irracionalidade enxerga a realidade de forma deturpada. Em suma, entende-se que o extremismo pode estar presente em ambos os cotidianos, visto que o que muda a realidade é definitivamente o pensamento e o agir crítico (Freire, 2021, p. 34)³⁰. A literatura como instrumento de luta é uma representação dessa rebeldia, pois apesar de sua aparente passividade carrega consigo possibilidades reflexivas inimagináveis.

Em relação ao processo complexo de conscientização frente à necessidade de sobrevivência, cabe ressaltar a reflexão de Fanon acerca da cultura nacional e a tomada de consciência em um contexto de um país subdesenvolvido. O autor escreve a partir da experiência das lutas dos descendentes africanos residentes em países como o Brasil, somada a experiência de africanos que resistem às lutas pela dominação colonialista em seus territórios. Considerando a experiência da descolonização como um processo de reconstrução da identidade de si e de uma nação.

³⁰ O conceito acordado relaciona a reflexão de Freire em *Pedagogia do Oprimido* com o fragmento da poesia de Charles Trocate. Na introdução da obra, em “Primeiras palavras”, o autor faz um apanhado de primeiras reflexões que introduzem o pensamento abordado no decorrer da obra, como forma de dar o tom da discussão para aqueles que não são familiarizados com a temática.

O ponto chave da reflexão está justamente no processo de reconhecimento do sujeito colonizado e as formas de enfrentamento do colonialismo atual. Para *Fanon*, mais importante do que entender o colonialismo é a movimentação em prol da libertação da nação, portanto, a cultura nacional abordada pelo autor diz respeito à reconstrução e ao enfrentamento do colonialismo, a partir de ações conscientes (Fanon, 2002, p. 235).

Para relacionar a discussão à poesia popular, o autor define a caracterização da poesia escrita pelo homem colonizado, atrelando diretamente a necessidade de identificar a realidade. Portanto, “o primeiro dever do poeta colonizado é determinar claramente o tema povo de suas criações. Só podemos avançar resolutamente se primeiro tomamos consciência de nossa alienação” (Fanon, 2002, p. 227). Assim, espera-se que o processo de conscientização, apesar de doloroso, traga a carga emocional necessária à comunicação com o povo.

O homem colonizado que escreve para o seu povo, quando utiliza o passado, deve fazê-lo com a intenção de abrir o futuro, de convidar à ação, criar a esperança. Mas, para garantir a esperança, para lhe dar densidade, é preciso participar da ação, engajar-se de corpo e alma no combate nacional. Pode-se falar de tudo, mas quando se decide falar dessa coisa única na vida de um homem, que é o fato de abrir horizonte, de levar a luz para si, de pôr de pé a si mesmo e o seu povo, então é preciso colaborar com seus músculos (Fanon, 2022, p. 235).

Com a descrição profunda e poética de *Fanon* sobre o sentido da escrita para o povo, podemos relacionar à práxis emancipatória citada anteriormente, e assim, relacionar à poética de seu Luiz. É possível observar que os processos de resistência ocorrem de formas distintas pelo mundo, a conexão é justamente a motivação pela luta.

Em “Literatura e Vida Social” de 1957, Cândido faz uma relação entre os aspectos sociais que constituem a arte e a literatura em seu desenvolvimento. Aqui, relaciona-se com a construção da literatura e seu valor social e, ao mesmo tempo, propõe como foco o poeta/autor enquanto personagem principal da narrativa.

Na medida em que a arte é — como foi apresentada aqui — um sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela pressupõe o jogo permanente de relações entre os três, que formam uma tríade indissolúvel. O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. Os artistas incompreendidos, ou desconhecidos em seu tempo, passam

realmente a viver quando a posteridade define afinal o seu valor. Deste modo, o público é fator de ligação entre o autor e a sua própria obra (Cândido, 2006, p. 47).

A partir da reflexão de Cândido é possível observar a relação íntima entre a obra e o público, retratado em toda sua complexidade. Ainda assim, o autor faz parte da realidade da qual relata. Nos tópicos seguintes será apresentada de forma mais profunda a poesia do autor, destacando os principais pontos de observação relacionados à experiência coletiva. Assim, será possível observar a construção de seu Luiz como um poeta, reafirmando sua identidade que é construída de múltiplas experiências.

3.2 A identidade do homem do campo: recriar o destino traçado através da mística das palavras

Após uma breve apresentação de seu Luiz é possível perceber que ele foi um homem com muitas características constitutivas, e por acaso uma delas era ser poeta. Ao refletir sobre tal conteúdo surge a necessidade de se despir de toda e qualquer opinião sobre o campo e sobre o MST. Essa necessidade surge a partir do reconhecimento da existência de um senso comum sobre o homem do campo, reforçando as reproduções das normativas sociais. A reflexão proposta parte do ponto da subjetividade humana e da construção do poeta do campo, frente ao combate das representações sociais que o cercam.

A considerar duas características diferentes, a do agricultor militante e a do poeta popular que se forma no seio do movimento, para Roseli Salete Caldart (1987, p. 52), considera-se a ideia do agricultor “como um sujeito histórico concreto, ou seja, como totalidade com várias dimensões articuladas”. Nesse sentido, como é possível enxergar este indivíduo a partir de múltiplas dimensões? Ao refletir sobre a ligação do indivíduo aos signos que representa, entende-se que podem ser conceitos pré-definidos socialmente, que tendem a encaixar os indivíduos que vivem em uma sociedade patriarcal em funções pré-definidas por marcadores sociais como de gênero, raça e classe.

Essas predefinições, mais do que tudo, reafirmam as posições de poder, não abrindo espaço para as subjetividades e a fluidez do desenvolvimento individual, que

por sua vez tem influência do coletivo. Este processo está intrínseco à forma de organização ocidental no modo de produção capitalista, sobretudo em contexto de crise estrutural, que naturalmente se sustenta a partir da intensificação das desigualdades, quanto produto e combustível do sistema.

Portanto, entender o agricultor como sujeito histórico concreto abre espaços para as possibilidades apresentadas a este indivíduo, que podem estar para além da produção no campo e do trabalho braçal como único caminho. Assim como seu Luiz, que se descreve como trabalhador, militante, poeta, agricultor, entre outras características, as dimensões deste indivíduo apresentam muitas camadas e através das suas experiências de luta pela terra há a possibilidade de forjar a identidade que se deseja definir, mas desta vez, sendo uma experiência consciente de sua realidade e de seu território, contribuindo à sua maneira com as ações do movimento a partir da arte com propósito (Souza, 1987).

Para além de identificar o agricultor em uma única função, entendê-lo como sujeito histórico abrange justamente as possibilidades de utilizar a experiência no campo para desenvolver outras habilidades e desempenhar outras funções. A poesia é um exemplo disto, quando encontramos no seio do movimento dos sem-terra os poetas do campo, que utilizam do cotidiano para produzir arte reflexiva e combativa.

Neste caso, é importante entender a representação que a poesia como forma de expressão tem no MST, a responsabilidade que os artistas carregam coletivamente, bem como todos os militantes que cumprem com suas funções. Portanto, não é produzir por produzir, mas com propósito. Para isto, o movimento se organiza em diversos setores que direcionam as ações e representações culturais. Além de produzir diversos materiais formativos como cartilhas, cadernos educativos, panfletos, publicação de livros, que são um resultado das reflexões coletivas de formação nas atividades diárias. Esses materiais são uma forma de comunicação diversa que atinge toda a população, além de ser uma orientação que reafirma direcionamento teórico metodológico defendido pelo movimento, sendo um guia prático e pensante para todos os militantes.

Temos como exemplo os cadernos de formação, onde são trabalhadas temáticas diversas como o Caderno de Formação n.º 34 sobre o MST e a Cultura,

escrito por Ademar Bogo e produzido pelo Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária - NERA. Neste caderno destaca-se a defesa da cultura como a produção da vida e da relação respeitosa com a natureza e o território, relacionando-se a produção cultural consciente aliada aos objetivos da transformação social e ao trabalho como fator central deste processo. A produção da cultura aparece como forma de resgate da memória da experiência e do movimento, utilizada com propósito educativo (Bogo, 2000, p. 92).

A mística³¹ é uma marca registrada do movimento, como um ritual que reafirma as ações dos sem-terra em todos os territórios. Sendo como um exemplo vivo que relaciona a arte aos objetivos combativos do povo sem-terra, e, ao mesmo tempo, reafirma a necessidade de resgatar a memória daqueles que se foram em prol da luta.

É por meio de manifestações artísticas e culturais que os sem-terra expressam, criticam e refletem sobre a realidade. Mas, além disso, também é importante pensar que esse modo de vida não é rigidez a todo tempo, sendo importante reconhecer as fragilidades do povo do campo. Ações como a escrita, a música, a dança, e muitas outras acabam por incentivar uma reflexão do próprio indivíduo, não apenas sua função como integrante do movimento, mas ajudam a entender que é possível transformar a realidade de dentro para fora. Enxerga o mundo de uma forma mais consciente, a partir de ações coletivas também faz parte dessa caminhada, e essa reflexão nunca acontece de forma individual, mas sim de forma coletiva.

Portanto, a poesia aqui retratada tem relação direta com a luta pela terra em toda sua completude, que é constituída de tudo aquilo que representa este modo de vida. No caso de seu Luiz, sua poesia não fala apenas da política, também encontramos em suas obras temas relacionados aos sentidos e sentimentos, amor, território, música, dança, entre outros temas diversos que retratam sua experiência de vida.

³¹ A mística pode ser descrita como parte fundamental do modo de ser dos sem terra e de outros movimentos sociais que seguem o mesmo direcionamento. Já enfatizada enquanto uma forma de expressão, além disso, não pode ser limitada a uma única forma de ser. Podemos enfatizar as reflexões de Ademar Bogo sobre a mística, como “fundamental para a vida e para a luta. Sem mística na vida cotidiana, perdemos a alegria, a vibração, o interesse e a motivação de viver. Sem mística na luta, perdemos a vontade, a combatividade, a criatividade e o amor pela causa.” (Bogo, 2010)

Os temas que mais se destacam em suas poesias são justamente a ligação com a terra e o trabalho, assim como a esperança e a fé são constantemente retratadas em contextos diferentes nas experiências relatadas. A relação entre a fé, a religiosidade e a espiritualidade vão ao encontro do anseio de liberdade da terra e do homem. Neste caso, a fé é um dos sentimentos que movem a vida, a religiosidade é um ato de apego aos seus valores e aspirações mais íntimas, e a espiritualidade vai além da relação com uma religião específica, mas sim com a natureza, com o seu eu interior e o mundo.

Entretanto, para o autor, a fé significa muito mais do que o seu exercício. No poema “Esperança e Fé” de 1965, seu Luiz traz uma reflexão sobre a esperança no amanhã e a fé para “chegar lá”, relacionando a religiosidade para enfrentar os percalços da vida. A religiosidade faz parte do cotidiano de seu Luiz, assim como o trabalho, a luta, a música e a dança.

(...) Trabalhe sempre com fé
Reclamar não adianta
Tenha sempre animação
Plante na terra uma planta
E sempre com alegria
Veja como a passarada canta
Com sua árvore plantada
E a terra sempre molhada
Com fé em Deus tu terás
O café o almoço e a janta.
(Castro, 2002, p. 28).

A relação entre a luta pela terra e a esperança também nos remete às reflexões de Freire, tendo em vista as experiências da educação popular. A esperança não é apenas um sentimento idealizador e consolativo, que está apenas no âmbito dos sonhos e desejos humanos. Mas sim significando, a esperança que alimenta o fazer, o plantar, o trabalhar, o observar a natureza e o viver. A esperança tem relação direta com a ação³² e com a luta e com a práxis emancipatória. Para Freire, tem um significado mais profundo, “não é, porém, a esperança, um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero” (Freire, 2004, p. 47).

³² Referente às reflexões de Paulo Freire em relação à esperança e ação, sendo como práxis, pode ser vista em suas obras como a Pedagogia do Oprimido, publicado em 1987, sendo revisitada em Pedagogia da Esperança (1992).

Ressaltando que a esperança tem relação direta com a ação, é preciso observar a referência prática na vida de seu Luiz. É possível relacionar a esperança enquanto necessidade ontológica (Freire, 2013) como uma das características da construção da identidade nesses moldes, na capacidade humana de recusa das opressões e de lutar pela justiça social. A esperança - ação tem um potencial de transformar a realidade.

Assim, é possível destacar algumas poesias que descrevem brevemente a relação de seu Luiz com seu cotidiano, como sua alegria em participar das festas e de estar nas rodas de viola. Para ilustrar, tomemos como exemplo respectivamente as poesias “Festa Junina” de 2005 e “A Viola e a Figueira” de 2006.

Festa Junina

Vai chegando o mês de junho
Da festa de tradição
Eu recebi um convite
Tava escrito num cartão
O primeiro é Santo Antônio
E o segundo é São João
São Pedro está no terceiro
Para dar informação

São Pedro ficou com a caneta na mão
Santo Antônio não deu ordem de fazer a inscrição
Só via gente chegando com o recibo na mão
São Pedro não é bobo ficou com a chave na mão

Santo Antônio admirou
De ver cheio o salão
Ele viu São Pedro
Dando risada
Com a chave na mão
São João abanou a cabeça
Desconfiado com Pedrão
Porque não deu o caderno para São Pedro
Fazer a inscrição

O povo agradeceu São Pedro Por ter deixado aberto o portão
Porque não pagaram nada
Com o recibo na mão
O povo comeu e bebeu
Todos acharam bom

Porque não tinha nada a ver
Quem tinha aberto o portão

A festa foi muito boa
No fim deu confusão
Quem ia pagar a despesa
Que tinha no salão

Ficou tudo por conta De Santo Antônio e São João
 Pra mim a festa junina
 É feita de tradição
 (Castro, 2009, p. 140)

Seu Luiz tinha paixão pela música, em específico o ritmo conhecido como moda de viola ou a viola caipira, que é uma das representações culturais do MST.

A Viola e a Figueira

A viola e a figueira eu faço a comparação
 O violeiro pra cantar a figueira prestando atenção
 A viola recorda o passado quando aqui era sertão
 Agora todos têm o prazer com o MST que faz a apresentação

Olha a velha figueira tá ali pra todos ver
 O que faz a natureza e a terra, que fez esta semente nascer
 A água que molhou a terra para a figueira crescer
 Aqui na nossa pátria amada a figueira está bem zelada
 Pelo nosso MST

Esta palavra que é porque eu tenho o prazer
 Porque somos todos irmãos, nós não podemos esconder
 Somos filhos de um pai, ele é que vai nos valer
 Para sempre seja louvado tudo por Deus abençoado
 O que faz o MST

Olha na velha figueira não é todos que pensam
 O que faz a natureza e a terra com esta força imensa
 Porque tudo que tem no mundo é Deus que põe a benção
 Abençoa este pé de figueira nesta terra brasileira
 Com séculos de existência
 (Castro, 2009, p. 146)

A figueira é uma árvore imponente que carrega consigo um grande significado no imaginário popular, que é relacionado a religião de modo geral, em especial às religiões de matriz africana³³. É um símbolo de força e um ponto energético de comunicação com o sagrado. Assim, a singularidade da relação entre a música, a dança, o povo do campo e estes símbolos do imaginário popular, estão ligados à herança da ancestralidade que constrói a cultura popular brasileira.

³³ A representação da Figueira como uma árvore sagrada é identificada em várias religiões pelo mundo, em especial no Budismo e nas religiões de matriz africana como Candomblé e a Umbanda. A Figueira representa um campo de contato entre o mundo espiritual e o mundo terreno, na cultura Yorubá acredita-se que a árvore é o caminho dos Orixás (Divindades) para o reino de Olorum (Deus). Além disso, é possível identificar no conhecimento popular os benefícios medicinais da árvore, utilizada como remédio pela população. Disponível em: <https://7flechasejurema.blogspot.com/2017/11/figueira.html>. Acesso em: 21/12/2023

Nas obras do autor, a experiência com a moda de viola também é retratada nas comemorações diversas como as festas juninas e festas da colheita. Vale destacar o relato de seu Luiz na poesia “Encontro de Violeiro” de 2006, lembrando sua experiência no IV Encontro dos Violeiros³⁴.

No primeiro encontro de violeiro em tudo como é que é
Foi na festa do milho verde em louvor a São José
Debaixo desta figueira lotada de homens e mulher
Assim Deus faz para que aumente mais a nossa coragem e fé

Agora no quarto encontro eu me senti mais feliz
E vi a coisa do passado de quando era moço eu já fiz
Puxa a palma e bate o pé toda a nossa raiz
Aqui eu gostei mais, da estátua do rei da paz
Do São Francisco de Assis

Ali fizemos uma caminhada não deixamos nada para trás
Porque é do movimento que o MST faz
Nas ruas da cidade foi bonito demais
Lá em frente à matriz de São Francisco de Assis
Que é o rei da paz

Nas ruas da cidade foi bonito demais
Lá em frente à matriz de São Francisco de Assis
Que é o rei da paz
Voltando a velha figueira ali no Sítio Pau D’álho
No encontro dos violeiros que o povo todo distrai
Fazendo o que é preciso do pensamento não sai
Os caminhantes em fileira olhando na velha figueira
Da raiz até no gai

Olhando na figueira velha não é todos que pensa
Na força da natureza e a terra que tem essa força imensa
Porque tudo que tem no mundo é Deus quem põe a benção
Que deu esse pé de figueira aqui na serra brasileira
Quatro séculos de existência
(Castro, 2009, p. 115)

Já em relação às inquietações, esperanças, frustrações e sentimentos do cotidiano, seu Luiz demonstra uma sensibilidade ímpar de quem não tem medo da vida. Ao observar as poesias datadas de quase uma década é possível identificar o desenvolvimento do homem e seus processos de identificação. Já na terceira idade, seu Luiz reflete constantemente sobre os eventos no qual relatou anteriormente,

³⁴ O Evento ocorreu nos dias 07 e 08 de outubro de 2006 no Sítio Pau D’Alho, Ribeirão Preto - SP, com a participação da população em geral e dos sem terra. Além das apresentações de artistas violeiros, o evento contou com a realização de oficinas culturais nos dias que o antecederam. Disponível em: <https://mst.org.br/2006/10/03/ribeirao-preto-recebe-o-iv-encontro-nacional-do-s-violeiros/>. Acesso em: 21/12/2023

com orgulho de sua caminhada e saudosismo. Como exemplo, destacam-se respectivamente fragmentos dos poemas “O jardim do amor” de 1998, “A Viagem na Lua” de 2002 e “Como é Belo o Sertão” de 2008.

O Jardim do Amor

Naquela tarde estávamos no jardim
E juntos plantamos uma flor
Daquela flor nasceu uma semente
E de repente cresceu o nosso amor

Se você vier me perguntar
Uma coisa eu vou lhe dizer
Com teu amor e teu carinho
Sempre irei amar você (...)
(Castro, 2002, p. 65).

A Viagem na Lua

Eu deitado na minha cama dormindo eu tava sonhando
Que eu estava no espaço, Na lua eu tava chegando
Eu tava parado eu via a lua balançando

Eu já estava na lua conversando com um aluarado
Avistei São Jorge num cavalo galopando
Que já estava cansado ele estava procurando

Correndo na divisa da lua todos os portões trancando
De todas as portas tirou as chaves pra não entrar o americano
Eu falei que eu era brasileiro ele já foi me abraçando
(Castro, 2009, p. 138).

Como é Belo o Sertão

Como é bonito o sertão ver o dia amanhecer
A passarada cantando adivinhando pra chover
Ouvindo o carro de boi cantando ao chegar no escurecer
Cheio de milho e arroz e feijão pra se comer

E ver a fartura na sua casa para todo mundo sobreviver
E com a viola e o violão e um pandeiro rufando pra valer
E as caboclas dançando até o dia amanhecer
Os caboclos que é forgasão* já entram na sala dançando cateretê

Tudo isso tá se acabando agora nós vamos ver
Com a força popular nós não vamos esquecer
O que é da nossa tradição agora vamos defender
E com a justiça social com o nosso MST
(Castro, 2009, p. 151).

Luiz Beltrame, seu Luiz, Luiz poeta utiliza da poesia como seu instrumento de luta, e assim, recria o destino construindo coletivamente um novo tempo, dia a dia,

poema a poema. Sua formação enquanto poeta e homem do campo perpassa pela sensibilidade de ser um defensor de seus sentimentos, sendo os sentimentos de milhões de brasileiros.

Grande parte de sua experiência é relatada após completar 80 anos de idade, esbanjando saúde, força e vontade de viver, demonstrando que para lutar não há idade. Assim, temos o privilégio de saborear as reflexões de um homem que devaneia sobre o sentimento de gratidão pela sua trajetória, suas andanças e vivências na terra que o viu nascer e o criou. Na terra que lhe deu de comer, lhe deu de beber e o fez senhor de si³⁵.

3.3 Consciência forjada na luta: a pedagogia das Marchas Nacionais Pela Reforma Agrária

Ao refletirmos sobre a trajetória do autor pode-se notar que foi uma vida de muita luta, consciência social e política. O senso comum nos direciona sempre para a ligação do conhecimento e da experiência ao estudo formal, acadêmico. No entanto, aqui temos um belíssimo exemplo da experiência vivenciada através da luta pela terra, seja individualmente, como um homem que resistia, seja aliando-se aos movimentos sociais, resistindo, conscientizando-se e agindo com os seus companheiros. A partir da ótica “freireana”, o conhecimento não deve sobrepor a prática. A ideia é que ambos são importantes, porém é necessário reconhecer a importância da prática e da vivência.

É inegável que a experiência vivida trouxe a possibilidade de uma narrativa de uma vida consciente, mostrando que o valor do conhecimento não pode ser medido por um diploma. Antes mesmo da aproximação com o MST, seu Luiz já expressava indignação pela situação vivenciada no campo, em todos os processos de mudança que ocorreram no país. Vivenciou a ditadura militar, com toda repressão, violência e silenciamento, principalmente ao povo do campo. Na obra, “Sonho com a terra”,

³⁵ Neste ponto do texto há uma relação da experiência de seu Luiz com o território que o forma enquanto pessoa, a relação de respeito com a terra que para o autor tem uma representação divina. Na umbanda há uma representação dela em um ponto cantado sobre a formação de um indivíduo, sua relação com o território e a espiritualidade, que também leva em consideração o respeito à terra como uma das bases da ancestralidade. Este ponto diz: “A Umbanda me viu nascer, a Umbanda quem me criou. A Umbanda me deu de comer, me deu de beber e me fez senhor.”

escreveu poemas datados de 1937 a 1991, contextualizando o cotidiano do autor do governo Getúlio Vargas e a ditadura vigente neste período, até os momentos da redemocratização do país na década de 80 e 90.

A consciência adquirida durante a vida está relacionada com a experiência de vida prática, também levando em consideração os anos de vida anteriores ao MST. No poema “Escola do mundo” de 1964, seu Luiz expressa esse aprendizado através de sua trajetória.

O que me pedem eu faço
Tenho idéias pra fazer
Foi na escola do mundo,
Onde eu fui aprender
E tudo o que eu aprendi
Melhor não poderia ser
Não dei um passo perdido,
Neste Brasil querido
No meu modo de viver

A escola do mundo existe
Pra todo mundo estudar
Mas são poucos os que pensam
Nas voltas que o mundo dá
Quem quiser dê meia volta
Depois venha me contar
E se forem muito espertos
Vão dizer que estavam certos
Eu não vou acreditar
(Castro, 2002, p. 26).

As marchas organizadas pelo movimento fazem parte de uma infinidade de ações realizadas, que acontecem em escala nacional, envolvendo todos os territórios de passagem até chegar ao ponto de ação final. Isso ocorre em circunstância de reivindicar os direitos sociais, econômicos, culturais e pela terra aos grandes poderes.

Sua organização soa como uma imensa teia de comunicação orgânica, onde uma grande corrente de solidariedade e coletividade toma conta dos territórios por onde os marchantes passam. Essas características podemos felizmente encontrar nas poesias de seu Luiz, onde narra suas experiências de estar à frente de algumas marchas caminhando com seus companheiros pela Reforma Agrária.

Neste tópico nos atemos as marchas realizadas na década de 1990, quando seu Luiz passa a fazer parte do MST oficialmente. A experiência nas marchas é

narrada em especial na obra *Sonho com a terra*. Além disso, passaremos brevemente por suas experiências nas marchas ocorridas no início dos anos 2000, que por sua vez são narradas na obra *Sonho com a vida*.

Nestas poesias identificamos reflexões mais críticas sobre a situação sociopolítica do país em função da caracterização do sistema a partir do neoliberalismo, anos após a redemocratização do Brasil, de forma mais violenta. Neste contexto, a crise estrutural já se demonstrava expressiva, podendo ser caracterizada como uma crise atual, catastrófica de escala global.

Os anos 1990 se caracterizaram pela resolução dos impasses produzidos pelas transformações do capitalismo nos países centrais e sua penetração na sociedade brasileira, que se convulsionava em meio à crise do esgotamento do modelo econômico de substituição de importações (Menegat, 2008, p. 6).

Já no século XXI, levando em conta o contexto dos anos 90 em diante, ocorrendo a consolidação do neoliberalismo, existe um acirramento maior nas questões enfrentadas pelo povo, pedindo uma resposta mais consciente e concisa de resistência (Mészáros, 2011). Agora, mais do que nunca, era preciso lutar ainda mais pela sobrevivência.

A organização das marchas tem total influência dos valores defendidos pelo movimento dos trabalhadores sem-terra, sendo o objetivo comum a todos que desejam lutar pela justiça social, pela liberdade e pela Reforma Agrária. Para Menegat (2012), este contexto requer do Movimento dos trabalhadores sem-terra uma nova forma de enfrentamento, com inspiração nas origens ancestrais do movimento.

Apelando para a mística de uma memória recente de expulsão do campo, estas massas estacionadas e sem rumo, tomadas pelo desespero da crescente violência que se espalhava por este espaço urbano, se juntaram ao movimento *produzindo um tipo de rebelião popular com características novas* e que apenas pode ser explicado na sua totalidade se pensado na perspectiva da crise estrutural do capitalismo (Menegat, 2012, p. 12).

As marchas são um exemplo da organização coletiva e da vida comunitária, representando parte do processo de formação política dos sem-terra. Esse tipo de organização, que advém da necessidade de lutar pela sobrevivência, carrega consigo uma pedagogia só encontrada na experiência das organizações coletivas, a

pedagogia da ousadia, de ousar existir, ousar lutar, ousar sobreviver, de ousar ser. À luz da práxis emancipatória, essas ações coletivas descrevem o sentido da educação popular, conforme o pensamento “freireano”, reforça de forma direta que “a educação se refaz constantemente na práxis. Para ser tem que estar sendo” (Freire, 2021, p.102).

Conforme o fluxo da reflexão aqui proposta, já passamos pela cultura como modo de vida, pela origem da luta pela terra e da formação social brasileira, pelas experiências de mobilização culturais, e por fim estamos mergulhando nas narrativas de seu Luiz, enquanto uma representação da memória dessa resistência. Assim, tendo os versos de seu Luiz como um guia, será possível observar essa experiência de sobrevivência e luta na e pela terra durante o percurso das marchas.

3.3.1 A Marcha Nacional por Emprego, Justiça e Reforma agrária - 1997

A Marcha Nacional por Emprego, Justiça e Reforma Agrária de 1997 foi organizada para reivindicar por justiça pelo massacre de Eldorado de Carajás, que ocorreu no ano anterior. Nas poesias “Massacre de Carajás - Parte 1” de 2000 e “Impunidade em Carajás - Parte 2”, seu Luiz escreve sobre o ocorrido e de forma poética cobra por justiça para seus irmãos sem-terra. Refletindo sobre a dominação dos latifundiários e a justiça, que protege os criminosos que assassinaram 19 sem-terra em 17 de abril de 1996. (Movimento dos Trabalhadores Sem-terra, 2021)

Massacre de Carajás - Parte 1

Quando li no jornal eu fiquei aborrecido
De saber do massacre como foi acontecido
Com a farda da polícia tinha até jagunço vestido
Veja bem como tá a lei, porque está no meio
Até o governo envolvido

A noite eu estava pensando para fazer esta viagem
Levantei bem cedinho peguei um carro na garagem
Pus a gasolina no carro e arrumei a bagagem
Pra ir neste acampamento do massacre violento
Para ir lá é preciso ter coragem

É preciso ter muita coragem para ver a justiça como é que está

Fazendo a maior injustiça para o dinheiro ganhar
 A verdade aconteceu em Eldorado dos Carajás
 A justiça ganhou muito dinheiro
 Dos latifundiários e dos fazendeiros para os sem-terra massacrar(...)

(...) 2 anos eu penso a noite inteira
 Para ir em Carajás na Fazenda Macaxeira
 Pra fazer 19 cruzeiros de Pau Brasil a madeira
 Em uma cruz eu deixo o boné
 No sinal do sangue eu deixo a bandeira

Este sinal vermelho é de muito sangue derramado
 Dos sem-terra que morreram assassinado
 Pela polícia e jagunços este crime foi mandado
 E nenhum dos criminosos foram punido
 Pois nele estava envolvido o governo do Estado
 (Castro, 2000, p. 17).

Impunidade em Carajás - Parte 2

Quando eu lembro deste massacre chega a me arrepiar
 Para quem está escutando mãe de família chorar
 De sem-terra que morreu e deixou os filhos pra criar
 Tinha uma velha correndo vendo seu filho morrendo
 As palavras dos jagunços arrastar

Foi em Eldorado dos Carajás este crime horroroso
 Pela polícia, os jagunços e os mandantes que é criminoso
 Estão sendo postos na liberdade é o que deixa a gente nervoso
 De ver tanto fracasso, mãe com crianças nos braços
 Chorando a falta de seu esposo e tanta injustiça ocorrendo (...)
 (Castro, 2006, p. 18).

A Marcha de 1997 iniciou-se em 17 de fevereiro, com o percurso de sessenta (60) dias para chegar em Brasília para um ato público no dia 17 de abril, data exata do massacre. Além disso, celebrou-se pela primeira vez o Dia Internacional da Luta Camponesa. A marcha de 1997 teve a participação de aproximadamente 100 mil pessoas, que se deslocaram de 3 (três) pontos do país, dando visibilidade a violência ocorrida em Carajás e mais uma vez, reivindicando pela Reforma Agrária. Na obra “Sonho com a terra”, seu Luiz narra a caminhada passo a passo, dia a dia, chão a chão, na poesia “A marcha de 1997” relatando a experiência de um sem-terra que busca por respostas e ações concretas.

Com oitenta e oito anos
 Com os sem-terra fui andando
 Para esta longa viagem
 Muitos dizem que sou louco
 Pois sessenta dias não é pouco
 Mas faço por ter coragem.

A coragem Deus me deu
 E a todos filhos seus
 Nesta pátria mãe gentil
 Por estar lindas paisagens
 Fomos fazer esta viagem
 Pra conhecer o Brasil.

Gaúchos e catarinenses
 Paulistas e paranaenses
 Saímos juntos na estrada
 Ficou em minha ideia escrita
 A marcha estava bonita
 Por todos acompanhada.
 Com destino à Brasília
 Carregando as mochilas
 Pra no Planalto chegar
 E exigir do presidente
 Justiça no país urgente
 E Reforma Agrária já.

Após os primeiros versos de introdução, seu Luiz passa a descrever o que observa pelo caminho da marcha, destacando as cidades que passou, a recepção calorosa do povo, ao mesmo tempo, trazendo suas reflexões durante a marcha.

(...) Unindo a companheirada
 Com pé firme na estrada
 Que no passo se entende
 Passamos morros e serras
 Com o Movimento Sem Terra
 Uma luz que se acende.
 Vimos que as terras griaram
 Nem compraram e nem pagaram
 E com isto nos ofendem
 Nossa Bandeira espelha
 O sangue de muitas veias
 De Cosimo e Chico Mendes.

Lá da Sé com esperança
 Homem, mulher e criança
 Saímos muito animados
 Nossa bandeira hasteada
 Pela nossa pátria amada
 Seguimos a pé organizados.
 Em dezessete de fevereiro
 Firmes todos os companheiros
 Para mais uma jornada
 A nossa marcha não pesa
 Na cidade de Jordanésia
 Foi a primeira parada (...)

O passo do mesmo jeito
 Segundo dia em Jundiá
 Ali tem um japonês
 Que pela segunda vez
 Com o povo quis seguir.

Na poesia em questão é possível identificar fragmentos da escrita de denúncia, defendida por seu Luiz na maioria de seus poemas políticos. A partir das reflexões sobre o propósito da marcha, a força dos sem-terra e a marginalização enfrentada pelo movimento, seu Luiz defende as ações do movimento dos sem-terra.

O passo ia muito bem
 É um prazer que o povo tem
 Levantar-se sempre cedo
 A marcha seguia também
 Falar muito não convém.
 Dava pra viajar sem medo
 Pra quem vinha reclamar
 Ou então justificar
 Fazendo um longo enredo
 Nós andávamos certinho
 Porque estava pertinho
 A cidade de Vinhedo.

Nós não íamos ficar quietos
 Porque o povo sem teto
 Junto com nós fez faxina
 O Nelson Jobim se investe
 Que a marcha é a Coluna Prestes
 Não teria apoio em Campinas
 O ministro se enganou
 O povo nos apoiou
 Pois é gente muito fina
 Fora o Nelson Jobim
 Ficou falando sozinho
 Porque é da linha assassina.

Ao longo da poesia somos convidados a participar da marcha com os sem-terra, mergulhando na narração de seu Luiz a cada passo. É possível sentir a força da união de todos os homens, mulheres e crianças que marcham sem parar rumo a Brasília. Assim, as marchas de constituem enquanto um forte instrumento de luta, simbólico e ativo.

Estava ficando pertinho
 A marcha chegando ao fim
 Arrumamos as mochilas
 Eu só tinha a agradecer
 Pelo Movimento ter
 Só gente que não vacila
 O povo da marcha unido
 Por todo o Brasil querido
 Sempre luta e não cochila
 Agora pra terminar

As marchas iam se encontrar
Quase dentro de Brasília.

negamos em Brasília
As filas abrindo as trilhas
Fiquei muito emocionado
No meio de tanta gente
Mas não vi o presidente
Para dar o meu recado.
Queria falar na presença
E dizer da revolta imensa
Aos deputados e deputadas
Que a Vale do Rio Doce
Fosse do jeito que fosse
Não seria privatizada (...)
(Castro, 2002, p. 53).

Nas obras do autor é possível identificar diversas poesias narrando a experiência das marchas, no entanto, neste tópico priorizou-se a Marcha de 1997 pela riqueza de detalhes da poesia, tendo em vista que a possui 12 (doze) páginas. Assim, em alguns fragmentos é possível ilustrar a potente experiência de seu Luiz, que além de marchar por 60 (sessenta) dias, nesta data com mais de 80 anos de idade, narrou com detalhes a realidade dos sem-terra, sem deixar de sonhar e agradecer a todo tempo.

Vale ressaltar as poesias da obra “Sonho com a terra” de 2002, que são “A Marcha de 1998: Sorocaba a São Paulo” de 1998” e “Marchar de Novo” de 1999, que retrata uma marcha partindo da cidade do Rio de Janeiro, descritas respectivamente em fragmentos a seguir.

A Marcha de 1998: Sorocaba a São Paulo

Os sem-terra e os sem teto
Fizeram uma marcha completa
Muito bem organizada
Se uniram com os sem emprego
Também com os sem sossego
Marchando com os sem nada
Os sem serviço e garantia
Os sem dinheiro e os sem moradia
Todos unidos contra aqueles
Do Palácio da Alvorada

Foi uma marcha bonita
Foi até gravado na fita
Pois foi bem organizada

Eu tenho orgulho em dizer
Que estando com o Movimento

Para mim não falta nada
 No segundo dia de viagem
 Com muita chuva e friagem
 Fizemos a primeira parada
 Eu longe de meus parentes
 Mas estava muito contente
 Com essa boa companheirada
 Com os mesmos pontos de vista
 Foi na Avenida Paulista
 O fim desta caminhada (...)
 (Castro, 2022, p. 74).

Marchar de Novo

No dia 26 de julho
 Eu tive muito orgulho
 No Rio de Janeiro
 Fui somente para ver
 Não podia deixar de ir
 E a alegria repartir
 Na marcha com o MST
 Porque esta semente que nasce
 Defende a nossa classe
 Para o Brasil crescer
 Sem ver o sangue correr.

Sou brasileiro e vou
 Nesta marcha com a mochila
 Eu tenho muito prazer
 De ir com o MST
 Porque a gente não vacila
 Em todo ponto de vista
 Com repórter ou jornalista
 Eles também não cochilam
 Fazendo as suas manchetes
 Para outubro no dia 7
 A marcha chegar em Brasília. (...)
 (Castro, 2002, p. 91).

Apesar da esperança no novo século, principalmente após a redemocratização do país e as possibilidades das conquistas de direitos sociais, entre o fim da década de 90 e o início dos anos 2000 é possível identificar as ações mais incisivas do movimento acerca da Reforma Agrária enquanto um direito. Tendo em vista principalmente as eleições presidenciais e o Partido dos Trabalhadores (PT) como uma promessa. Assim como todo o contexto sociopolítico apresentado até aqui, este momento é descrito nas poesias de seu Luiz, como no fragmento da poesia “1999” de 2007.

Entre 1997 e 1999 se falava Lula lá

Agora tudo mudou é que o Lula não está
 Cumprindo o que ele falou com a força popular
 A gente falar não convém pois 2000 lá vem
 O bicho vai pegar

O Lula hoje está assim com um pé lá e outro cá
 Com o olho direito olhando a bola rolar
 Se a bola for grande pra ele pular e pegar
 Se a bola é pequena não vale a pena
 A gente segurar

Esta é a comparação que eu faço, não sei se Lula ou Luiz Inácio
 Com uma mão segurando os dois braços
 Precisa ter muito cuidado com a rodia do laço
 Se o voto não fechar agora pode escapar
 É aonde vem o fracasso

Agora na rede nacional eu escutei o Lula falar
 Ele falou muito bem o Brasil como está
 Não sei o café ou o arroz ou se a cana dá
 Não sei porque assim ou porque não se é pinto ou gavião
 Porque ele não quis falar

Agora no 5 ° Congresso eu acabei de crer
 Que o Lula não está mais com quem veio lhe eleger
 Com a força popular e com o MST
 Lula tá aprendendo a jogar com um pé lá e outro cá
 Para a bola prender
 (Castro, 2009, p. 56).

O PT teve sua formação no mesmo contexto do MST e outros movimentos sociais com ideais libertários, sendo direcionado pelas lutas da classe trabalhadora. Sua representatividade e relação com o povo era justamente o diferencial, levando em consideração as ações do PCB e a relação contraditória com as bases populares. Por este motivo, a notoriedade do PT e as possibilidades de disputa com a extrema-direita e seus velhos representantes da burguesia nacional era uma esperança para o povo (Alves, 2014).

No entanto, a partir da perda das eleições presidenciais de 1989, o partido seguiu por outros caminhos, tendo em vista principalmente as alianças ditas necessárias para disputar as próximas eleições. Assim, a expressão utilizada por seu Luiz, “um pé lá e outro cá”, representa o descontentamento daqueles que apoiaram o partido desde suas primeiras ações. No caso dos sem-terra, o esperado era a ampliação da discussão sobre a Reforma Agrária e a definição do direito à terra, tendo em vista principalmente a proteção contra o latifundiário. A aposta em

um governo de esquerda era a esperança que os sem-terra buscavam, para que finalmente tivessem resposta.

Já em 2002, quando o PT ganha sua primeira eleição presidencial, com Luiz Inácio Lula da Silva como presidente, consolida-se o que mais tarde seria identificado como o afastamento do partido de suas bases populares. A contradição destes acontecimentos é justamente o que expressa a indignação de Seu Luiz. A figura de Lula, enquanto parte da classe trabalhadora e dos militantes, representava a identificação nunca vista anteriormente.

Para Menegat (2008, p. 12) “A esquerda política vive o seu ocaso, e ele não é apenas um problema moral. Ela ficou cega justamente quando o capitalismo deixou de ser civilizatório. De certo modo, este é o maior dos paradoxos”. Assim, a decepção se consolida quando a Reforma Agrária não é mais uma pauta discutida pelo então presidente e seus aliados. Dessa forma, reafirmando ainda mais a ação dos setores interessados pelo fim do direito à terra. A seguir, a poesia “Reforma Agrária Agora é Lei” de 2007, como um breve resumo deste cenário de disputas.

A Reforma Agrária é uma lei há muitos anos foi assinada
Sai um presidente e entra o outro ela fica ali parada
Ela fica no Congresso presa e engavetada
Eles diz que tá fazendo mas do jeito que eu tô vendo
justa não tá feito nada

Eu me lembro muito bem quando João Goulart entrou
Ele foi lá no Congresso a Reforma Agrária achou
Ele pegou sua caneta e o projeto ele assinou
Preste atenção e analise a Reforma Agrária é preciso
Pra todo trabalhador

João Goulart foi infeliz o seu projeto fracassou
Com o golpe militar Castello Branco ganhou
Do lado do latifúndio João Goulart eles acusou
Com essa grande conquista João Goulart era comunista
Do Brasil eles expulsou

Os latifúndios acharam bom a Reforma Agrária acabou
Saiu pro Brasil afora muita terras eles grilou
No Acre matou Chico Mendes começaram com o terror
Assim é que eles foram indo no Maranhão matou o Padre
Josimo
O ministro do senhor

Agora na rede nacional eu escutei o Lula falar
Falou muito bem do jeito que o Brasil está
Eu não sei o porque sim e o porque não da Reforma Agrária
não quis falar
Reforma Agrária não é segredo será que foi medo

Com um pé lá e outro cá?
(Castro, 2009, p. 57).

Em suma, no decorrer dos governos seguintes do PT, perde-se definitivamente a relação com suas bases. Ao mesmo tempo, é possível identificar a improbabilidade de um governo puramente de esquerda, tendo em vista o direcionamento conciliatório tomado pelo partido. Com o acirramento do cenário sociopolítico, em função do neoliberalismo como resultado do aprofundamento da crise atual mundial, observa-se a fragmentação ainda maior dos movimentos sociais e da classe trabalhadora.

A Consolidação da experiência envolve a reflexão e conscientização sobre o contexto de surgimento e resistência dos grupos auto organizados e movimentos sociais, como o MST. Bem como a ação de resistência na crise estrutural do capital, em um cenário de barbárie. A luta pela existência no cenário de barbárie expressa a importância da consolidação da memória destes atores, que neste caso é seu Luiz. Para Mészáros (2011), quando relata sobre o Brasil e a América latina em “Para Além do Capital”, a resposta a existência e ação dos movimentos sociais ficará cada vez mais opressiva, no entanto, essa reação mostra a efetividade da organização popular, apesar de tudo, na crise atual vivenciada, ainda há possibilidades de um resultado positivo.

O antagonismo e a resistência da ordem estabelecida, apoiados pelas forças mais reacionárias do imperialismo hegemônico mundial, às mudanças tentadas por esses movimentos e seus aliados em outras partes da América Latina deverão ser ferozes. Ao mesmo tempo, não há dúvidas de que o sucesso dos movimentos radicais alternativos vai depender em grande parte da solidariedade internacional socialista e de sua capacidade de inspirar também a esquerda organizada tradicional de seus países a se unir à luta. Pois somente um movimento socialista de massas tem condições de enfrentar o grande desafio histórico que nos espera no século decisivo à nossa frente (Mészáros, 2011, p. 33).

O MST e os movimentos auto organizados de luta pela terra, seguiram combativos em defesa de seus objetivos. É inegável que o contexto atravessa definitivamente a sobrevivência dos homens e mulheres que vivem às margens da sociedade de formas mais violentas, mas é na coletividade e na práxis emancipatória que encontramos as respostas. Esta como teoria e prática aliadas à realidade, a única possibilidade de ocorrer uma transformação social é a revolução

popular. A luta pela garantia de sobrevivência humana, perante a crise atual, sendo esta global, estrutural e sistêmica (Mészáros, 2011), não será alcançada por ações conformistas e imediatistas. As ações realizadas pelo MST contribuem para a tomada de consciência do mundo e de si, se aprofundada a crítica radical do valor em suas experiências concretas.

Ao longo de toda pesquisa foi possível conhecer o contexto de luta pela terra, a partir da história de seu Luiz. Aqui, representado como o personagem principal, mas igualmente comum a todos os sobreviventes que são parte desta luta. O homem comum que cria e se recria em sua arte, marchando, junta-se aos seus em busca de uma transformação para o mundo. Por fim, destaca-se a poesia “Meu Brasil” de 2002.

Os brasileiros do sul ou norte
Que seja do campo ou da cidade
Vamos todos seguir juntos
Com toda a sociedade
Vamos com o MST
Porque ele tem capacidade
Para juntos ajudar
O nosso Brasil melhorar
Com paz, justiça e liberdade

Eu fui no Rio de Janeiro
Na semana cultural
De tudo que eu vi na feira
Eu achei muito legal
Os feitos do MST
Com produto natural
Tinha caldo de cana e beju
Nas palha de banana o tutu
Farinha de mandioca especial

Tudo o que eu vi nesta feira
Era só gente honesta
Todos com muita alegria
Isto aqui pra mim é festa
Fui em todas as piscinas
E não perdi uma palestra
Recordei todo o passado
Quando aqui era mato fechado
Tinha pássaros na floresta

As coisas que eu nunca vi
Nesta semana fui ver
O que os nortista mostraram
O jeito de sobreviver
Fazendo aquelas estátuas
Manual pra o povo ver
Toda aquela estrutura
Na feira tinha fartura

Com os feitos do MST

De tudo que eu vi ali
Eu só tenho a agradecer
A todos meus companheiros
Que são do MST
Eu fui lá em cima da serra
A imagem do Cristo ver
Me deu força e coragem
Admirei a paisagem
No subir e no descer.
(Castro, 2002, p. 147).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em questão levou aproximadamente três anos para ser elaborada, tendo em vista os anos da pandemia de Covid 2019, que impactou drasticamente a vida de todos os brasileiros. Portanto, a pesquisa é uma continuidade dos estudos acerca da produção poética do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, iniciados com o Grupo de Estudos Cultura e Educação Popular.

De forma introdutória, aqui busca-se fazer um apanhado geral dos principais pontos de reflexão acerca da cultura popular e a luta pela terra, tendo em foco a poesia da terra. Assim, foi possível identificar que para entender a importância da poesia camponesa é necessário reconhecer o teor de subversão que a constitui enquanto expressão cultural.

A experiência de pesquisa, já em 2021, demonstrou a necessidade de ampliação da divulgação da poesia da terra e da cultura popular como um todo. A poesia da terra, carregada de identidade, é uma das formas radicais necessárias de luta na sociedade capitalista atual. Radical no sentido de contribuir para a transformação social, para a reflexão e para a resistência. A “simples” ousadia de recriar o destino traçado. A cultura e suas inspirações populares, no MST, fazem parte da sua mística, enquanto uma representação da força interior que a constitui. Nesta mística, os sem terra se conectam com a sua ancestralidade, que está presente na formação política que ocorre de forma orgânica no cotidiano.

A produção de conhecimento que busca referências em outras formas de experiências, para além da formal, é um dos caminhos para um diálogo mais alinhado e próximo aos novos movimentos sociais que trazem consigo o embrião da crítica radical da barbárie. E sobretudo, conhecendo e dando visibilidade às experiências ancestrais de luta, atendo-se a Luiz Beltrame como um dos atores que carregou consigo a sabedoria da terra, transmitindo suas experiências através da oralidade e da escrita.

Para além do percurso descrito na pesquisa, enquanto graduanda do curso de Serviço Social de uma universidade Rural, foi possível enriquecer minha formação de forma mais ampliada. Com a integração com atividades com outros cursos e outras experiências que não seriam vivenciadas sem a oportunidade de participar de ações que buscam a integração multidisciplinar dos saberes. Além disso, a valorização dos saberes populares enquanto ponto central, enfatizando as vivências a partir da educação popular.

A construção desse percurso formativo potencializou minha história, desde os primeiros passos educacionais. O que aprendi no meu território, com os meus mais velhos, não era mais sinônimo de inferioridade, mas sim um saber a ser valorizado e compartilhado.

Portanto, quando falo de entrar e sair da universidade pelas portas da frente, falo justamente dessa possibilidade de revisitar o passado, como foi possível fazer a partir da poética de seu Luiz, e traçar novos rumos para o futuro. Pensar a universidade com características populares, com a realização cada vez maior de ações que integrem a comunidade da cidade de Seropédica, é um dos caminhos possíveis para romper com o afastamento que ainda existe.

Já em relação à formação no curso de Serviço Social, é inegável o compromisso com uma formação cada vez mais atual e coerente com a realidade social. No entanto, ainda há necessidade de romper com a bolha das ciências sociais aplicadas, buscando ainda mais a integração dentro e fora da universidade, expandindo a experiência formativa para além dos muros. Esta é uma tarefa para todos que constroem o curso, coordenadores, técnicos, docentes e discentes. É uma tarefa do ontem e do hoje, para buscar a formação que se compromete a profissão.

E assim, espera-se que este trabalho de conclusão de curso contribua para a reflexão coletiva acerca do tema na universidade, e, além disso, para a ação de contribuição da transformação da nossa realidade.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Adriana Amaral Ferreira. **Ensaio das formas de resistência na história: crítica do capital e práxis emancipatória**. 2013. 205f. Doutorado (Tese). Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro.

ALVES, Adriana. Educação Popular, Movimentos Sociais e Serviço Social em tempos de barbárie. In: **Revista Libertas**, Juiz de Fora, v. 14, nº 02, 2014, p.1-29. Disponível em: <https://cress-sp.org.br/wp-content/uploads/2016/05/Emancipa-2021-ONLINE-4.pdf> Acesso em: 12/02/2024

ARANTES, Paulo Eduardo. A fratura brasileira do mundo. In: **Zero à esquerda**, São Paulo: Conrad, 2004. Disponível em: <https://sentimentodadialetica.org/dialetica/catalog/book/81> Acesso em: 21/12/2023

ARANTES, Paulo Eduardo. **O novo tempo do mundo: e outros estudos sobre a era da emergência.** São Paulo: Boitempo, 2014.

AZEVEDO, Fábio Palácio de. O conceito de Cultura em Raymond Williams. **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS)**, São Luís v. 3, Número Especial, Jul./Dez., 2017. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ri-cultsociedade/article/view/7755/4806> Acesso em: 28 jan. 2024.

BENJAMIN, Walter. **Ensaio sobre literatura e história da cultura.** Obras escolhidas, v. 1, São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. **Exposição: memória camponesa - a luta pela terra e as guerrilhas camponesas (1946-1957).** Brasília: SDH, 2014. Disponível em: <https://www.ligascamponesas.org.br/?p=342> Acesso em: 11/12/2023

BRASIL. **Programa de Metas do Presidente Juscelino Kubitschek. Situação do plano de desenvolvimento econômico em 31 de dezembro de 1958.** Presidência da República. Serviço de Documentação. Rio de Janeiro, 1958. Disponível em: <https://bibliotecadigital.economia.gov.br/handle/777/33> Acesso em: 22/11/2023

BRIGHENTI, Clovis Antonio; Heck, Dionisio Egon. **O movimento indígena no Brasil: da tutela ao protagonismo (1974-1988).** Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2021. Disponível em: https://portal.unila.edu.br/editora/livros/e-books/movimento_indigena.pdf Acesso em: 27 dez. 2023.

BOGO, Ademar. **Caderno de Formação nº 34: O MST e a Cultura.** NERA, 2000. Disponível em: <https://mst.org.br/download/caderno-de-formacao-no-34-o-mst-e-a-cultura/> Acesso em: 20 dez 2023.

BOGO, Ademar. A mística: parte da vida e da luta. 2010. Disponível em: <http://base.d-p-h.info/pt/fiches/dph/fiche-dph-8237.html>. Acesso em: 24 de fev 2024.
CABRA marcado para morrer. Eduardo Coutinho. Produção de Zelito Viana e Eduardo Coutinho. Brasil: Gaumont do Brasil, 1984. Disponível em: < <https://youtu.be/4-HBPSqqonU> > Acesso em: 18 fev. 2021.

CALDART, Roseli Salete **Sem terra com poesia: a arte de recriar a história.** São Paulo: Expressão Popular, 1987.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos.** 5ª Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CASTRO, Luiz Beltrame. **Sonho com a terra.** São Paulo: Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania, Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo, 2002

CASTRO, Luiz Beltrame. **Sonho com a vida.** 1ª Ed., São Paulo: Expressão Popular, 2009.

CARDOSO, Edson Lopes. **Negro, não! A opinião do jornal *Írohin*.** Brasília: Brado Negro, 2015.

HOOKS, *Bell*. **Ensinando a transgredir**: A educação como prática da liberdade. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2017.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. 1ª Ed., Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FANON, Frantz. Em defesa da revolução africana. Lisboa: Sá da Costa, 1969.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008

FERREIRA, Amaral Adriana. Depois Da Barbárie: Pensando os Sentidos De Práxis Das Massas No Brasil Contemporâneo. *In: Ensaaios de teorias críticas da sociedade*. Seropédica: EDUR UFRRJ, 2021. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/456346/adriana-amaral-ferreira-alves> Acesso em: 12/02/2024

FERNANDES, Bernardo Mançano. A formação do MST no Brasil. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brasil**: 500 anos da luta pela terra. 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 80ª Ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. 1. ed., São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, P.; NOGUEIRA, A. **Que fazer**: teoria e prática da educação popular. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

JULIÃO, Francisco. **Cadernos do povo brasileiro**: O que são Ligas Camponesas? Rio de Janeiro: Editora Civilização brasileira S.A., 1962. Disponível em: <https://documentosrevelados.com.br/wp-content/uploads/2018/09/francisco-juliao-qu-e-sao-as-ligas-camponesas.pdf> Acesso em: 11/12/2023

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LUIZ, Poeta *et al*. Produção de Fábio Eitelberg. Brasil: 2012. Disponível em: <https://curtadoc.tv/curta/biografia/luiz-poeta/>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

MARX, *Karl*. **Grundrisse**. Manuscritos econômicos de 1857-1858. Esboços de uma crítica da economia política. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: EDUFRJ, 2011. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=3155592> Acesso em: 08/08/2023

MENEGAT, Marildo. **Sem lenço nem aceno de adeus. Formação de massas em tempo de barbárie: como a esquerda social pode enfrentar esta questão?** Praia Vermelha, n. 18, Rio de Janeiro: PPGSS/UFRJ, 2008.

MENEGAT, Marildo. **Unidos por catástrofes permanentes**: o que há de novo nos movimentos sociais da América Latina. *In*: Anais... VII SIMPÓSIO NACIONAL ESTADO E PODER: SOCIEDADE CIVIL, 2012, Uberlândia, MG. Uberlândia: Núcleo de Pesquisa em História, Cidade e Trabalho – NUHPECIT/PPGHAIS/UFU; Niterói, RJ: Núcleo de Pesquisas sobre Estado e Poder no Brasil – NUPEP/PPGH/UFF, CAPES, 2012. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/estadoepoder/7snep/docs/005.pdf> Acesso em: 25/01/2024

MENEGAT, Marildo. Da arte de nadar para o reino da liberdade. *In*: VILLAS BÔAS, R. L.; PEREIRA, P. M. **Cultura, Arte e Comunicação**. São Paulo: Outras Expressões, 2015. Disponível em: <https://sites.google.com/view/mstformcaocvd19/rap-e-educa%C3%A7%C3%A3o/rap-e-educa%C3%A7%C3%A3o-m%C3%B3dulo-i/5-cultura-artes-e-linguagens> Acesso em: 25/01/2024

Memorial das Ligas e Lutas Camponesas. História das Ligas Camponesas. 2023. Disponível em: https://www.ligascamponesas.org.br/?page_id=99 Acesso em:

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MÉSZÁROS, István. **A Crise Estrutural do Capital**. 2 ed., São Paulo: Boitempo, 2011.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **As Ligas Camponesas às vésperas do golpe de 1964**. Proj. História, São Paulo, (29) tomo 2, dez. 2004, p. 391-416. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/9974> Acesso em: 12/12/2023

MONTENEGRO, Antonio Torres. Ligas camponesas e sindicatos rurais em tempo de revolução. *In*: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia (orgs.). **O Brasil Republicano**: O tempo da experiência democrática. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

MOURA, Clóvis. **Dialética radical do Brasil negro**. 3ª Ed., Anita Garibaldi: São Paulo, 2021.

MORISSAWA, Mitsue. **A História da Luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão popular, 2001.

Movimento dos Trabalhadores Sem terra - MST. **Memória – Marcha Nacional por Emprego, Justiça e Reforma Agrária, Brasília 1997**. Disponível em: <https://mst.org.br/2021/04/17/memoria-marcha-nacional-por-emprego-justica-e-reforma-agraria-brasil-1997/> Acesso em: 12 jan. 2023.

Movimento dos Trabalhadores Sem terra – MST. **O MST**: Nossa história: O embrião do MST. 2023. Disponível em: <https://mst.org.br/nossa-historia/70-82/>

Movimento dos Trabalhadores Sem terra – MST. **Memória - Marcha Nacional por emprego, justiça e Reforma Agrária**. Brasília 1997. 2023. Disponível em:

<https://mst.org.br/2021/04/17/memoria-m-archa-nacional-por-emprego-justica-e-reforma-agraria-brasilia-1997/>

NETTO, José Paulo. **Ditadura e Serviço Social**: uma análise do serviço social no Brasil pós-64. 17ª Ed., São Paulo: Cortez, 2015

NOVAIS, Fernando A.; MELLO, João Manuel Cardoso de. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. *In*: NOVAIS, Fernando A.; SCHWARCZ, Moritz Lilia (org.). **História da vida privada no Brasil 4**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

OLIVEIRA, A. D. de.; CABRAL, C. A.; AZEVEDO, E. E. F. do N.; CAETANO, E. Capitalismo, território e conflitos: a resistência dos povos e comunidades tradicionais no Brasil. **PerCursos, Florianópolis**, v. 19, n. 40, 2018, p. 186 - 220. Disponível em: [www.revistas.u](http://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1984724619402018186)
[desc.br/index.php/percursos/article/view/1984724619402018186](http://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1984724619402018186) Acesso em: 21 jan. 2024.

OLIVEIRA, João Pacheco de. "Prefácio" *In*: OLIVEIRA, João Pacheco de. **O nascimento do Brasil e outros ensaios**: "pacificação", regime tutelar e formação de alteridades. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016. Disponível em: [https://jpoantr](https://jpoantr-opologia.com.br/livros)
[opologia.com.br/livros](https://jpoantr-opologia.com.br/livros) Acesso em: 21/12/2023

POSTONE, M. Necessity, labour and time: a reinterpretation of the marxian critique of capitalism. **Social Research 45**, 1978, p. 739-788. Disponível em: [https://p](https://latypus1917.org/wp-content/uploads/readings/postone_necessitylabortimemarx1978.pdf)
[latypus1917.org/wp-content/uploads/readings/postone_necessitylabortimemarx1978](https://latypus1917.org/wp-content/uploads/readings/postone_necessitylabortimemarx1978.pdf)
[pdf](https://latypus1917.org/wp-content/uploads/readings/postone_necessitylabortimemarx1978.pdf) Acesso em: 12/02/2024

RIDENTI, Marcelo. **O fantasma da revolução**. São Paulo: Unesp/Fapesp, 1993.

RIDENTI, Marcelo. **Em busca do povo brasileiro**: artistas da revolução, do CPC à era da TV. 2ª Ed. São Paulo: Unesp, 2014

SCHWARZ, Roberto. O fio da meada. *In*: **Que horas são?** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SCHWARZ, Roberto. **Cultura e política**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **A Luta pela Terra e as Guerrilhas Camponesas (1946-1957)**. Brasil: ver data. Disponível em: [https://www.ligascamponesas.org.br/wp-content/uploads/A-Luta-pela-Terra-e-as-Gue](https://www.ligascamponesas.org.br/wp-content/uploads/A-Luta-pela-Terra-e-as-Guerrilhas-Camponesas.pdf)
[rrilhas-Camponesas.pdf](https://www.ligascamponesas.org.br/wp-content/uploads/A-Luta-pela-Terra-e-as-Guerrilhas-Camponesas.pdf) Acesso em: 15 jan. 2024.

SILVA, Ana Paula Procopio da. **O contrário de "casa grande" não é senzala. É quilombo! A categoria práxis negra no pensamento social de Clóvis Moura**. 2017. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PPGESS-UFRJ, 2017. Disponível em: [http://objdig.ufrj.br/30/teses/866835.pdf?fbclid=IwAR0D3GkPw3jknTKSvvSCp4noxX](http://objdig.ufrj.br/30/teses/866835.pdf?fbclid=IwAR0D3GkPw3jknTKSvvSCp4noxXQA7WMuyJ5wFzFcgZ8SreJhebv9bCctPo)
[QA7WMuyJ5wFzFcgZ8SreJhebv9bCctPo](http://objdig.ufrj.br/30/teses/866835.pdf?fbclid=IwAR0D3GkPw3jknTKSvvSCp4noxXQA7WMuyJ5wFzFcgZ8SreJhebv9bCctPo) Acesso em: 01/12/2023

TROCATE, Charles. Búfalo Antigo – ou Gabriel e outras orquídeas no bolso. **Revista Poíesis**, Niterói, v. 22, n. 37, jan./jun. 2021, p. 91-104. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/poiesis/article/download/47237/27475/163268> Acesso em: 20/12/2023

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VIANA, Gilney (*Coord*). **Camponeses mortos e desaparecidos**: excluídos da Justiça de Transição. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2013.

WILLIAMS, R. **Cultura e sociedade**: de Coleridge a Orwell. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.